



Universidade do Minho

Instituto de Ciências Sociais

Frederico Caetano Pereira da Silva de Portugal Dias

**Franciscanos e Dominicanos nos
séculos XIII a XV: sociedade e
espiritualidade**

Dissertação de Mestrado

Mestrado em História

Trabalho realizado sob a orientação do

**Professor Doutor Arnaldo Rui Azevedo
de Sousa Melo**

Outubro 2018

DECLARAÇÃO

Nome:

Frederico Caetano Pereira da Silva de Portugal Dias

Endereço electrónico: fred19@mail.com Telefone: +351 91 1997 019

Número do Bilhete de Identidade: 14690027

Título dissertação:

Franciscanos e Dominicanos nos séculos XIII a XV: sociedade e espiritualidade

Orientador(es):

Professor Doutor Arnaldo Rui Azevedo de Sousa Melo Ano de conclusão: 2018

Designação do Mestrado:

Mestrado em História

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, __/__/____

Assinatura: _____

Agradecimentos

A realização desta tese de mestrado só foi possível graças ao inestimável auxílio e disponibilidade do Professor Doutor Arnaldo Rui de Azevedo de Sousa Melo, sem os quais não me seria possível atingir o presente nível de profundidade científica.

Agradeço igualmente à minha família pela motivação e pelo apoio logístico constante, durante a realização desta tese, em detalhes que não sendo visíveis neste trabalho, o tornariam praticamente impossível.

Resumo

O objeto de estudo nesta dissertação baseia-se em torno das Ordens Mendicantes, principalmente a Ordem Franciscana e a Ordem Dominicana, em entender qual foi o papel que assumiram a nível social e religioso e quais os seus impactos na Idade Média entre o século XIII a XV.

Pesquisando quais eram as semelhanças e diferenças entre as ordens, esclarecendo as suas origens, como também as origens dos seus fundadores, a forma como os seus membros praticavam a sua espiritualidade, o seu estilo de vida e as suas interações com outros grupos sociais e como estas se refletiam em acordo com os seus princípios. Recorrendo às fontes e bibliografia disponíveis, a pesquisa dos elementos mencionados anteriormente e a realização de interpretações é possível para a finalidade de obter o conhecimento do papel e impacto das Ordens Mendicantes e dos seus princípios que se inseriram na sociedade medieval.

Abstract

The object of study in this dissertation is based around the Mendicant Orders, mainly the Franciscan Order and the Dominican Order, in understanding what role they assumed on a religious and a social level and what were their impacts in the Middle-Ages between the 13th and 15th centuries.

Researching what were the similarities and differences between the orders, clarifying their origins, as well as the origins of their founders, the way how it's members practiced their spirituality, their lifestyle and their interactions with other social groups and how these were reflected in accordance with their principles. Using available sources and bibliography, the search of the elements mentioned above and the accomplishment of interpretations is possible for the purpose of obtaining the knowledge of the role and impact of the Mendicant Orders and of their principles that were inserted in the medieval society.

Índice

Agradecimentos.....	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Introdução	1
1. Antecedentes.....	5
1.1 Renascimento do Século XII	5
1.2 A Igreja durante o Século XII	9
1.3 Ordens Mendicantes	11
2. Ordem dos Frades Menores	17
2.1 Vida de Francisco de Assis	17
Juventude do Poverello	17
Conflito do espírito	20
Prática da pobreza e a renúncia dos bens mundanos.....	24
Seguimento da vontade do Senhor	29
Audiência com o Papa Inocêncio III e aprovação da Ordem e da Regra.....	34
Começo dos Frades Menores	38
Lições do Poverello	40
Prática da pobreza	44
Difundir a Paz entre os infiéis	48
Restabelecimento das virtudes e reforma da Ordem	51
Aceitação da Irmã Morte	52
2.2 Figuras marcantes da ordem franciscana.....	59
2.2.1 Clara de Assis	59
2.2.2 Santo António.....	62
2.2.3 São Boaventura.....	66
2.3 Regra Franciscana e estrutura da ordem	70
3. Ordem dos Pregadores.....	75
3.1 Vida de Domingos de Gusmão	75
Inícios de um pregador	75
Prática da Evangelização	78
Na defesa da cristandade	86
Aceitação da proposta pregadora	90

Fundação e estabelecimento da ordem dos pregadores.....	95
Difusão e organização da ordem	101
Últimas ações e falecimento de Domingos de Gusmão	107
3.2 Figuras marcantes da ordem dominicana	114
Tomás de Aquino	114
3.3 Regra de S. Agostinho e estrutura da ordem	118
Conclusão.....	123
Fontes e bibliografia	127
Fontes Impressas	127
Referências bibliográficas.....	127
Webgrafia	128

Introdução

A escolha do tema em torno das Ordens Franciscanas e Dominicanas deve-se pelo interesse em aprofundar o conhecimento do papel das Ordens Mendicantes e investigar o contexto da sociedade e da religião da Idade Média entre os séculos XIII e XV na Europa, procurando saber a forma como os frades e freiras das Ordens Mendicantes viviam e quais as crenças e mentalidade que definiam tal forma de vida. Juntamente com a curiosidade em pesquisar os impactos que ambas as ordens incidiram sobre a Europa e as suas sociedades, e como vieram a atuar no âmbito da religião ou espiritualidade.

Ordens Mendicantes e os seus impactos a nível social e religioso, estes pontos formam os objetivos para a finalidade de conhecer as ordens e os seus feitos, como também conhecer a sociedade medieval e os diferentes grupos aí inseridos nas suas relações com essas Ordens. O conhecimento do contexto social da Idade Média é essencial para uma interpretação completa das Ordens Mendicantes, nas suas interações com a sociedade medieval.

No âmbito do seguimento e cumprimento dos objetivos estabelecidos, segue-se a apresentação da ordem ou estrutura deste trabalho, que vem ao encontro dos conhecimentos pretendidos, conhecimentos estes que se basearam numa bibliografia e fontes selecionadas para os fornecer e possibilitar o enriquecimento da interpretação dos objetos de estudo.

Antes de abordar as Ordens Mendicantes, é necessário considerar as noções dos acontecimentos e condicionantes que antecederam o século XIII, que determinam o surgimento das ordens e demonstram em que contexto é que estas surgiram. Principalmente o Renascimento do Século XII ou a situação da Igreja Latina em relação à Europa. A Idade Média, principalmente na Europa, foi palco de diversos movimentos, transformações e acontecimentos que até à contemporaneidade deixaram os seus impactos com os desenvolvimentos realizados, sendo estes a consequência dos feitos

da sociedade, de intelectuais ou até do homem comum que presenciou estas ocorrências

Após realizada a investigação dos antecedentes, apresenta-se uma breve definição das Ordens Mendicantes e as suas doutrinas, que apresentam as duas ordens de maior predominância, a Ordem Franciscana ou dos Frades Menores, e a Ordem Dominicana ou dos Frades Pregadores. Depois do estabelecimento de uma noção geral de Ordens Mendicantes, realiza-se uma análise das duas ordens mencionadas em diferentes capítulos e subcapítulos adjacentes a cada uma delas, detalhando breves biografias dos seus fundadores, bem como referências de algumas das figuras marcantes que pertenceram às ordens, além das regras e princípios que seguem.

Há de se observar e interpretar o papel e o impacto de cada um dos autores desta cadeia de eventos, duas das Ordens Mendicantes que vieram não só a renovar o cristianismo e a Igreja na fé e na sua ação, como também deixaram um impacto sobre a sociedade medieval em diversos setores, como no ensino e na teologia, mas, principalmente, trouxeram uma nova abordagem que veio a ser executada através da mendicidade e da caridade, contribuindo para revolucionar a mentalidade da sociedade medieval.

Renovação tal que teve impacto na mentalidade incidida sobre a fé, como o exemplo franciscano da prática da pobreza extrema, entendida como meio de elevação da alma e aproximação do exemplo de Cristo nas suas obras de caridade e na sua vida em simplicidade, onde se poderia encontrar o caminho para a derradeira felicidade. Tal doutrina e mentalidade franciscana veio a persuadir muitos a seguir este modo de vida. Por seu lado, os dominicanos também influenciaram a mentalidade da sociedade medieval, mas com maior impacto no setor intelectual e na educação com a presença dos membros da ordem em estabelecimentos de educação dispersos pela Europa. Inseridos numa cultura livresca que os levou à obtenção de conhecimentos, contribuíram não só para o desenvolvimento teológico ou intelectual eclesiástico da Igreja, como também participaram no desenvolvimento do conhecimento em geral.

Com o conhecimento da origem, formação e da continuação destas ordens, é possibilitada a análise dos impactos que tiveram sobre a Idade Média e a afirmação na

conclusão em relação ao alcance dos objetivos definidos, seguida pelas fontes impressas, referências bibliográficas e Webgrafia.

Sintetizando, ambas as ordens vieram a estabelecer um renascimento do espírito evangélico e espiritual perante a Igreja e a sociedade cristã, como também vieram a afetar a nível cultural, devido às ações dos fundadores de cada uma destas ordens e dos seus seguidores e descendentes. Em suma, posteriormente deram continuidade ao legado que viriam a deixar sobre a sociedade na Idade Média, tendo em conta os antecedentes, as circunstâncias e progressos realizados, sendo estes os objetivos principais deste trabalho.¹

¹ Cf. Fabrizio Mastromartino «As Ordens Religiosas», in coordenação de Umberto Eco, *Idade Média – Castelos, Mercadores e Poetas*, Volume III, p. 254-257.

1. Antecedentes

Diversos são os antecedentes que condicionaram o surgimento das Ordens Mendicantes no século XIII que são necessários para uma melhor interpretação das circunstâncias em que estas surgiram, como se encontrava o cristianismo e a Igreja a nível geral na Europa na Idade Média, em que estado estariam os reinos europeus a nível económico, demográfico e cultural e que transformações ocorreram sobre a sociedade da Idade Média e o seu modo de vida.

1.1 Renascimento do Século XII

O renascimento do século XII foi talvez um dos condicionantes de maior relevância em relação às Ordens Mendicantes, define-se pela sucessão de diversas transformações sociais, económicas, culturais e políticas nos séculos XI e XII, que teve início com a evolução de novos métodos de cultivo sobre novas terras, consequentemente levando a uma maior produtividade na agricultura para a sustentação do povo que viria a crescer.

Consequentemente isto levou ao crescimento das cidades e à centralização da atividade comercial devido ao crescimento da população e da produtividade agrícola, reforçando a vida urbana e expandindo a atividade comercial que na altura seria a atividade económica de maior influência e decisiva da sociedade. Deste renascimento comercial surgiu a burguesia, uma classe social dedicada a esta atividade, obtendo certos apoios oferecidos pelos reis, o que viria a entrar em conflito com os interesses da nobreza.

Houve uma concentração no urbanismo à medida que acompanhava o crescimento do comércio. As cidades eram, constituídas por um núcleo urbano cercado por muralhas, mas, com o crescimento da população, a construção de novas

habitações e outras estruturas ultrapassaram os limites da cidade, levando a que esta se expandisse.²

A partir do século XII, com o crescimento económico e espacial das cidades e o desenvolvimento das elites populares urbanas, desenvolve-se o poder concelhio ou municipal.³

Com todas estas inovações sobre as cidades, verificou-se uma crescente migração das populações do campo para a cidade, de forma a fugir dos impostos dos senhores feudais das suas terras, mas também à procura de segurança dentro das suas muralhas e de melhores oportunidades de trabalho, apesar de não serem bem instruídos e qualificados para certos trabalhos da cidade.

O comércio abriu a janela a diversas oportunidades e a transformações sobre os reinos da Europa Ocidental, sendo uma destas o contacto com o Oriente, o surgimento de novos postos de trabalho, maior poder de compra e o desenvolvimento das cidades para a satisfação das necessidades que acompanhavam estas transformações.⁴

O comércio foi um dos condicionantes de maior influência sobre este renascimento na Europa medieval, este fenómeno é visível através da forma como as cidades cresceram e possibilitaram a sua propagação, juntamente com o surgimento da burguesia que veio a tornar a cidade um centro de atividade comercial e de artesanato independente do senhor feudal através da comuna, levando a uma ascensão social da burguesia que passaria a administrar as atividades realizadas na cidade.

Mas este fenómeno foi fortemente influenciado por fatores condicionantes que permitiram o renovamento do comércio, como o impacto que as Cruzadas tiveram sobre a Europa, cuja realização foi possível devido ao clima de paz no continente onde cessaram os ataques dos vikings, dos sarracenos e dos Húngaros. Estas Cruzadas proporcionaram o contacto com as civilizações do Oriente e à criação de novas rotas

² Cf. Giovanni Vitolo «O Crescimento Demográfico e a Urbanização», in coordenação de Umberto Eco, *Idade Média – Catedrais, Cavaleiros e Cidades*, Volume II, págs. 134-137.

³ Cf. Ivana Ait «A Burguesia (Comerciantes, Médicos, Juristas, Notários)», in coordenação de Umberto Eco, *Idade Média – Catedrais, Cavaleiros e Cidades*, Volume II, págs. 165-169.

⁴ Cf. Ivana Ait «A Burguesia (Comerciantes, Médicos, Juristas, Notários)», in coordenação de Umberto Eco, *Idade Média – Catedrais, Cavaleiros e Cidades*, Volume II, págs. 165-169.

comerciais, levando à obtenção de bens luxuosos e exóticos que eram desejados nos mercados europeus, juntamente com o acompanhamento de mercadores nas cruzadas. Também a nobreza saiu enriquecida pela sua participação nesses movimentos.⁵

Também se verificou um ressurgimento a nível intelectual, uma vez que através do contacto com o Oriente e as novas rotas circularam novas ideias e conhecimentos, que permitiram um renascimento cultural. A importação de ideias, novos conhecimentos e de filosofias afetou o setor da educação na Europa, levando à criação de instituições educacionais, desde escolas até às universidades. O incremento do comércio e o crescimento das cidades como importantes centros urbanos possibilitou a entrada, a difusão e o desenvolvimento das mudanças sobre a cultura e a intelectualidade na Europa Ocidental.

Com o contacto com as civilizações do Oriente e o estabelecimento de rotas regulares, os produtos comerciais não seriam o único bem a circular, mas sim juntamente com os conhecimentos e ideias, levando à abertura de novos estabelecimentos de educação na Europa, como as universidades medievais, onde haveria a repartição, produção e ensinamento de conhecimentos. A tradução dos textos antigos vindos do Oriente também ocupou um papel essencial neste renascimento, possibilitando a sua leitura e o renascer do conhecimento e das ideias contidas neles. Todo o conhecimento obtido das traduções das obras clássicas e árabes do estrangeiro permitiu o desenvolvimento da intelectualidade e influenciou fortemente o setor educacional, levando ao surgimento de ideias e inovações que viriam a transformar a Europa, quer no campo das leis e do Direito, como da Filosofia e Teologia.⁶

O Levante, o sul da Itália e a Espanha demonstraram-se como área de maior concentração de interação multicultural. No Levante, os Estados cruzados possibilitaram o contacto com a cultura árabe, bem como com Constantinopla e os cristãos do Médio Oriente, e a cultura e tradição cristã de língua grega.

⁵ Cf. Diego Davide «Mercados, Feiras, Comércio e Vias de Comunicação», in coordenação de Umberto Eco, *Idade Média – Catedrais, Cavaleiros e Cidades*, Volume II, págs. 141-150.

⁶ Cf. Andrea Colli «Universidade e Ordem dos Estudos. O Método Escolástico», in coordenação de Umberto Eco, *Idade Média – Castelos, Mercadores e Poetas*, Volume III, págs. 319-339.

No sul da Itália, o latim foi estabelecido como base cultural, juntamente com os contactos no norte de África, possibilitando a criação de uma área de trocas culturais, também devido à sua localização geográfica no Mar Mediterrâneo, levando a uma difusão ampliada de ideias pela Europa. Esta região sempre manteve o contacto com o mundo árabe e o Império Bizantino, mantendo a influência do latim, grego e árabe, e nesta mesma região se realizaram as traduções destas, com o grego traduziram-se obras científicas e filosóficas, mas esta atividade foi ampliada com o contacto com o mundo árabe, chegando a possuir obras que se ocupavam da astronomia, alquimia, fisionomia e meteorologia.⁷

Enquanto na Península Ibérica, cujo território teria a presença de elementos culturais de Moçárabes, muçulmanos, judeus e cristão do Norte, desenvolveu-se uma extensa rede de trocas culturais. Algo a mencionar, é o facto da realização das traduções neste espaço geográfico ter conhecido grande significado, destacando-se, por exemplo, a cidade de Toledo que foi um centro da atividade de tradução do conhecimento árabe devido à presença de moçárabes, judeus, muçulmanos e cristãos. A Espanha no pós-reconquista era um centro de trocas culturais entre a cultura hebraica, islâmica e cristã.

Muito do material intelectual que foi mantido no Oriente, que na Europa teria sido perdido ou esquecido com o passar dos anos, especialmente nas áreas da medicina, astronomia, matemática e biologia, foi assim recuperado de novo para o conhecimento dos Europeus latinos, o que nos séculos seguintes viria a contribuir para o forte desenvolvimento intelectual dos povos da Europa. Parte deste conhecimento recuperado foi desenvolvido durante a Grécia Antiga por figuras como Hipócrates ou Aristóteles, o que levou ao renascimento da filosofia grega através de traduções em latim. Este foi o idioma selecionado pela maioria das traduções, que auxiliaram na propagação do conhecimento contido nos textos traduzidos. A tradução destes textos, especialmente dos gregos, chegou ao ocidente indiretamente através das traduções do árabe, depois traduzidas para latim durante este período dos séculos XI e XII.⁸

⁷ Cf. Andrea Colli «Universidade e Ordem dos Estudos. O Método Escolástico», in coordenação de Umberto Eco, *Idade Média – Castelos, Mercadores e Poetas*, Volume III, págs. 319-339.

⁸ Cf. Swanson, *The twelfth century renaissance*, págs. 40-65.

Por seu turno, as Ordens Mendicantes do século XIII também exerceram um papel fundamental na propagação intelectual, defendendo a sua fé através da prática e do uso da razão, também responsáveis pela tradução dos novos conhecimentos obtidos e pela sua preservação.

A obtenção de um novo nível intelectual, que contou com a participação das Ordens Mendicantes na sua propagação, e que incluiu a criação de instituições de ensino juntamente com o crescimento contínuo das cidades na Europa, possibilitou um renascimento cultural e o desenvolvimento intelectual dos europeus, tornando a cidade num centro cultural.

As transformações do renascimento do século XII, especialmente as culturais, foram fundamentais para o desenvolvimento da Europa Ocidental Medieval, sendo estas as bases para as outras diversas transformações que viriam a ocorrer nos anos que se seguem. Moldando os reinos, as suas políticas, crenças, sociedades e culturas.

O crescimento das cidades e a facilidade de difusão de conhecimentos condicionou a área de influência das Ordens Mendicantes devido à centralização da sua atividade em centros urbanos, que permitiam uma melhor divulgação dos seus princípios e estilo de vida, conseqüentemente levando ao aumento de indivíduos que teriam a intenção de participar no tipo de vida que estas ordens forneciam.⁹

1.2 A Igreja durante o Século XII

Durante os primeiros anos do século XII o cristianismo no Ocidente encontrava-se sob esplêndidos auspícios, guiando os povos europeus e mantendo a unidade entre eles através da autoridade da Igreja com sede em Roma.

O Islamismo perdeu território na Península Ibérica e foi expulso das costas da Itália, enquanto muitos dos povos Europeus unidos marcharam para o Oriente

⁹ Cf. Fabrizio Mastromartino «As Ordens Religiosas», in coordenação de Umberto Eco, *Idade Média – Castelos, Mercadores e Poetas*, Volume III, págs. 254-257.

implantando a estandarte do cristianismo sobre a cidade de Jerusalém, ao mesmo tempo que a Igreja Latina tentava reconciliar-se com a Igreja Grega.¹⁰

Mas ao contrário dos seus começos, os últimos anos do século XII foram marcados por diversas perdas, Saladino retoma a cidade de Jerusalém, deixando os cristãos somente com algum território na Síria, também a reconciliação com a Igreja Grega fracassou devido a tensões entre as duas Igrejas. E a situação era ainda pior no seio da Igreja com o clero a viver de forma luxuosa, excessiva na sua mesquinhez e na venda de favores entre si e os crentes, mesmo que S. Bernardo tivesse tentado remediar o estado em que o clero se encontrava através do restabelecimento da disciplina, a sua ação teve pouco sucesso. Isto tudo levou à decadência da Igreja e ao estado miserável em que se encontrava, levando à queda de várias igrejas e mosteiros, aumentando ainda mais a descrença perante a Igreja Latina devido às suas ações que contrariavam os ensinamentos da fé cristã e a sua distância do povo em geral.¹¹

Consequentemente este fenómeno levou ao surgimento de grupos denominados hereges pela Igreja que criticavam a sua ação e contestavam a forma como conduzia a prática da fé. Destas novas mentalidades surgiram diversos grupos, como o de Pedro Valdez, que levou à criação dos Valdenses que julgavam a Igreja irredimível por si mesma e que a corrupção e luxúria a tinha corrompido, que nem devia possuir dízimos, e que os seus membros deveriam ganhar a vida através do trabalho manual seguindo o exemplo dos Apóstolos.

Outro grupo que surgiu eram os cátaros ou albigenses (nome que surgiu devido à centralização deste grupo na cidade de Albi em França) que também se demonstravam descontentes com a Igreja, a sua crença era sobre a existência de dois princípios iniciais, o do bem e o do mal.¹²

E muitos outros grupos surgiram em contestação à Igreja de Roma. Mas foi durante estes tempos que surgiram, no século XIII, Francisco de Assis e Domingos de Gusmão e as suas respetivas ordens, ambas com semelhanças e diferenças entre si. As duas ordens, também designadas mendicantes, marcam o retorno radical à

¹⁰ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 5-13.

¹¹ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 5-13.

¹² Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 5-13.

austeridade da vida religiosa enquanto ligadas à Igreja, promovendo uma vida em pobreza, caridade e simplicidade, manifestando estes princípios através da centralização da sua atividade em cidades onde pudessem mendigar e socorrer os enfermos. A pobreza e a abdicação de bens materiais permitiram uma reaproximação da Igreja ao povo, de forma a revalorizar a imagem da Igreja Latina.

O crescimento das Ordens Mendicantes e a propagação dos seus ideais de fé possibilitou, igualmente, o desenvolvimento da contestação contra as heresias que tinham surgido e contribuiu para o restabelecimento, de novo, da autoridade da Igreja Latina.¹³

1.3 Ordens Mendicantes

Antes de avançar para uma análise profunda sobre cada uma das Ordens e dos seus respetivos fundadores, é preciso obter uma ideia geral da definição de Ordens Mendicantes, que objetivo as leva a realizar as suas ações e que semelhanças e diferenças existem entre si para atingir as suas finalidades.

O que se entende por Ordens Mendicantes? Elas são organizações eclesíásticas compostas por frades e freiras que surgiram durante o século XIII, entre elas distinguindo-se a Ordem dos Frades Menores (Franciscanos) fundada por Francisco de Assis e a Ordem dos Pregadores (Dominicanos) que foi fundada por Domingos de Gusmão. Ambas sendo diferentes e semelhantes em certos aspetos, mas possuíam a vontade comum de professar um retorno à austeridade da vida religiosa e espiritual, realizando obras de caridade, difundindo os ensinamentos do Senhor e dispondo-se ao serviço dos pobres e dos doentes.

Os princípios de pobreza, simplicidade e a aproximação ao povo viriam a contribuir para a renovação da Igreja e da sua imagem manchada pelas circunstâncias degradantes da sua ostentação, restabelecendo a confiança do povo nessa Igreja e na imagem da Igreja como seguidora dos ensinamentos do Evangelho e da Sagrada

¹³ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 5-13.

Escritura. Estas ordens contribuíram para o restabelecimento da fé cristã e da crença na Igreja católica, mas também serviram como opositores às heresias, cuja influência se tinha difundido pela Europa.¹⁴

As Ordens Mendicantes trouxeram com elas uma renovação e reforma da fé cristã na Idade Média, desenvolvendo-se como um modelo de renovação de uma nova era. São chamadas mendicantes devido ao ato de “mendigar” ou de auxiliar os mais necessitados, quer a nível alimentar com o fornecimento de comida ou através de doações para um melhor sustento económico dos pobres ao mesmo tempo que os que praticam estas ações devotam a sua vida em torno do seu voto de pobreza, desempenhando uma missão de evangelização.¹⁵

A sua ação foi levada a cabo nas cidades da Europa que durante a atualidade do século XIII se encontravam em expansão, sendo esta última uma condicionante que facilitou a entrada e estabelecimento destas ordens nas cidades, juntamente com a sua influência, quer na cidade quer nos campos que a rodeavam que eram influenciados e condicionados pela sua atividade. Isto levou a uma difusão facilitada da doutrina mendicante e da sua palavra perante as massas, apelando-as através da anunciação do Evangelho de forma simples, mas ao mesmo tempo profunda, pregando com grande devoção. Pregavam nas igrejas ou em locais ao ar livre, e tal pregação levou ao crescimento dos números de fiéis, inspirados pela vida de oração e piedade que a vida religiosa dos Franciscanos e Dominicanos fornecia.¹⁶

Mas de volta às cidades na Europa, para estas ordens não era o crescimento demográfico ou a difusão que as atraía para as áreas urbanas, mas a presença do ócio e dos vícios que residiam nestas localidades urbanizadas, o crescimento do comércio, tanto como a acumulação de bens por parte dos praticantes desta atividade, bem como os diversos tipos de influências ou poderes que se concentravam nas cidades. Acresce o facto de algumas cidades se terem tornado locais propícios para a concentração de grupos e organismos denominados heréticos, como os cátaros ou

¹⁴ Cf. Fabrizio Mastromartino «As Ordens Religiosas», in coordenação de Umberto Eco, *Idade Média – Castelos, Mercadores e Poetas*, Volume III, 254-257.

¹⁵ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 7-13.

¹⁶ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 7-13 e Cf. Jacques Le Goff «As ordens mendicantes», in Jacques Berlioz, *Monges e Religiosos na Idade Média*, págs. 227-242.

valdenses, que difundiam as suas crenças de forma a afastar os cristãos da Igreja católica. E as dificuldades que a Igreja conhecia para combater tais movimentos devido ao número reduzido de membros do clero disponíveis para esse fim, até ao surgimento das Ordens Mendicantes.

Também se difundiam novas mentalidades nas ruas da cidade, filosofias ou teologias, mas certos tópicos nos diálogos trocados entre os seus habitantes possuíam uma natureza herética que manchava o cristianismo com paganismos ou crenças consideradas erradas pela Igreja. Deste modo, pecados, heresias e vícios, vieram chamar a atenção das Ordens Mendicantes e dos seus fundadores para a necessidade da ação pregadora para fazer face às afrontas apresentadas à Igreja e a fé cristã, como também difundir a palavra do Evangelho através do exemplo de Cristo ou da instrução da Sagrada Escritura, muitas vezes realizando os sermões nas praças perante o povo. E para tal finalidade eles vieram a estabelecer igrejas e conventos dentro das cidades para a reunião dos seus membros ou discípulos e planear as abordagens a tomar para as suas missões.¹⁷

A importância do papel de ambas as Ordens cresceu de tal forma na Idade Média que muitas instituições recorriam às Ordens Mendicantes para pedir os conselhos dos seus membros em assuntos espirituais e resolução de problemas presentes nas suas localidades. Ambos os Franciscanos e Dominicanos animaram a cidade medieval através da sua ação e das transformações que impulsionaram sobre a sociedade.¹⁸

A Ordem dos Frades Menores, ou Franciscanos, foi fundada por Francisco de Assis em Itália por volta de 1209. Os seus membros viviam com a simplicidade da ausência de bens materiais que corrompem a alma e evitam a sua salvação, com a finalidade de se tornarem o mais pobres possíveis, realizando a pregação através da humildade e devoção que prestavam ao seguir o exemplo de Jesus Cristo, que também foi pobre e auxiliou os mais desafortunados. Era este o exemplo que os membros da ordem franciscana pretendiam seguir para viverem uma vida religiosa autêntica.

¹⁷ Cf. Jacques Le Goff «As ordens mendicantes», in Jacques Berlioz, *Monges e Religiosos na Idade Média*, págs. 227-242.

¹⁸ Cf. Fabrizio Mastroianni «As Ordens Religiosas», in coordenação de Umberto Eco *Idade Média – Castelos, Mercadores e Poetas*, Volume III, 254-257.

Os membros da Ordem dos Pregadores, cuja ordem foi fundada por Domingos de Gusmão em França por volta de 1216, também seguiam a procura de vivência na pobreza e no auxílio dos pobres, mas em vez de pregar através do exemplo das suas ações, eles realizavam a sua ação sobretudo através da palavra, da oração e do estudo da Sagrada Escritura e outros textos teológicos, vivendo em comunidade nos centros urbanos. A sua pregação realizava-se através de disputas e debates contra os grupos considerados hereges e a sua influência com o objetivo de promover a verdade da palavra de Deus, que os dominicanos pregavam ao serviço da Igreja perante as massas com a Verdade do Evangelho.

Ambas estas ordens estavam expostas perante desafios que teriam de superar, como o de levar a cabo a expansão da área de influência de cada uma das ordens e de realizar o movimento de fiéis inspirados numa vida cristã genuína. Um outro desafio seria face às transformações culturais que teriam ocorrido durante a época, especialmente nas universidades onde se realizavam debates que eram estimulados pelo surgimento de novas questões, e foi neste contexto que as Ordens Mendicantes, principalmente os Frades Pregadores, assumiram o papel de estudantes e professores ao entrar para estas universidades, criando centros de estudo, impulsionando as discussões sobre teologia, produziram obras e documentos, isto tudo levando ao surgimento de grandes pensadores e teólogos que viriam a trabalhar com vigor a evangelização que renovou as formas do pensamento, razão e fé.¹⁹

Por seu turno, os Frades Menores também tiveram alguns teólogos em tais instituições de ensino, como São Boaventura que também deixou o seu impacto com as suas obras nos temas da espiritualidade e da fé, mas não tantos como os dos Frades Pregadores. Esta situação deveu-se à crença que os franciscanos tinham em relação à posse de livros e conhecimentos, considerando que geravam um sentimento negativo de superioridade intelectual e em conhecimento sobre os outros, além de os livros serem por eles considerados bens mundanos, e de grande valor material, como de facto eram na Idade Média.²⁰

¹⁹ Cf. Vauchez, *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental – Séc. VIII-XIII*, págs. 141-178.

²⁰ Cf. Vauchez, *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental – Séc. VIII-XIII*, págs. 141-178.

Ambas as Ordens Mendicantes marcaram a Idade Média nas cidades e pelo mundo fora com as suas ações progressivas em vários setores do conhecimento intelectual, através da sua participação nas escolas e universidades, desde a historiografia ou teologia, como também vieram a difundir a sua mentalidade, renovando a perspetiva de muitos com o seu exemplo de vida, como também contribuíram para o desenvolvimento da urbanização e revolucionaram o clero e a Igreja na Europa. Vieram a influenciar a sociedade medieval com as suas intervenções nos concelhos municipais e outras instituições, de forma a acumular a atenção e a admiração dos povos.²¹

²¹ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 7-13.

2. Ordem dos Frades Menores

2.1 Vida de Francisco de Assis

Juventude do Poverello²²

Francisco nasceu em torno de 1181 ou 1182²³ na cidade de Assis, na província da Úmbria, em Itália, filho de Pedro Bernardão e de dona Pica Bourlemont, sendo a mãe de família francesa. Os seus pais pertenciam à burguesia da cidade e eram bem-sucedidos na venda de panos, acumulando riqueza e mantendo a comodidade da sua casa. Quando Francisco nasceu, o pai encontrava-se em negócios nos mercados de França, quando a mãe deu à luz o bebé concedeu-lhe o nome de João através do batismo na catedral de S. Rufino que se situava próxima, mas com o retorno do pai, reconsiderou o nome do recém-nascido, mudando-o para Francisco.²⁴

Durante a sua infância ele cresceu num ambiente alegre, com comodidades e afeições de sua mãe e rodeado pelas riquezas acumuladas pelo trabalho do pai. A sua educação teve lugar numa escola que se encontrava junto à igreja de S. Jorge, onde foi instruído pelos padres-mestres nas capacidades de leitura, pensamento, moralidade, a doutrina cristã, escrita e latim. Mesmo assim, Pedro Bernardão não tinha em mente que o seu filho seguisse um doutoramento na universidade de Bolonha ou em Paris para aprender artes ou teologia, a sua intenção era a de trazer o filho consigo para o instruir nas artes mercantis, contando que este ofício encaminhava riquezas para sua casa e prestígio e reputação para a família. Ele prosseguiu a sua aprendizagem das escolas para a cidade e suas vivências, aprendendo sobre o comércio dos mercados até às feiras, ou dentro de sua casa no convívio da família, e até viajando à França, visitando locais onde os panos de maior valor e qualidade se encontravam.²⁵

²² Poverello significa “pobrezinho” em italiano.

²³ Incerteza do ano em que nasceu deve-se à circunstância em que na época não era costume o registo de recém-nascidos, Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 13-22.

²⁴ Cf. Le Goff, *S. Francisco de Assis*, págs. 29-90.

²⁵ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 13-22.

Em relação à casa da sua família, como foi mencionado anteriormente, era cómoda e com grande dimensão, possuindo na sua constituição lojas, armazéns para guardar os produtos, aposentos para a família e criados, bem como estábulos. Como se pode ver, era uma habitação que refletia o sucesso que a família de Francisco teve no seu ofício e os recursos necessários para levar a cabo o mester aí realizado. Casa onde Bernardão se ocupava com o comércio de panos, onde recebia clientes interessados nas compras, chegando mesmo a deixar a habitação cheia de pessoas durante longas horas, enquanto dona Pica tratava dos trabalhos domésticos e cuidava do jovem Francisco com muita afeição. Ela seria uma mulher católica cuja alma se enchia de piedade e carinho, figura feminina e materna pela qual Francisco teria adoração, vindo a afinar o futuro carácter poético que teria mais tarde.²⁶

Durante esta época as cruzadas estavam a ocorrer e as heresias pagãs surgiam um pouco por todo o lado, levando à chamada de muitas pessoas a vir participar na luta pelo cristianismo. O pequeno Francisco enchia a sua cabeça com sonhos e fantasias de cruzadas, de santos e mártires, da reconquista da Terra Santa, de nobreza, cortes, cavaleiros até lendas do rei Artur e os feitos de Carlos Magno. Todas estas viriam a condicionar a sua futura ambição para se armar cavaleiro para um dia obter um castelo cheio de armas. Mas em relação aos sonhos que Francisco possuía, estes levaram-no a apreender conhecimentos da língua francesa, considerada a língua de grandes heróis e emoções, juntamente com a poesia, isto sendo possível devido às viagens que teve com o seu pai na França. Ao longo destas Bernardão contava histórias, uma delas sendo sobre Pedro Valdo, um mercador de grande sucesso da cidade de Lyon da França, que se despojou e repartiu todos os seus bens materiais pelos pobres, após a leitura do Evangelho, anunciando que a pobreza seria a fonte do todo o bem e virtude.²⁷

À medida que ele ia aprendendo com o pai, Francisco era uma criança turbulenta, acompanhado por amigos que eram da sua idade que jogavam e faziam corridas juntos pelas ruas e praças de Assis. Ao longo do seu crescimento, Francisco

²⁶ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 13-22.

²⁷ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 13-22.

era popular entre os seus amigos devido à sua excentricidades e desobediência, com um espírito aventureiro e adoração pelos bens requintados.²⁸

Pedro Bernardão desde cedo associou o seu filho ao seu ofício, Francisco auxiliava-o em casa na realização das vendas dos panos aos clientes, frequentando também as feiras e mercados existentes pela Itália e até em França, melhorando as suas capacidades no comércio ao longo desta prática, vindo até a ultrapassar as do seu próprio pai. Ao mesmo tempo, durante a sua juventude, ele expunha um caráter alegre e prazenteiro, também sendo modesto, nobre e generoso, convivendo com mercadores de grande notoriedade e membros da nobreza nas feiras e castelos, atraindo mais clientes para o negócio da família. O pai olhava para o filho com grande orgulho e esperança que viesse a dar continuidade e prestígio à família. Francisco encontrava-se rodeado pela juventude de Assis devido ao caráter que possuía que os impressionava, juntamente com a poesia e cânticos que recheavam as festas com música e entretinha os seus amigos.²⁹

Francisco tinha uma vida recheada de entretenimentos e distrações, mas estava ele um dia a ajudar o pai na loja e entrou um mendigo a suplicar por esmola, vindo até a implorar usando o nome do Senhor. Mas Francisco, ocupado com o seu trabalho, não deu ouvidos ao pedido e respondeu que não tinha tempo para o ajudar. Foi neste mesmo momento que os sentimentos de fé e benevolência passaram por si «Que fizeste? Se alguém te pedisse um favor em nome de qualquer príncipe, não cometerias a descortesia de recusar. Vem um infeliz, roga-te em nome de Deus, e tens a grosseria de o repelir!»³⁰

E foi então que Francisco sai da loja para vir ter ao encontro do mendigo, dando a esmola e prometendo a si mesmo que nunca mais viria a negar um pedido que fosse feito em nome de Deus, ato tal que marcou os pobres da localidade devido à generosidade manifestada por ele.³¹

²⁸ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 13-22.

²⁹ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 13-22 e Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 23-33.

³⁰ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 27.

³¹ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 23-33.

Conflito do espírito

Quando Francisco atinge os vinte anos, ele enfrentou uma época de conflitos na região da Úmbria, fomentados pela rivalidade existente entre a cidade de Assis e Perúcia. Uma das razões era o facto de Assis obedecer aos imperadores germânicos, enquanto Perugia se encontrava sujeita aos Estados Papais, ambas estas grandes potências tinham ambições de aumentar a sua área de influência e contestavam pelas terras de Itália como palco para os conflitos aí inseridos. Assis era dominada por uma nobreza³² que governava de forma impositiva. Mas em 1197, morreu o imperador Henrique VI, morte esta que levou a alguma instabilidade, uma nobreza que se encontrava aflita devido às circunstâncias presentes e a reações do povo que ameaçava vingança, foi neste contexto que os assisienses aproveitaram-se desta situação e expulsaram a nobreza da sua cidade, estes últimos fugindo para Perugia prometendo a vingança por esta ousadia por parte do povo de Assis, foi neste contexto que a nobreza pediu o auxílio dos perusinos, desencadeando então uma guerra entre as duas cidades.³³

Em 1202, o povo de Assis prepara-se para avançar contra Perugia, peões e cavaleiros, e entre eles estava Francisco armado em cavaleiro, ocorrência que era comum pois os mercadores que possuíam cavalo e armadura alistavam-se como cavaleiros. E foram então ao encontro da batalha, mas os perusinos estavam bem alertados dos movimentos das forças de Assis que vinham a caminho, realizando uma emboscada sobre estas o que lhes forneceu a vantagem do elemento de surpresa, acabando por levar a uma derrota devastadora do exercito de Assis em batalha e prolongando a guerra até 1209, sendo levados muitos prisioneiros para Perugia, incluindo Francisco, durante um ano. Mesmo assim, os ânimos de Francisco não eram deitados abaixo facilmente, ao contrário do resto dos prisioneiros, ele estava sempre contente e generoso, alastrando este sentimento entre os companheiros de prisão. Em Assis, os pais estavam recheados de receios com o seu filho numa cadeia, foi então que Pedro Bernardão decidiu pagar com o seu próprio dinheiro pela liberdade do seu

³² Nobreza que se estabeleceu em Assis após a sua tomada por parte do Sacro Império Romano, Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 35-50.

³³ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 35-50.

filho, mas Francisco é libertado enquanto se encontrava enfermo, sem as energias após a sua longa permanência na cadeia e cheio de febre, com problemas de digestão e de vista.³⁴

Passou algum tempo em que Francisco ficou repousado em sua casa até recuperar as suas forças em 1204, quando ele se levantou apoiado por um bastão para andar dentro da habitação da sua família, e num dia, ele entusiasma-se e sai para caminhar por Assis e pela natureza, mas olhando para o mundo de uma maneira que nunca tinha visto. Observando as várias coisas que o mundo não contava, uma transformação completa e espontânea da sua perspetiva que comovera o seu coração e mexera o seu espírito, passando muitas vezes pelas colinas para contemplar uma beleza harmoniosa e deslumbrante dos vastos campos.³⁵

A sua perspetiva sobre a vida transformou-se de forma radical, nascendo em si um anseio de crescer para o Alto³⁶, fomentado pelos ensinamentos cristãos que apreendera na sua educação, juntamente com a influência da sua mãe muito devotada pela fé, as histórias de santos e mártires, os atos das cerimónias e a ação dos Cátaros e dos Valdenses com os seus princípios, e outros grupos que alimentaram este fanatismo alucinado de Francisco com que crescera, prestando-lhes uma certa veneração. Ele veio ao encontro da revelação da futilidade da vida que teve até aquele ponto, surgindo dentro de si um despertar do seu coração para uma nova forma de olhar para a ela. O trabalho na loja do pai e o seu atendimento às festas continuavam, mas ele não encontrava nenhum agrado, mesmo que tivesse sido bem sucedido nas suas atividades, ele sentia um vazio por preencher e o dinheiro que possuía perdeu todo o valor perante os seus olhos, não podia comprar a glória que pretendia possuir na sua vida com ele, teria que recorrer a outras formas para a obter, outros valores com maior significado que viriam a guia-lo, mas todos estes pensamentos e transformações não esclareciam a forma como devia proceder, tendo que procurar clareza para melhor interpretar o que teria de fazer para percorrer um novo sentido na sua vida.³⁷

³⁴ Cf. Le Goff, *S. Francisco de Assis*, págs. 29-90.

³⁵ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 35-50.

³⁶ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 37.

³⁷ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 35-50.

Em 1205, o papa Inocêncio III projetava a realização de uma nova Cruzada para a Terra Santa, o que levou à ocorrência de recrutamentos pelas várias regiões para que tivessem a oportunidade de prestar este honroso serviço pela Igreja e a fé e convergir todos as forças à Apúlia para depois partirem para o Oriente. Assis encontrava-se entre estas várias regiões que procuravam soldados, e Francisco atendeu a esta chamada, juntamente com os seus companheiros, com um entusiasmo ressurgido em si em armar-se em cavaleiro, uma forma de obter a glória com que sonhava. E então foi ele a caminho da Apúlia, passando por diversos palácios de grandes senhores, majestosos e recheados de armas, olhando maravilhado com o que poderia alcançar se conquistasse honra e notoriedade na Cruzada.

Mas o infortúnio caiu sobre Francisco numa tarde quando ele adoeceu durante a jornada, cheio de febre e desanimado quando tudo com o que tinha sonhado encontrava-se fora do seu alcance naquele momento durante a sua enfermidade. Mas ao escurecer, no meio da noite enquanto sonhava, surge uma voz, a mesma que lhe tinha dirigido anteriormente na loja, que falou com Francisco, perguntando qual era o destino da sua viagem, e ele responde que pretendia armar-se em cavaleiro, ganhar diversas batalhas de forma honrosa e obter glória. Depois, a voz pergunta: «Ora diz-me lá, Francisco; Quem é que pode dar-te mais ventura, o senhor ou o servo, o rico ou o pobre?»³⁸ e Francisco respondeu que o só o nobre senhor e rico que poderia fornecer tal tais felicidades, a voz depois dirige a palavra novamente «E então deixas o senhor para ir servir o criado, deixas o rei para seguir o servo?»³⁹, esta pergunta confundiu Francisco, ele levantou a questão do que deveria fazer, e a voz então responde «Volta para Assis, e lá se te dirá o que te importa cumprir. A Voz que primeiro te falou não a soubeste entender.»⁴⁰

Quando a voz cessou com o diálogo, Francisco acorda, não conseguindo dormir durante o resto da noite, refletindo sobre a voz misteriosa que falou consigo e sua mensagem. Durante a manhã, Francisco despede-se dos seus companheiros que se encontravam espantados com a repentina decisão dele regressar a Assis de forma alegre. Tal regresso foi inglorioso, espantando as gentes de Assis com a regularidade

³⁸ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 41.

³⁹ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 41 e 42.

⁴⁰ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 42.

com que ele voltou à sua vida do costume. Ele isolou-se, ficando a sós com a sua própria pessoa em ponderação, os seus amigos questionavam esta mudança que eles viam sobre ele, tentando convidando Francisco de volta para as festas, e ele aceitou o convite, achando que seria uma desonra recusar tal.⁴¹

E foi ele então às festividades com os seus companheiros, mas o que Francisco sentira pelas festas, já não se encontrava em si, sentia-se longe dos seus antigos costumes, não dando valor aos prazeres e bens materiais da terra, foi então que ele se retirou da festa. Os companheiros deram pela falta de Francisco e foram à procura dele, encontrando-o com bastão na mão, vagueando indiferente a tudo que o rodeava, os seus amigos foram ter com ele para tentar despertá-lo do estado em que se encontrava. «Mas que cismas são essas Francisco?»⁴² disse um dos seus companheiros, e outro acrescentou «Deixem-no! sonha por aí na noiva com quem se vai casar!»⁴³ Foi aí que Francisco lhes respondeu «Acertaste, amigo – retorquiu Francisco, voltando a si e olhando a todos com um sorriso estranho que nunca lhe haviam visto. Sonho, de facto, em receber esposa; e é tal a minha noiva, que a não pode haver nem mais nobre, nem mais rica, nem mais bela!»⁴⁴

Os seus companheiros riram-se com a resposta e deixaram-no por ali, mas se alguém tivesse questionado quem seria esta mulher, nem Francisco possuía a resposta par tal pergunta, mas ela consumia o seu coração, com um amor que substituíra todas as coisas que Francisco anteriormente teria amado, desprezando-as, uma mulher que exigia tudo do seu coração através de uma voz fascinadora e irresistível. Toda a emoção que neste preciso momento sentia, era uma que recheava seu coração de ternura, em que sentia a aproximação de Jesus ao seu encontro, foi aí que Francisco se dirigiu a ele e disse «Pronto, Senhor, aqui estou para fazer vossa vontade.»⁴⁵

⁴¹ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 35-50.

⁴² Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 43.

⁴³ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 43.

⁴⁴ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 43.

⁴⁵ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 44.

Prática da pobreza e a renúncia dos bens mundanos

Francisco, cativado pela presença do Senhor perante de si, esperava pela sua vontade que viria a cumprir em seu nome, a todos os custos, negando tal honra seria imperdoável. É aí que o Senhor e Francisco realizam o diálogo entre si através de longas orações, escutando a mensagem do Senhor. Pelos arredores de Assis, Francisco entrou uma gruta onde viria encontrar o silêncio e a solidão para a sua meditação, um amigo dele também o veio a acompanhar para este mesmo local, partilhando a mensagem e os segredos, fascinado pelo tesouro que viria a encontrar nas palavras de Jesus.⁴⁶

E durante longos períodos, Francisco isolava-se em oração com a esperança da resposta de Deus, e novamente a voz chega aos seus ouvidos e diz «Olha, Francisco, se queres conhecer a minha vontade, é necessário que a ti mesmo te desprezes: que aborreças quanto amaste e cobiçoso procuraste. Desde que tanto alcances, verás: amargam as coisas que te pareciam doces, e delicias as que te causavam asco.»⁴⁷ Ou seja, uma transformação da sua perspetiva que possuía sobre o que teria sentido anteriormente perante a vida e os seus aspetos. A Francisco, tudo que lhe deliciava era o que provinha da riqueza, bens materiais de grande valor, vida luxuosa, enquanto tudo que não suportava era a pobreza, a humilhação e o sofrimento. Mas Cristo nasceu na pobreza, sem luxo, sofrendo e sendo humilhado e crucificado na cruz. Francisco teria de aprender a viver como Cristo pobre.⁴⁸

Francisco deu continuação à sua meditação e orações, ponderando sobre esta vida à forma de Cristo, uma impressão de renascimento surgira em si, com a necessidade de dar a esmola de forma a experimentar os custos de uma vida na pobreza ou à procura de felicidade que Cristo possuía neste estilo de vida. Foi aí que ele realizou uma peregrinação a Roma à basílica de S. Pedro e fazer oração, ao mesmo tempo, observando a avareza das doações dos outros peregrinos, enquanto ele despejou a sua bolsa sobre o cofre das esmolas. E então vai ao ensaio da pobreza,

⁴⁶ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 35-50.

⁴⁷ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 46.

⁴⁸ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 35-50.

meditara sobre a sua aptidão em viver como os pobres, dependendo da bondade dos outros homens. E no átrio da basílica onde os mendigos se encontravam, a um deles, Francisco pede os trapos em troca dos seus vestidos, ficando por lá, cheio de fome e pedindo esmola como fosse um dos pobres, desta experiência Francisco detém o conhecimento do valor de viver como Cristo que pede esmola e a bravura necessária para uma vida ausente de prazeres para seguir esta forma de vida.

Ao longo do seu caminho em retorno a Assis, Francisco intensificou a sua ação sobre os pobres que encontrava, despejando toda a sua misericórdia sobre eles. Foi neste contexto que na mente de Francisco surgiu a figura de uma mulher velha e corcunda, tendo pesadelos com esta mesma devido à sua figura que o repugnava, visões estas que surgiam durante ridicularização dada a cabo pelo povo de Assis sobre ele. Esta figura, era a dona pobreza, a mulher que Francisco tinha desagrado, a mesma reação se manifestava perante os leprosos, o medo do contágio da condição e o aspeto que eles possuíam causavam o pânico em Francisco, muitas das vezes em que ele se encontrasse um ele mudava o seu caminho para os evitar.⁴⁹

Num dia a andar a cavalo ele passa por um leproso, Francisco deu-se a encontrar com um leproso, mas no momento que ele segurava as rédeas para tomar um outro caminho para fugir do pobre doente, ele hesita, contemplando, e em vez de fugir, ele desce do cavalo, e contra os seus receios, vai ao encontro do leproso e dá-lhe esmola e um beijo. Este momento é marcado pela coragem que Francisco demonstrou, um ponto de reviravolta da sua vida, a partir deste momento, Francisco viria sempre ao auxílio do leproso e do pobre, tudo o que lhe era amargo, agora era doce sobre o seu corpo e alma, sentia uma liberdade e uma vontade desejosa de continuar a dar esmola e oferecer-se perante de Deus e prestar serviço à sua vontade divina, “casando-se” com a Pobreza, libertando-se passo a passo, em cada ação que concretizava em seu nome.⁵⁰

Ele continuava a seguir o ofício do pai, mas cada vez que ele continuava, pouca era a vontade de se dedicar ao trabalho mercantil, o seu desejo virava-se para o auxílio dos pobres, tal desejo que viria a intensificar ao longo dos tempos. Durante uma das

⁴⁹ Cf. Le Goff, *S. Francisco de Assis*, págs. 29-90.

⁵⁰ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 35-50.

suas caminhadas pelos arredores de Assis, ele passa pela velha e arruinada capela que era dedicada a S. Damião, ela encontrava-se em péssimas condições, destacando-se uma cruz onde a imagem de Cristo estava ilustrada, com os seus braços estendidos, foi aí que Francisco deu início à sua reza perante a cruz «Senhor Deus altíssimo e glorioso, e vós Senhor Jesus, alumiai as trevas do meu cego coração, dai-me fé firme, esperança certa e caridade perfeita. Fazei, Senhor, que de tal modo Vos conheça que sempre proceda segundo os vossos mandamentos e vontade.»⁵¹ Francisco ouviu uma voz que lhe falou, voz que provinha da cruz, de Jesus Cristo que lhe disse «Francisco, vai, e repara a minha igreja, que, como vês, toda se arruina.»⁵² Ele ouviu estas palavras, recheando-se de alegria e o desejo de reconstruir a capela, saindo cheio de felicidade, nunca se sentira tão vivo antes.

Encontrou-se com o sacerdote, e com o dinheiro que possuía naquele preciso momento, ele deu-o em troca de uma lâmpada e azeite, seguido do seu retorno a casa onde agarrou alguns dos panos que se encontravam arranjados e despachou-se para a cidade de Folinho onde vendeu tudo o que carregava, incluindo o cavalo, tudo para obter os meios para levar a cabo a vontade do Senhor e reconstruir a capela de acordo com o seu desejo. Quando regressa a Assis, ele entrega tudo que recebeu ao padre capelão⁵³ para o restauro da capela, mas este recusava-se a receber tal dinheiro, especialmente quando ele é um filho que não poderia servir-se do dinheiro que pertence à sua família em projetos pessoais, não querendo encontrar-se com dilemas com o pai, Pedro Bernardão.⁵⁴

Francisco, possuindo todo o dinheiro que tinha acumulado e sem saber de que modo o usar, lançou-o para fora da janela e volta para S. Damião, onde deu continuidade às suas orações, familiarizando com as escrituras e suas mensagens por vários dias. A sua família dava pela tão demorada ausência de Francisco, e não demorou muito tempo até eles descobrirem que homem Francisco se tornara, descoberta tal que levou seu pai recheado de desencanto e infelicidade, o filho que anteriormente brilhava de esplendor, o rei da juventude que convivia com os jovens

⁵¹ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 52.

⁵² Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 52.

⁵³ Um ministro religioso autorizado a prestar auxílio e a realizar cultos em comunidades religiosas, Cf *Fontes Franciscanas I – São Francisco de Assis*, pág. 175.

⁵⁴ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 51-62.

nobres e ricos de Assis, Pedro Bernardão tinha a pretensão que o seu filho viria a nobilitar a família, proporcionar riqueza e amontoar prestígio à família. Mas em vez desse caso, ele encontra Francisco a deitar tudo o que possuía e obtivera aos pobres e doentes, e mesmo a sua mãe, dona Pica, se encontrava preocupada, quando seu filho abandona todos os confortos da sua casa para seguir a suposta vontade do Senhor, resultando da impressão de que Francisco se estivesse a dar como um louco.

Os seus amigos, vizinhos e outros conhecidos descem de Assis para ir ter com Francisco na capela, para tentar convencê-lo a abandonar a sua causa, mas ele evita-os e esconde-se numa fossa, passando lá alguns dias em jejuns e implorando a Deus que lhe enviasse a luz que iluminasse o seu caminho. Passados estes dias, ele volta a Assis, com maior disposição, serenidade e coragem, mas na sua chegada as pessoas em seu redor comentavam a decadência do anterior rei da juventude a louco, mesmo assim, Francisco não deu importância nem ouvidos a tais palavras, continuando o seu caminho até ele dar de cara com o seu pai, desapontado com o estado em que o seu filho encontrava completamente transformado, rodeado e seguido pelos assobios, o amor e orgulho que Pedro Bernardão tivesse sentido por Francisco, tornara-se em ódio, desilusão e angústia, arrancando Francisco para dentro de casa e trancando-o dentro de um dos aposentos da casa até ele deixar-se de tais loucuras, de se penitenciar de ter levado panos sem o seu consentimento e despojado todo o dinheiro aos pobres. Tanta era a vergonha do seu pai sobre o estado que o seu filho encontrava, mas clientes tinham aparecido na sua loja naquele momento, pedindo à sua esposa que olhasse pelo filho enquanto tratava do negócio.⁵⁵

De forma oculta, dona Pica encontrava-se entristecida quando foi ter com Francisco onde deu a sua afeição e perguntou a Francisco o porquê de não ter recorrido ao serviço de Deus como um membro do clero de S. Jorge ou S. Rufino, que dessa forma talvez viria a acalmar a angústia do seu pai e poderia servir o Senhor. Mas Francisco, como sempre, teimara com as palavras da sua mãe, afirmando que Deus o tinha chamado para o servir de uma forma que ele pretendia, algo que o clero não lhe podia fornecer, dona Pica não conseguia dar respostas, nem a opor a tais argumentos, quando o pai se ausentou da casa, ela libertou Francisco, e este, retorna à capela de S.

⁵⁵ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 51-62.

Damião e procurando a proteção que a Igreja e o bispo lhe poderiam fornecer. Isto levou Pedro Bernardão ao descontentamento e a despojar toda a sua frustração sobre a esposa.

O pai dirige-se ao palácio da Comuna, a angústia e repugnância pelo seu filho tivera aumentado até ao ponto de tal vergonha posta sobre a família o levasse à abdicação dos direitos hereditários do seu filho, exigindo que fossem devolvidos os ganhos dos panos que Francisco levou e que ele fosse exilado da cidade. Pedro Bernardão era um homem de grande influência e importância em Assis, levando a que as respostas das autoridades locais a tais exigências fossem imediatas, Igreja e o bispo que acolhera Francisco protege-o, mas não do julgamento que o espera em tribunal.⁵⁶

Durante o julgamento a ira de Pedro Bernardão não se ausentava com as exigências, queixas e acusações sobre o seu filho e que este viesse ter consigo, foi então que Francisco veio ao seu encontro e ouviu os furores do pai, de forma serena. O bispo dirige-se a Francisco e afirma o seguinte «Teu pai está muito zangado contigo e escandalizado com o teu procedimento; assossega-o, entregando-lhe o dinheiro que tens, pois mal-adquirido talvez, não quer o Senhor que o empregues em obras de igreja a troco de pragas de teu pai, cuja irritação se mitigará, uma vez recobrado o que é seu. Filho, põe a confiança no Senhor e nada temas. Ele não faltará a ajudar-te com o preciso para reparares a igreja.»⁵⁷

Francisco seria obrigado a abdicar dos seus direitos hereditários e deveria retirar-se de Assis, foi no momento que ouviu o veredicto do tribunal que ele decidiu despir-se completamente e recolhe o dinheiro que sobrara e vem ter com o seu pai, deitando todos os bens em seus pés e enuncia perante do tribunal e todos os que assistiam «Ouvi bem, e sabeis, vós todos: até aqui chamei pai a Pedro Bernardão, mas doravante (ouvia-se que de dor lhe estalavam no peito as fibras do coração) só direi: Pai nosso que estais nos céus!»⁵⁸, ele queria não só ajudar os pobres, mas queria viver como um deles, de encontrar riquezas na simplicidade, não na moeda que para ele valia tanto

⁵⁶ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 51-62 e Cf. Le Goff, *S. Francisco de Assis*, págs. 29-90.

⁵⁷ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 59.

⁵⁸ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 59.

como o pó que só sujava⁵⁹, ser humilhado, desprezado e vaguitar o mundo como um deles, pregando a palavra do Senhor a toda a gente pelo mundo fora. Todos os que assistiam estavam surpresos tal renúncia, o abandono de todos os bens mundanos que possuía, seu pai nem sabia como reagir, pegando em tudo que o Francisco deitou para o chão e retirando-se para a sua casa, cheio de vergonha e angústias que o viriam a assombrar durante o resto da sua vida. O bispo cobriu Francisco com o seu manto e o povo ali reunido foi deixando, deram alguma esmola ao jovem, e ele agradecido, retira-se para os matos e os bosques, com sua alma agitada após tal manifestação, cantando em francês e exaltando a sua alegria, sentindo vitorioso sobre um dos maiores problemas que enfrentou sobre o seu espírito.

No caminho pelos bosques onde andava e cantava com um manto velho nas suas costas, uns bandidos deram conta pelo som dos cânticos e vieram ao encontro de Francisco, questionando quem era ele, e ele responde que era o mensageiro ou arauto do grande rei, ou Deus, os salteadores roubaram o manto e atiraram-no para um fosso, dizendo para que ele continuasse a cantar lá. Algum tempo depois, Francisco trepou e deu continuação à sua jornada, procedendo com os seus cânticos como se nada tivesse ocorrido em direção a Gúbio onde lhe esperava um amigo que o ajudou a arranjar um traje de monge.⁶⁰

Seguimento da vontade do Senhor

Nos dias que seguiram, Francisco assossejou os ânimos das suas emoções e pôs em ação a vontade do Senhor, assistindo na leprosaria com cuidados e tratamentos sobre os desafortunados leprosos. Francisco voltou à capela arruinada de S. Damião, onde o sacerdote da localidade o acompanhou, mas um problema levantava-se, para cumprir a tarefa que Deus lhe encarregou de reconstruir a capela, necessitava de instrumentos de pedras e outros utensílios de construção para levar a cabo tal projeto. Ele não possuía o dinheiro, ele distribuiu-o pelos pobres e o resto foi entregue ao seu

⁵⁹ Metaforicamente, o dinheiro é como o pó, ao livrar-se dele, um pode vir a sentir-se limpo, não do corpo, mas da alma.

⁶⁰ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 51-62.

pai, mas ainda restava as suas mãos para realizar a obra perante de si e a influência de Deus em si, encontrando a verdadeira alegria na ausência do dinheiro, e só lhe era necessário o que já possuía.

Francisco vai à cidade para cantar as louvações de Deus, onde a fim de cada uma delas, ele lembrava a todos a quem lhe dera ouvidos que a capela de S. Damião necessitava de um restauro, pedindo pedras e outros materiais para tal fim. Entre o público havia os que olhavam para ele como um louco, mas outros que o auxiliaram no seu projeto, fornecendo o suficiente para dar início às reconstruções.⁶¹

E com o material adquirido ele deu mãos à obra, o processo de reconstrução não lhe dificultava, pois ele obtivera experiência como pedreiro durante a construção da muralha de Assis durante os conflitos entre as cidades italianas com o resto do povo, onde ele apreendeu o conhecimento dos procedimentos de construção e os cuidados a ter durante o seu processo. Foi com esse conhecimento que o auxiliou na reconstrução da ermida, pessoas passavam por lá para saudar Francisco, e ele cumprimentava, convidando-os a ajudar, mesmo que fosse por um breve momento. De dia ele ocupava-se com a reconstrução e à noite ele orava a Deus, lendo o Evangelho de forma a interiorizar as suas mensagens antes de repousar para o dia que se seguia.⁶²

Ele necessitava de se alimentar e o sacerdote de S. Damião não o podia fornecer mais, sugerindo a Francisco que fosse mendigar a Assis, pois até aquele momento ele comeu como um rico e deveria obter o alimento como um pobre, agradecido, Francisco sai para pedir por comida. E foi através da mendicidade e da caridade de outros que o alimento lhe era oferecido, subindo à cidade de Assis para ir de porta em porta, pedindo alimento para satisfazer a sua fome como um pobre, alguns encontravam-se impressionados pela condição que o anterior rei da juventude se encontrava e deram-lhe os restos que sobraram das suas refeições. A primeira vez foi difícil a Francisco de se alimentar, enojava-lhe a mistura de restos, mas ele era um pobre, e teria de comer como um, forçando-se a si mesmo a consumir o que recebera, ele ficou alegre por esta outra vitória, pois a mistela que recebeu soube-lhe bem, ou

⁶¹ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 63-72.

⁶² Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 63-72.

até melhor que as refeições que tivera noutros tempos. Ao mendigar em Assis ele encontrava-se algumas vezes com o seu pai, que ainda se deparava num estado de agonia e rancor pelo que o seu filho fez, insultando-o sem fim.

Com o passar do tempo, Francisco finaliza a reconstrução da capela de S. Damião e na sua finalização ele olha em seu redor, e na sua observação ele dá conta de outras ermidas e igrejas que se encontravam num estado ruinoso, e Francisco estendeu os seus projetos de reconstrução para essas mesmas, como a capela da Porciúncula e a igreja de S. Pedro. Não realizou tais reparações sozinho, muitos ajudaram-no de qualquer forma que arranjassem, e foi assim que continuou no percorrer de dois anos, reparando igrejas, orando ao Senhor que o guiasse e cuidando dos pobres e doentes. Algo que veio a chamar a atenção dos habitantes de Assis com admiração sobre o Santo e a suas ações, invocando em si uma imensa energia e alegria que se espalhava entre os infelizes e desafortunados.⁶³

As reparações tiveram a sua finalização na capela de Nossa Senhora dos Anjos na Porciúncula, que era a que Francisco mais adorava, mas poucas eram as visitas para atender às celebrações das missas. Foi durante estas circunstâncias, durante a leitura do Evangelho na festa de S. Matias em Porciúncula, que ele encontrou uma passagem do Evangelho que o cativou bastante «Ide, pois, até às ovelhas tresmalhadas de Israel e pregai pelos caminhos: Está próximo o reino dos céus. Curai os enfermos, alimpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demónios: dai de graça o que de graça recebestes. Não leveis ouro nem prata nem dinheiro em vossas bolsas, nem alforje para a viagem, nem duas túnicas, nem calçado nem bordão, pois quem trabalha tem direito ao seu sustento. Quando entrardes em qualquer cidade ou aldeia, informai-vos de quem seja digno de vos hospedar, e com ele ficai até de novo vos meterdes ao caminho. E ao entrar nessa casa saudai, dizendo: A paz seja nesta casa. E se aquela casa o merecer, nela entrará a vossa paz; e se não o merecer, para vós tornará a paz. E sucedendo não vos aceitar alguém em sua casa ou qualquer cidade não vos prestar ouvidos, ao deixar essa casa ou cidade sacudi o pó dos vossos pés» (Mat. 10, 6-14)⁶⁴ Foi esta a passagem que chamou a atenção de Francisco e o tocou na alma, como se

⁶³ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 63-72.

⁶⁴ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 74.

Jesus Cristo tivesse dirigido a sua palavra através do Evangelho, e ele continuava a sua leitura, absorvendo o conhecimento e a procurar a claridade que a sua mensagem transmitia, uma que manifestava em si o sentimento de paz, o que viria no futuro a definir a base da Ordem dos Frades Menores.⁶⁵

Deu continuidade às suas meditações e orações nas grutas, à dádiva de esmolas aos pobres e cuidava dos doentes, tocado por esta passagem onde ele viria a possuir só uma túnica, com uma corda a servir de cinto e a aclamar a paz do Senhor a todos que passavam por si. As populações manifestavam admiração quando Francisco encaminhava a sua mensagem da paz de uma forma incandescente e luminosa, difundindo a palavra de Deus e pregando por Assis. Como um homem novo que foi tocado pela intervenção divina, venerando o Senhor e a assumir o seu papel como um homem humilde, caridoso e com muita afeição para difundir a paz e o bem de todos.

À medida que Francisco professava e manifestava a sua mensagem através das suas ações, muitos foram os que assistiram a eles, e inspirados pelo caminho que ele caminha e a sua forma de vida, eles juntaram-se a Francisco, vestindo e vivendo como ele. Alguns mercadores, homens importantes e outros, entre eles encontrava-se Bernardo de Quintavale, um amigo de infância de Francisco e rico de grande relevância da cidade de Assis, pediram a ele que lhes dissesse o que necessitariam de fazer para levar a cabo tal vida e que os ensinasse a viver de tal forma.

Francisco amontoou seguidores que seguiram os seus passos, reunindo-se nas orações onde eles suplicaram ao Senhor que lhes revelasse a sua vontade, e Francisco lê as diferentes passagens do Evangelho de forma a responder às preces «Se queres ser perfeito, vai, vende quanto tens, dá aos pobres o seu preço e terás um tesouro no céu; e, depois, vem e segue-me» (Mat. 19, 21).»⁶⁶ E ao final de cada passagem Francisco dava graças ao Senhor depois de ter levado a sua palavra aos seus crentes, que ele e seus irmãos vivessem uma vida em pobreza, que nos seus caminhos a anunciar a palavra do senhor a cuidar dos doentes não levassem nada consigo e que não possuíssem mais que uma só túnica, pois só Deus daria o que necessitavam.⁶⁷

⁶⁵ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 73-88.

⁶⁶ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 82 e 83.

⁶⁷ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 73-88.

Esta vontade apresentada por Francisco viria a formar o procedimento de iniciação para a futura Ordem, onde o requerimento para a entrada desta seria realização desta ação de renunciar os bens mundanos.⁶⁸

Após esta anúncio da vontade do Senhor por Francisco, Bernardo volta-se para os outros e diz «Irmãos, esta a nossa vida e regra, e a de todos os que quiseram juntar-se a nós; ide, pois, e fazei como acabais de ouvir.»⁶⁹ E foi assim que os todos que assistiram despojaram-se de todos os bens materiais e dinheiro que lhes pesavam na alma, distribuindo tudo pelos pobres e os enfermos, Francisco encontrava-se alegre e cantava os louvores ao Senhor por tal acontecimento, maravilhado à medida que a caridade caía por todos os desafortunados e os que o seguiam realizavam a vontade do Senhor alastrando e pregando a palavra da Paz e do Bem a todos que ouvissem.

O ato de entregar aos desafortunados todos os bens mundanos inundava a alma dos seguidores com alegria, saindo de Assis e passando pelos campos eles eram bem-recebidos pelo campesinato e trabalhavam com eles ao lavrando os campos e muitos outros ofícios em troca de refeições e outros meios para o próprio sustento, não aceitando o dinheiro, e difundindo os cânticos e pregações. Nas cidades a situação era diferente, quase inexistente era a devoção ao Senhor e as gentes rodeavam-se de bens e luxos, olhando perante Francisco e seus seguidores como se fossem loucos, alguns dos irmãos sentiam vergonha e pediam ao Santo que saudassem de outra forma, mas Francisco nega tal sugestão, para que não dessem importância às palavras que eles atiravam sobre eles devido à condição desafortunada de este povo desconhecer as glórias do Céu.⁷⁰

E sem se desencorajar, Francisco continua a sua caminhada de povo em povo, cuidando dos leprosos, cantando os louvores a Deus e a auxiliar os necessitados. No seu retorno a Assis, mais assisienses desejam juntar-se à companhia de Francisco, e com estes, o Santo diz o mesmo que ele disse aos seguidores que se juntaram a eles anteriormente, que se despojassem de todos os bens e os distribuíssem pelos pobres, e depois voltassem. A atração a este estilo de vida revolucionou Assis, mas veio a criar

⁶⁸ Cf. André Vauchez, «S. Francisco de Assis» in Jacques Berlioz, *Monges e Religiosos na Idade Média*, págs. 243-262.

⁶⁹ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 83.

⁷⁰ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 73-88.

o receio de alguns verem a renúncia dos bens e dos confortos por parte dos seus filhos ou outros familiares para vir servir os pobres e Deus, abandonando as riquezas das suas famílias. Às primeiras vezes o povo comovera-se com o ato de renúncia dos bens, mas à medida que este ato era realizado por outros tantos e com maior ocorrência, veio a criar inquietação e descontentamento por parte do povo de Assis, olhando com repugnância aos irmãos que batiam às suas portas a pedir. O clero também não se encontrava satisfeito, pois a área de Assis estava destinada para eles realizarem os seus sermões e pregações, e Francisco e os seus seguidores intrometiam com esta mesma área, o que os deixavam descontentes.⁷¹

Audiência com o Papa Inocêncio III e aprovação da Ordem e da Regra

O Bispo veio a intervir nesta situação, discutindo com Francisco sobre estes problemas que tinham surgido, mas o Santo mantivera-se fiel à sua missão. Muitos perguntavam a Francisco e aos seus seguidores a que ordem pertenciam, simplesmente diziam que eram penitentes de Assis, o que acabava em maus tratos sobre o Santo e seus irmãos. Alguns não entendiam a recusa da esmola por parte de Francisco e seus seguidores, respondendo que na pobreza eles não sentiam o peso das suas adversidades. Muitas vezes eles eram ridicularizados pelos povos, mas sem desânimo, continuavam a prática da pobreza, mesmo assim, o número dos discípulos de Francisco aumentavam dias após dias, necessitando de formular normas em formato de uma Regra escrita de forma breve e acessível, baseando-se nos ensinamentos das passagens do Evangelho e Escrituras que o Santo apreendeu, juntamente com o que o Senhor lhe teria revelado e instruído através da sua vontade.

Esta Regra distinguia-se das antigas que já existiam, focando no conselho que Jesus Cristo deu aos seus apóstolos para que divulgassem pelo mundo a boa ação e a paz que viria a reintegrar o Reino de Deus sobre a Terra. E com tal Regra apresentada, os irmãos encontravam-se satisfeitos com a sua constituição. Perante deles o Santo descreve como o grupo encontravam-se em crescimento, e que estaria na hora de ir

⁷¹ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 89-106.

ter a Roma, ao seio da Igreja Latina e dirigirem-se ao Papa e apresentassem a Regra para servir de base para a fundação da Ordem que desejavam criar para o fim de servir a vontade do Senhor. E sem demoras, levaram a cabo as preparações para a jornada para Roma, ao longo do caminho os irmãos conversavam alegremente ou orando, sem dificuldades com quaisquer problemas que surgissem, pois eles encontravam sempre alimento e abrigo.⁷²

Em Roma, o Papa Inocêncio III caminhava rodeado pelas riquezas do clero e os negócios eclesiásticos, com muitos assuntos em mente para ponderar sem dando conta pelos desafortunados que se encontravam em seu torno, ponderando sobre as heresias, os reis que não respeitavam a autoridade eclesiástica e formas para reestabelecer a ordem entre o clero.⁷³

Francisco e a sua companhia chegaram a Roma para apresentar a sua Regra ao Papa em 1210, um bispo dirige-se ao Santo, informando que talvez fosse recomendável a utilização de uma das Regras monásticas já existentes ou talvez adotar uma vida em isolamento como monges. Francisco não aceitou tais propostas, a vontade que Deus lhe atribuiu não se inseriam nem nas Regras nem no isolamento, o viver à moda de Cristo era conviver com o Homem e espalhar todas as alegrias da mensagem do Senhor a todos que procuravam tal alegria.

O cardeal refletiu na resposta de Francisco, como também do peso das dificuldades sobre os que viriam a seguir esta forma de vida evangélica de Cristo, mas ao mesmo tempo ele encontrava-se maravilhado por tal tamanha devoção, e ambos vão então ao encontro do Papa Inocêncio III e a sua corte, com túnicas em péssimas condições e sujos, algo que levou à ridicularização por parte da corte. Perante dele, Francisco e seus companheiros explicaram o que pretendiam fazer e que vida queriam seguir, mas o Papa despede-se deles, afirmando «Filhos, parece-nos demasiado dura a vida que levais. Não é que receemos de vós, pois compreendemos o fervor que vos esbraseia o coração; mas há que pensar também que nos que depois de vós podem vir, e tememos não aguentem eles tanta austeridade. Ide e pedi a Deus que bem nos mostre sua vontade, pois muito desejaríamos aceder aos vossos piedosos rogos e com

⁷² Cf. Le Goff, *S. Francisco de Assis*, págs. 29-90.

⁷³ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 107-120.

autoridade apostólica aprovar a vossa Regra e Vida.»⁷⁴ Ou seja, havia uma certa preocupação na continuação de tal ordem e forma de viver nas gerações que seguissem, e que talvez a ordem não sucedesse devido aos requisitos e exigências de levar a cabo a tal forma de viver tão rigorosa e que muitos poderiam não vir a conseguir dar continuidade a essa mesma vida de pobreza absoluta que tal Regra ditava.⁷⁵

Tal vida que se procurava estava para além do ser humano, que as exigências de tal vida e os conteúdos da Regra apresentada excediam a força humana. Francisco e seus irmãos retiram-se da corte e da presença do Papa, o Santo realizava a sua oração e foi durante esse momento que Cristo lhe deu a instrução de ir ter com o Papa e contar a parábola da mulher do deserto.

Entre este momento e o próximo retorno de Francisco, o Papa Inocêncio III recorda-se de um sonho onde ele contemplou a figura de um crente pobre que sustenta a basílica de S. João de Latrão, segurando nos seus ombros a Igreja e o Cristianismo. O Papa via Francisco como esta figura, o que viria a salvar a Igreja da sua decadência e que viria a levá-la novamente à sua prosperidade. Como foi mencionado anteriormente, a Igreja teria perdido a sua credibilidade após algumas das ações e decisões que realizaram, desde os fracassos no Médio Oriente, os prazeres e a gananciam manchavam a imagem benigna da Igreja, Francisco seria o pobre que na visão evitou o desmoronamento da Igreja.⁷⁶

Francisco volta ao Papa e à sua corte coberto de lama para um segundo encontro, onde ele veio a contar a história de uma mulher pobre que vivia no deserto e de um grande rei, história esta que Cristo confiou a Francisco para a contar:

«Vivia no deserto uma mulher pobrezinha mas de tanta formosura, contava o Santo, que dela se enamorou certo rei poderoso, a ponto de a desejar por esposa para dela haver filhos de beleza igual. Celebrou-se o casamento; vieram os filhos; e quando já eram crescidos, desta sorte lhes falou a mãe: - «Ide ter com o rei a seu palácio, e ele vos dará tudo que precisais. Ide sem acanhamento, porque ele é o vosso pai». Quando,

⁷⁴ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 114.

⁷⁵ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 107-120.

⁷⁶ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 107-120.

ali chegados, lhos apresentaram, muito se admirou o rei da sua formosura, e mais ainda das parecenças que com ele tinham; e perguntou-lhes de quem eram filhos. - «Nós somos filhos daquela mulher pobrezinha que mora no deserto», responderam eles. O que ouvindo o rei, os estremeceu contra o peito: - «Não temais que alguma coisa vos falte, pois sois meus filhos; e se à minha mesa comem os estranhos, com mais razão haveis de comer vós, meus filhos legítimos». E logo mandou dizer à esposa do deserto lhe enviasse quantos filhos dele houvera, que a todos queria criar em sua corte.»⁷⁷

O Santo ou a Pobreza⁷⁸, eram a tal mulher pobre do deserto⁷⁹ que Deus aformoseou para guiar os seus filhos ao encontro do Rei de todos os reis que era o mais rico de todos os bens espirituais, sendo ele o Papa, que os recebesse no seu reino, os filhos sendo os responsáveis por herdar, ou metaforicamente, dar continuidade à Igreja e à fé do Senhor, para que Francisco e seus irmãos fossem recebidos e pudessem praticar a fé e seguissem o caminho atribuído por Deus, imitando Cristo a viverem de esmolas. O Papa Inocêncio III foi tocado pela simplicidade e humildade de Francisco, dizendo que ele era o pobre que viu no seu sonho, que Deus lhe teria respondido às suas orações e lhe ter apresentado o homem que poderia salvar a Igreja.⁸⁰

E assim o Papa dá a sua bênção a Francisco e seus irmãos, aprovando a vida evangélica seguiriam e aprovando a sua Regra, que eles prestassem obediência ao Papa e à Igreja, para que eles fossem pregar a divulgar a palavra de Deus e do Evangelho e que depois voltassem à sua presença para observar o resultado da sua prática e talvez conceder mais favores e cargos. É preciso mencionar que o Papa autorizou as práticas e pregações de Francisco e seus discípulos, mas a primeira Regra aprovada não foi por escrito, só oralmente aprovada e nem foi atribuído ao grupo o estatuto de ordem religiosa, só alguns anos depois é que uma segunda Regra viria a ser redigida pelo próprio Santo nos anos que se seguiam.⁸¹

⁷⁷ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 115.

⁷⁸ Exista a questão se Francisco estaria a referir-se a si mesmo ao à Pobreza como a mulher pobre da história que contou.

⁷⁹ O deserto representava o mundo onde havia a escassez de virtudes.

⁸⁰ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 107-120.

⁸¹ Cf. André Vauchez, «S. Francisco de Assis» in Jacques Berlioz, *Monges e Religiosos na Idade Média*, págs. 243-262.

Começo dos Frades Menores

Francisco e seus companheiros davam graças ao Senhor e retiravam-se, dirigindo-se para norte numa longa jornada, satisfeitos com a bênção e aceitação da vida e Regra que a sua ordem viria a seguir, para andar pelo mundo como pobres a divulgar a vontade do Senhor, de tratar dos doentes e pregar a paz pelo mundo. E foram então ao longo do caminho até chegarem a Assis mendigando, conversando e oravam nas pausas que faziam na sua jornada.

Agora que estava consagrada a autorização do Papa sobre Francisco, a sua ordem, Regra e modo de viver, os que anteriormente não prestavam atenção às palavras do Santo, agora eles respeitavam a sua palavra, podendo também realizar a pregação dentro das igrejas e o povo ia ter ao seu encontro para o ouvir, em alguns casos, nem todos cabiam nas igrejas, levando a que Francisco realizasse as suas pregações em catedrais. Algo a referenciar era que para a realização da pregação teriam que primeiro pedir permissão ao bispo da localidade para a possibilidade de realizar tal ação. A bênção do Papa Inocêncio III forneceu prestígio, legitimidade e maior liberdade para as práticas deste grupo na difusão da mensagem da paz, quer na cidade de Perusa até Assis, recebendo de braços abertos e alegres a todos que quisessem ouvir a palavra do Senhor e a paz que ele oferece a toda a humanidade.⁸²

A ermida de Porciúncula foi a principal localidade onde Francisco, por preferência, reunia-se com os seus irmãos, e recebia os que tinham a intenção em juntar-se à Ordem dos Frades Menores para se devotarem à Senhora Pobreza, a rainha das virtudes e humilde. O Santo ensinou os novos membros a orar, pois nem todos possuíam a capacidade de oração como os clérigos que a usufruíam, juntamente com a leitura das passagens do Evangelho, da vida de Cristo e da Regra aprovada. Tudo para guiar os irmãos a uma vida simples e humilde ao serviço do Senhor, juntamente com o trabalho manual que realizavam de forma humilde, tal como o Evangelho ditava, sem exigir ou chefiar nada de outros, mas pelo contrário, submeterem-se a todos como servos simples. Eles trabalhavam os campos com os agricultores, comiam o que lhes

⁸² Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 107-120.

era fornecido e ocupavam-se com os tratamentos dos leprosos, através da humildade, simplicidade e pobreza viria a alcançar-se a elevação do espírito.⁸³

Algo a acrescentar em relação aos inícios desta ordem, era que o nome ainda estava em desenvolvimento, este grupo era primeiro conhecido como “Penitentes da cidade de Assis”, nome que já tinha algum uso anterior quando as pessoas questionavam quem eles eram. Os discípulos continuavam a sua ação através do trabalho nos campos ou nas cidades, como servos simples, modestos e inocentes como as crianças, este último aspeto vem ao encontro do termo “Menores” que vinham ao encontro do Senhor para o servir como pregadores do Espírito Santo. Francisco falou com os irmãos sobre o nome e o significado por detrás da palavra “Menores”, o servo que se punha ao serviço de todos, insignificante e inocentes que seguiam sempre o Pai, símbolos da humildade, e assim, o grupo designou-se como a Ordem dos Frades Menores.⁸⁴

Dentro a ordem, a relação entre o Santo e os irmãos era como de uma família, olhavam para Francisco como se fosse uma mãe devido à afeição e ternuras que lhes dava, tal como também ensinava a viver no convívio entre todos os estavam presentes na ordem. Nos textos antigos da Regra, Francisco encorajava este convívio e harmonia entre os irmãos, ausente de formalidades entre o irmão e um superior dentro da ordem para fomentar o espírito de família, para viverem em caridade, em paz e de forma alegre.

Os tempos que se seguem são de feitos realizados por ambos Francisco e seus discípulos e as situações em que se encontraram, como milagres, grandes feitos ou obstáculos para ultrapassar, como também a realização de sermões, missas ou pregações, mas ainda teriam de pedir a bênção do bispo da localidade para as realizar. Houve alguns casos em que os irmãos duvidavam o caminho da pobreza ou estariam com dificuldades com as condições em que viviam, mas Francisco conciliava estas situações.⁸⁵

⁸³ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 133-148 e Cf. Le Goff, *S. Francisco de Assis*, págs. 29-90.

⁸⁴ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 133-148.

⁸⁵ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 133-148.

Um exemplo destes casos foi quando um dos frades durante a noite gritou, todos vieram ao encontro dele, ele estava faminto e não se alimentara devido à sua promessa perante a pobreza, Francisco neste episódio aproxima-se e diz que «No comer havemos de evitar aquela superfluidade que prejudica o corpo e a alma; mas igualmente devemos evitar aquela abstinência que mata, porque Deus quer de nós misericórdia e não sacrifício.»⁸⁶ Não se exige a privação extrema do alimento, não só se evitava os excessos como também seria necessário também evitar a escassez, a prática da pobreza é a procura de sustento através da mendicidade, e assim, Francisco e os irmãos foram comer juntos com esta lição em mente.⁸⁷

Não só Francisco impulsionou a influência dos Menores, mas também alguns dos irmãos da ordem, como Fr. Bernardo um dos primeiros que aderiu a esta vida evangélica, mantendo-se sempre fiel ao amor pela pobreza; aliado à simplicidade encontrava-se Fr. Leão, serviu como confidente e confessor da ordem; ou o nobre Fr. Ângelo e o contemplativo Fr. Gil. Para Francisco, estes irmãos eram o melhor exemplo de um frade menor que procura a perfeita alegria e paz, até aqueles que seguram o mal nos seus corações, até os ladrões não teriam que os roubar nos caminhos, os irmãos davam-lhes tudo, não havia limite para o espírito caridoso que possuíam, e muitos eram atraídos para esta ordem em busca desta alegria. O exemplo que estes irmãos deram e seus feitos moldaram a Ordem Franciscana, proporcionando, como foi referido anteriormente, um crescimento no número de discípulos, uma melhor administração da ordem de forma a que todos os seguidores levassem a cabo a vida que intendiam seguir, juntamente com os sermões e pregações a realizar em diversos locais.⁸⁸

Lições do Poverello

Um outro episódio que ocorreu durante estes tempos foi quando Francisco realizou um sermão aos pássaros, um dos momentos da vida do Santo que teve grande

⁸⁶ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 153.

⁸⁷ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 149-162.

⁸⁸ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 149-162 e Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 163-180.

relevância. Durante uma das missões que se dispôs a fazer na companhia dos seus irmãos ao caminhar pelo vale de Espoleto, perto de Bevanha ele veio ao encontro de um campo recheado de árvores e um grande bando de pássaros de diversas espécies a cantar, o Santo pediu aos irmãos que aguardassem, pois ele ia ao encontro das aves para pregar a palavra do Senhor, dirigindo-se a elas como se fossem irmãs, elas também fazem parte do mundo que Deus criou, e a elas Francisco queria divulgar a alegria, a paz e o Evangelho, manifestando a sua ternura e afeição pelas criaturas deste mundo, vindo ao seu encontro de forma alegre.

O Santo aproximou-se delas, e o que surpreende os companheiros é que elas não fugiram dele como era costume, Francisco dirige a sua palavra e diz «Avezinhas, minhas irmãs, muito tendes que louvar o vosso Criador e amá-l'O de contínuo, já que vos deu penas para vos cobrir, asas para voar e tudo o mais de que haveis mister. Fez-vos nobres entre as demais criaturas e deu-vos por morada a limpidez do espaço. Não semeais nem colheis e, apesar disso, Ele vos protege e guia, libertando-vos de preocupações.»⁸⁹ E as aves mantiveram-se em silêncio, como se estas criaturas irracionais tivessem dado conta pela manifestação de afeição do Santo perante delas, ouvindo as palavras que Francisco lhes cedia, tanto as aves como os irmãos que olharam para tal fenómeno fascinados, manifestaram a sua alegria, e em Francisco nasceu a vontade de invocar o nome do Senhor e pregar a sua palavra em tudo que o rodeava, animais, a terra no solo, o Sol, tudo que constituía a existência, o palco ou o mundo que Deus criou, amando tudo que existia nele.⁹⁰

«Aves, minhas irmãs! Muito obrigadas sois a Deus que vos criou, e sempre e em todo o lugar lhe deveis louvor. Porque vos deu asas que vos levam a toda a banda, e vos deu também um dobrado e tresdobrado manto de agasalhada plumagem. Depois, porque vos guardou na arca de Noé para não desaparecer do mundo a vossa espécie. Mais lhe haveis de agradecer a amplidão do espaço que vos destinou para lançardes o voo.

«E além disso vos livrou dos cuidados e canseiras de semear e de ceifar, e vos sustenta; e vos dá os rios e as fontes para beberdes, e os montes e vales para refúgio,

⁸⁹ *Fontes Franciscanas I – São Francisco de Assis*, págs. 286-287.

⁹⁰ *Fontes Franciscanas I – São Francisco de Assis*, págs. 286-288.

e as árvores altas para nelas esconderdes os ninhos; e porque não sabeis fiar nem tecer, ele vos veste e a vossos filhos. Muito vos ama o Criador, pois vos concede tantos benefícios; e por isso guardai-vos do pecado da ingratidão, e cuidai sempre como haveis de louvar e glorificar o Senhor.»⁹¹

Existe uma certa relação criada por Francisco entre o frade que vive na pobreza e as aves que se pode avistar, ambos são sustentados por Deus e a sua vontade, para andar pelo mundo sem nada mais do que Deus forneceu, disfrutando as liberdades, a alegria e a ausência de preocupações. Foi Deus que criou todos os elementos do mundo, a água dos rios e fontes que satisfaziam a sede; uma casa ou refúgio, como as árvores que forneciam o espaço para as aves criarem os seus ninhos; e foi Deus que concedeu a vestimenta ao homem e a plumagem às aves para se agasalharem. Todos estes gestos simbolizam o amor que Deus dispõe sobre o Homem e a Criação, bastava o que ele concedeu para encontrar a verdadeira alegria na Terra.

Depois do sermão, Francisco despede-se das aves, fazendo o sinal da cruz a abençoando-as antes de dar continuidade à sua viagem com os seus irmãos, prometendo a si mesmo que viria a passar a mensagem do Evangelho e louvar o nome do Deus não só ao Homem, mas a todo o resto do mundo e tudo que nele existia.⁹²

Uma outra história dos feitos do Santo, era sobre o lobo de Gúbio e o povo, este último encontrava-se num estado de receio devido à besta lupina que era de grande altura, possuindo uma ferocidade viciosa que se alimentava dos rebanhos e em alguns casos, de homens, a gente da cidade de Gúbio não se atrevera a sair sem estarem armadas. Francisco observa esta tensão entre o lobo e o povo e dedica-se a resolver esta situação de conflito e entregar a paz, e com os seus companheiros ele vai ao encontro do lobo, o lobo também se aproxima de Francisco e ele diz «Anda cá, irmão lobo! Da parte de Cristo te ordeno que não faças mal nem a mim nem a pessoa alguma das que vieram comigo, pois eu trago propostas de paz!»⁹³ Francisco olhava para esta fera não como um animal sem raciocínio, mas como um parceiro ou um familiar, que partilham a sua existência na mesma Terra criada por Deus. O lobo aproximou-se de

⁹¹ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 278-279.

⁹² Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 275-289.

⁹³ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 282.

forma dócil, sem a intenção de levantar hostilidades, continuando a ouvir o Santo «Olha, irmão lobo, tu tens cometido grandes crimes e feito muitos danos nesta terra. Tens comido os animais que não são teus e, o que é muito pior, tiveste a ousadia de assaltar e comer os homens feitos à imagem de Deus Criador. Por teus crimes feios, merecias ser enforcado como ladrão e assassino. Toda esta gente grita e murmura contra ti, todos os homens aqui da terra são teus inimigos. Mas eu quero, irmão lobo. Fazer as pazes entre ti e eles, de maneira que nem tu os ofendas de future e eles te perdoem os passados crimes, e nem homens nem cães doravante te persigam.»⁹⁴

A fera encontrava algum sentido de acordo com a proposta de Francisco, e o Santo continuava o seu diálogo com o lobo, afirmando que as gentes de Gúbio poderiam vir a sustentá-lo de forma a evitar a sua fome, a fonte dos erros cometidos. Isto indica a resolução deste problema ao fazer frente à sua fonte. O lobo teria que prometer em troca que não viria a realizar mais males às gentes ou seus animais, e para dar prova do cumprimento de tal promessa, Francisco e o lobo vão em direção à cidade de Gúbio onde o povo se encontrou surpreendido com o comportamento dócil do lobo que seguia o Santo, e daí a diante, o povo sustentava o lobo, e a criatura lupina não viria a ofender as gentes, passando os anos seguintes de porta em porta das casas sempre que tivesse fome. Todos louvaram a Deus e aos feitos do Santo por estabelecer a paz, S. Francisco encontrara também um reforço na sua vontade de estender as suas ações não só sobre o Homem, mas, como já foi referido anteriormente, sobre todas a criaturas.

Algo a acrescentar em relação a esta relação entre o Santo e a Criação, é que o mundo observava a natureza como um lar para a brutalidade e a insensibilidade selvagem dos seus habitantes, enquanto a perspetiva de Francisco representava o oposto de tais observações. Louvando o irmão sol e o fogo pela sua iluminação do mundo, a terra onde se assentavam as rochas e as árvores, toda a Natureza exposta a adoração na sua beleza repleta atribuída por Deus. Como foi referido anteriormente, para muitos a natureza representava tudo que era selvagem, local onde criaturas se escondiam nas sombras para assaltar o Homem, juntamente com a solidão e o frio existente nela. Mas tal noção foi substituída por outra, uma que afirma que tudo que

⁹⁴ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág.282-283.

Deus criou representava o Bem, um local cheio de esplendor, alegria e amor, e Francisco fixou-se nessa noção. A Natureza como uma representação divina criada pela mão de Deus, e seus habitantes serviam a vontade do seu criador, amar a Natureza era amar Deus.⁹⁵

Prática da pobreza

Francisco e o resto da Ordem realizaram muitos feitos ao longo dos anos, juntamente com a popularidade que o Santo e o Franciscanos viriam a amontoar através das suas ações, a sua pregação não era só pela palavra, como também através da realização de atos de caridade perante os pobres, os doentes e muitos desafortunados. Juntamente com os milagres realizados pelo Santo, desde os seus atos de exorcismo, lutando contra a influência do demónio; ter curado pacientes que se encontravam num estado de paralisia; retorna a vista dos cegos; tratamento de pessoas com carências ou doenças; os leprosos recuperam da sua condição; cura a audição dos surdos; e deu a voz aos mudos.

O Santo viria a ficar conhecido pela sua personalidade que veio a influenciar com todos com que cruzou na sua missão de viver como Cristo, a sua compaixão, humildade, simplicidade e caridade afetou desde o mais pobre até à alta sociedade medieval com todas as suas palavras dirigidas do seu coração e fé até aos seus atos de tão exaltada virtude.⁹⁶

Muitas destas ações não só se limitaram à Itália, Francisco também enviou muitos dos seus irmãos para manifestarem a sua exaltação e devoção a Cristo pelo resto do mundo, em algumas ocasiões eram bem-recebidos em alguns locais, mas infelizmente em alguns eles acabavam por não serem bem recebidos, eram humilhados ou vistos como dementes, e o destino que esperava aos que pregavam nas terras dos muçulmanos com a intenção de tentar converter os infiéis ao Cristianismo acabava em conflito ou martírio, certos irmãos viam tal fim como uma honra ou glória

⁹⁵ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 275-289.

⁹⁶ Cf. Le Goff, *S. Francisco de Assis*, págs. 29-90.

morrer em nome de Deus, este ponto virá a ser mais evidente quando Francisco insere-se no contexto das Cruzadas. A vida de um frade menor era uma de abdicação e de certos riscos, a humilhação era constante, mas algo que o Santo afirmava ser parte da vida que seguiam, pois Jesus Cristo na sua crucificação também foi humilhado, traído e suportou as várias agressões, sofrimento era também um componente desta vida que escolheram, tal como os doentes e os pobres também sofriam, parte da forma de viver como Cristo quando ele andava entre os homens na Terra.⁹⁷

A ordem também serviu bem no combate contra a heresia, consoante as intenções da Igreja Latina, o Santo e os seus os frades menores tentavam divulgar a sua palavra perante os hereges e os pecadores, de acendendo a luz perante as trevas durante tais pregações, levando a que alguns se convertessem ou até fugissem ou recuassem da tal exaltação de devoção. Também aos hereges não lhes favorecia fazer frente ou contradizerem a oratória de Francisco, tendo em conta que a sua ação caía dentro da autoridade da Igreja, e através de tal ação, o Santo e a sua Ordem defendem-na, afirmando que só através da santa Igreja Romana se encontrava o caminho para a salvação da alma e o perdão dos pecados.⁹⁸

Os frades menores vieram a ganhar apoiantes, convertendo ou afastando os opositores da Igreja com a sua mensagem e objetivo de dar paz e seguir uma vida de penitência que deu inspiração os povos viriam a entrar em contacto, aumentando a sua influência.

Francisco assumiu um papel durante os tempos das Cruzadas, levadas a cabo pelo Papa Inocêncio III para libertar os sítios sagrados na Palestina e parar os avanços dos muçulmanos na Espanha, numa tentativa para fazer frente a estas ameaças à Cristandade, ele reúne as forças cristãs para combater, desde a exércitos enviados para o Médio Oriente a marchas de crianças pela Europa e o Mediterrâneo até chegarem a Jerusalém. Mas a fome, as tempestades, o martírio das crianças e outros fracassos encheram os corações de muitos cristãos com mágoa, especialmente o caso

⁹⁷ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 211-220.

⁹⁸ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 211-220.

das crianças que vinham a cantar e aclamar o nome de Deus pelo seu caminho à Terra Santa.⁹⁹

O Santo não ficou indiferente a esta situação, também sentia a tristeza por tais desafortunadas ocorrências e perante estas, Francisco na sua Regra escreve e define de que forma se aborda a pregação e conversão nas terras muçulmanas, afirmando que qualquer frade menor que sentir inspirado para praticar tais ações nas terras dos infiéis teria de pedir consentimento a um dos Ministro da Ordem dos Frades Menores, e que este não impeça o frade de vir a realizar em, a não ser que o pedido apresentado seja inconveniente para a sua realização. Francisco também afirma como os frades devem aproximar-se dos infiéis na sua Regra «E os frades que vão para entre os mouros e outros infiéis, de duas maneiras se podem entre eles espiritualmente portar: e a primeira é não abrirem questões nem contendas com ninguém, mas mostrarem-se submissos a toda a humana criatura por amor de Deus, e confessarem sempre que são cristãos; e a outra é, quando virem ser vontade de Deus, anunciarem sua palavra para que todos creiam no Deus Todo poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo Criador de todas as coisas, e no Redentor e Salvador, e possam ser baptizados e viver como cristãos».¹⁰⁰

Os frades teriam de se submeter à sujeição nas terras que visitavam e difundir a fé cristã entre os infiéis sem entrar em conflito e oferecer a eles a chance de se converterem e serem batizados, mesmo que esta ação os leve à morte nas mãos dos inimigos de Cristo, assegurando que as suas almas estavam nas mãos do Senhor. Francisco não possuía o mesmo zelo que os cruzados tinham, Cristo não conquistou o coração dos Homens através da espada ou com um exército, mas através da sua submissão perante os seus inimigos, entregando-se ao sofrimento e à crucificação para a finalidade de entregar a liberdade e salvação através da bondade, paciência e caridade, mesmo na face do perigo iminente.¹⁰¹

⁹⁹ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 251-262.

¹⁰⁰ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág.254.

¹⁰¹ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 251-262.

Em 1212 a Ordem foi enriquecida com a primeira mulher, Clara de Assis, a futura Santa Clara, fundadora do ramo feminino dos Frades Menores, as Clarissas, que logo trouxe suas irmãs, a quem foi dado o uso da capela de São Damião.¹⁰²

Ainda em 1212, Francisco com a companhia de um dos frades viajaram para o Médio Oriente, o seu destino sendo a Síria, enquanto em Porciúncula o Santo deixou Fr. Pedro a assumir as responsabilidades de manutenção da Ordem durante a ausência de Francisco. Arranjar meios marítimos para atravessar o Adriático não era uma tarefa custosa, com todos os peregrinos que realizavam visitas à Terra Santa, era obrigação fornecer transporte a estes, logo o Santo não teve muitas dificuldades.

Mas a viagem não ocorreu devido às tempestades a ocorrer durante aquela parte do ano, foram obrigados a mudar os seus planos e voltar a terra para tentar novamente noutra altura do ano para ir em peregrinação à Terra Santa. Algo a contar sobre este incidente é que ao longo do percurso ocorreu um milagre levado a cabo pelo Santo, de ele ter acalmado a tempestade para abrir caminho estável para voltar a terra e multiplicou a quantidade de alimentos guardados no barco que estavam a escassear. Mesmo que a viagem não tivesse ocorrido como o planeado, Francisco ganhou a admiração dos tripulantes por este milagre, levando a que alguns aderissem à Ordem.¹⁰³

O crescimento da Ordem dos Frades Menores dava a sua continuação, ao mesmo tempo que os esforços de pregação e conversão também se manifestavam em diversos cantos da Europa e nas margens do Médio Oriente, alguns encontraram sucesso, mas certas fracassaram. Teve também alguns encontros a nobreza em Espanha, onde ele se encontrou com um conde durante uma das festividades que estava a ocorrer, Conde Orlando de Chiúsi, ele encontrou-se com Francisco e estava em repleta admiração pela figura que se encontrava perante a sua presença, pela sua devoção até ao ponto de se arriscarem a tornarem-se mártires nas mãos dos infiéis, tal coragem, generosidade e veneração, ele ofereceu um monte na Toscana, o Alverne¹⁰⁴, onde os irmãos da Ordem poderiam instalar-se lá para levar a cabo a sua

¹⁰² Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 221-238 e Cf. Le Goff, *S. Francisco de Assis*, págs. 29-90.

¹⁰³ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 251-262.

¹⁰⁴ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág.265.

evangelização, e Francisco afirma que mandaria alguns dos irmãos para a residência do Conde para finalizar este acordo de doação de terra. Isto veio a ocorrer com alguma frequência à medida que os Frades Menores e o Santo adquiriam alguma notoriedade à medida que praticavam a sua ação com novos lugares para prestar devoção à Madona Pobreza. Em certos casos questionava-se a doação destas terras, talvez como formas tentadoras do demónio de mover Francisco para o pecado, mesmo assim ele não recusa, recebeu-a de forma agradecida. Não se ausentara do objetivo de vir ao encontro dos infiéis e divulgar a palavra do Senhor em Marrocos.

Seguido este caminho, ele queria dirigir-se a Marrocos a fim de realizar a sua pregação entre os infiéis, mas novamente ele vê-se obrigado a não percorrer esse caminho, a razão por tal ocorrência é desconhecida, afirma-se que o Santo adoeceu ou por outro motivo que o fez resignar da sua viagem, e foi ele então de volta para Itália.

Mesmo assim, Francisco e os frades davam continuação à pregação, atraindo mais indivíduos a aderirem à Ordem, mercadores, nobres, estudantes ou homens de letras e outras pessoas de diversos estatutos sociais, todos queriam viver e seguir o exemplo do Santo de forma entusiasmada e acompanhá-lo ao longo das suas jornadas vivendo uma vida com a Madona Pobreza e divulgar a paz pelo mundo fora.¹⁰⁵

Difundir a Paz entre os infiéis

Nos inícios de 1219, o Papa dá continuação às cruzadas sobre a Terra Santa, agrupando homens para a formação de exércitos cristãos para fazer frente às forças do sultão. Francisco preparou a ordem para várias missões nas terras muçulmanas, no Médio Oriente e África, missões estas que tinham a possibilidade de terminarem em martírio nas mãos dos infiéis, ou em alguns dos casos eles eram simplesmente expulsos, mas os irmãos eram lhes dito que pusessem a sua confiança no Senhor que os guiava na prática da virtude.

¹⁰⁵ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 263-273.

E da Itália muitos dos irmãos partem para estes destinos, enquanto Francisco acompanha as embarcações destinadas à Cruzada na Terra Santa, mas opondo-se à ideia de conquistar a partir do combate, mas sim, através da paz e do bem. Antes de partir para Acre ele deixou os ministros a responsabilidade de administrar a Ordem dos Frades Menores na sua ausência para que guiassem os frades de acordo com a Regra e modo de vida imposto.¹⁰⁶

No navio que se dirigia a Acre, ele observava os outros cristãos, nunca vira homens com tal zelo de caráter violento, os líderes militares troçaram dos métodos de fazer frente à influência muçulmana através dos gestos de paz, preferindo abordar a situação na Terra Santa através das armas e artes da guerra, e quando a altura para o assalto chegou, muitas foram as vidas de cristãos ceifadas nos campos de batalha. O líder das forças muçulmanas, Melek-el-Kamel, vitorioso, propôs termos de paz juntamente com condições postas sobre os cruzados que poderiam ser vantajosas na situação em que se encontravam. Mesmo assim, os líderes das forças cristãs não aceitaram os termos expostos, foi neste preciso momento que Francisco dirigiu-se ao Cardeal Pelágio permissão para ir ao encontro do exército muçulmano e tentar salvar a sua alma e converter o sultão para o Cristianismo.

O Cardeal recusa tal pedido, pois tal ação poderia marcar o fim da vida de Francisco e do frade menor que o acompanharia. O Santo continua a insistir para ir ter com o sultão e após alguns argumentos e discussões o cardinal dá a permissão, mas que estariam por sua conta própria. E foi então que eles se dirigiram ao acampamento onde o Melek-el-Kamel se encontrava, os soldados garantiram a entrada destes dois para uma audiência, o objetivo de Francisco era conduzir a alma deste líder a Deus e afastar-se dos ensinamentos de Mafoma.¹⁰⁷ Perante o líder muçulmano na sua tenda, Francisco diz «Se nos quiserdes acreditar, levaremos vossa alma para Deus; mas se morrerdes nessa vossa lei de Mafoma, estais perdido e Deus não terá mais a vossa alma. A isto viemos ter convosco. Se nos quereis ouvir, vos mostraremos com direitas razões, diante dos homens mais eminentes de vossa religião se assim vos aprouver,

¹⁰⁶ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 361-378 e Cf. Le Goff, *S. Francisco de Assis*, págs. 29-90.

¹⁰⁷ Mafoma é uma designação para o Profeta Maomé, Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 361-378.

que vossa lei é enganosa.»¹⁰⁸ Estas palavras podiam bem levar ao fim de uma vida por ultraje perante o Islamismo, mesmo assim, o sultão encontrava-se impressionado pela postura dos dois cristãos e sua vontade de vir ao seu encontro para o “salvar” da lei e fé enganosa, arriscando as suas próprias vidas para tal fim, foi então que continuou a ouvir as palavras destes cristãos. Os sábios e outros intelectuais que foram chamados à presença do sultão rodearam Melek-el-Kamel afirmavam que de acordo com a lei de Mafoma que as cabeças de Francisco e do outro frade deviam ser cortadas por tais afrontas, pois era o seu dever como sultão.¹⁰⁹

Os intelectuais retiram-se da tenda do sultão, e este afirma «Bons senhores, como ouvistes, mandaram eles por Deus e Maomé que vos cortasse a cabeça, segundo o preceito da nossa lei. Mas eu desta vez quero dispensar a lei, pois mau pago seria dar-vos a morte a vós que, sabendo como são as coisas, haveis exposto a vida a fim de levar a minha alma para o Senhor Deus.»¹¹⁰ Como foi afirmado anteriormente, grandes eram os riscos de tal curso de ação, o sultão não só lhes dispensou de tal lei, mas ofereceu-lhes um lugar ao seu lado, vastas terras e bens, juntamente com outras riquezas, mas Francisco recusou, afirmando que a única oferenda que aceitaria era a alma do sultão ao Senhor, nada mais aceitariam a não ser doações através da esmola ou alimento para os sustentar. O sultão, de bom agrado, mandou que os dois frades fossem servidos com uma refeição, permitiu a pregação entre os seus súbditos e depois fossem levados de volta ao acampamento dos cristãos, mas na despedida, diz-se que o sultão em segredo pediu a Francisco que rezasse a Deus pela sua alma antes do seu retorno ao acampamento. Tal retorno que surpreendeu os cruzados, suscitando adoração a tal ato, Francisco deu continuidade à sua missão de pregar entre os infiéis na Terra Santa e visitar os lugares santos. Mesmo assim, os esforços da Cruzada fracassavam, e as várias mortes entristeciam Francisco, tantos males realizados nas terras onde Cristo caminhou, o Santo decide retirar-se e regressar a Itália, ao seio da sua Ordem.¹¹¹

¹⁰⁸ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 373.

¹⁰⁹ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 361-378 e Cf. Le Goff, *S. Francisco de Assis*, págs. 29-90.

¹¹⁰ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 374.

¹¹¹ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 361-377.

Restabelecimento das virtudes e reforma da Ordem

Na ausência do Poverello, os frades Ministros que ficaram a cargo de administrar a Ordem realizaram algumas mudanças, tais renovações que afastaram das virtudes da humildade, pobreza e simplicidade, e no seu lugar, a realização de estudos e pregação reservada somente à classe clerical e não a toda as gentes tal como a Regra instruíra. A Ordem transformou-se por completo na sua ausência, o seu regresso foi celebrado, mas a Regra foi alterada por termos de vida conventual e tal Regra alterada ia a caminho de Roma para que fosse aprovada, algo que veio a causar mágoa a Francisco.¹¹²

Isto levou a uma reação de Francisco para reestabelecer as virtudes da primeira Regra, a vida evangélica, trazendo a ordem para os seus seguidores, e para tal fim, necessitou do auxílio e intervenção do Papa e da Igreja para que evitasse a ocorrência de tal afastamento do caminho da pobreza e da verdadeira alegria na simplicidade. Mas para tal fim, ele teve de reformar as regulações da Regra através da sua redação, de forma a que se reduza o rigor que os seus termos apresentavam aos membros da Ordem, isto com o auxílio do novo Papa Honório III e do Cardeal Hugolino¹¹³ na alteração de regularizações em relação a autoridade e administração da Ordem, «Os frades não estão obrigados a obedecer aos seus Ministros quando eles lhes imponham alguma coisa contra a nossa vida evangélica ou contra a alma»¹¹⁴ esta regra, entre as outras, viria a fornecer meios para preservar o espírito mendicante franciscano da ordem face a desvios da espiritualidade que intendiam seguir.¹¹⁵

O Santo dedicou 3 anos, entre 1221 e 1223, a expor os seus ideais de pobreza, humildade e simplicidade na composição desta Segunda Regra em solidão, à medida que recorria ao Evangelho, uma Regra que viria a melhor esclarecer aos membros da Ordem dos Frades Menores a forma como percorrer o caminho da vida que selecionaram, como deveriam aproximar uma situação em que um irmão que tenha

¹¹² Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 379-396.

¹¹³ Cardeal que conheceu ambos S. Francisco e S. Domingos, ele viria a ser eleito Papa Gregório IX e viria a canonizar o Poverello, Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 495-497.

¹¹⁴ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 390.

¹¹⁵ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 379-396.

entrado no pecado e de como salva-lo, entre outras regulações adicionadas de forma a manter o caos longe da ordem.¹¹⁶

Francisco isolou-se durante este período e deixou a chefia da Ordem nas mãos Ministros que viriam a levar a cabo a sua administração, sendo Fr. Elias que liderou a Ordem. Os Ministros e frades encontravam-se num estado de receio em relação à Regra que estava a ser escrita, receando que fosse demasiado severa para o seu cumprimento, eles foram então ao encontro de Francisco com Fr. Elias para expressar as suas preocupações e a afirmar que não viriam a seguir tal Regra, mas que a escrevesse para si mesmo. O Santo, tendo escrito a Regra não pelas suas palavras, mas pelas do Senhor, Francisco enfrenta esta situação olhando para os céus falando com ele «Não vos tinha eu dito, Senhor, que eles não se acreditavam em mim?»¹¹⁷ e foi então que Deus respondeu a Francisco «Francisco, nada há na Regra que seja teu; mas tudo quanto nela está, a mim pertence. E eu quero-a observada à letra, à letra sem glosa, sem glosa, sem glosa.»¹¹⁸ Veio ele ainda a acrescentar à sua vontade que aqueles que se encontravam incapazes de estudar e seguir a Regra composta por si, que deixasse a Ordem, pois estaria fora de questão o desvio da sua regulação.

Após conhecida a vontade de Deus, Francisco dirige a sua palavra aos Ministros e ao que teria de ser feito, e que não haveria outra alternativa e que esta Regra teria de ser seguida na Ordem dos Frades Menores, os Ministros retiraram-se da sua presença, sentindo alguma culpa e confusão, pois as palavras expostas nesta nova Regra não lhes faziam sentir como se tivessem sido escritas pela mão de Jesus. Mesmo assim, ela viria a ser cumprida, em 1223, a Segunda Regra é apresentada em Roma e o Papa Honório III aprova-a para que a Ordem a siga à letra.¹¹⁹

Aceitação da Irmã Morte

Os anos que seguem após 1223 são marcados pelo adoecimento de Francisco depois de vários de anos ao serviço do Senhor pelos atos de compaixão e

¹¹⁶ Cf. Le Goff, *S. Francisco de Assis*, págs. 29-90.

¹¹⁷ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 409.

¹¹⁸ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág. 409.

¹¹⁹ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 397-414.

generosidade, de trabalho manual e fatigante, o seu corpo estava gasto, e sem receio, ele olhava para o resto do seu tempo na Terra à espera de que a morte o levasse ao tesouro prometido no reino dos céus. Algo a adicionar em relação à espiritualidade de Francisco e a sua adoração por todos os elementos existentes na Criação, era que mesmo nessa adoração a morte estava incluída, não como uma força a temer que ceifasse a sua alma, mas para ser abraçada e aceita como um elemento essencial no plano do Senhor, designando-a como a irmã morte.

Passou o resto dos seus dias a ensinar os irmãos a viver segundo a Regra e suas virtudes, repousado e rodeado pelos membros da ordem que o auxiliavam e ouviam a sua palavra que sempre lhes tocara com alegria e sabedoria do Senhor. Tal impressão não só marcou irmãos, mas pelas gentes que tiveram a oportunidade de estar presentes perante a figura do Poverello que ficaram encantadas pelo impacto que ele teve sobre elas.¹²⁰

Alguns teriam saído da Ordem após a apresentação da Regra, mas os Ministros que ficaram receberam modelos da Regra e foram pela Europa fora para estabelecerem ermidas ou locais para o seguimento da espiritualidade dos menores, despedindo-se do Santo por uma última vez, pois a sua morte aproximava-se à medida que a sua doença deteriorava a sua saúde.

Em alguns dias o Santo passava certos dias isolado em penitência, orando cada dia que passava e lendo o Evangelho, onde veio ao encontro do episódio da Paixão de Cristo, que na cruz sofreu todas as dores e torturas sobre o seu corpo à beira da morte, que tal ato manifestava a exaltação do espírito do Salvador do Homem, aceitando o sofrimento e a morte, elevando a sua figura. Tal episódio inspirou o Poverello à escrita de louvores ao Senhor, como ele foi a representação das grandes virtudes, protetor do espírito do Homem e portador da paz e do caminho para a salvação.

Os últimos dias da sua vida aproximavam, despedindo por uma última vez alguns dos membros da sua família de frades menores, também se despediu de Clara em S. Damião e também se despediu dos lugares por onde passou à medida que suportava a

¹²⁰ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 429-440 e Cf. Le Goff, *S. Francisco de Assis*, págs. 29-90.

agonia causada pela doença em todo o seu corpo, rogando a Deus que o prestasse auxílio nestes momentos de sofrimento corporal.¹²¹

Mas tal sofrimento não lhe trazia tristeza, mas felicidade, pois aproximava-se o momento em que viria a deixar a Terra para trás e entrar no Reino de Deus, o tesouro de maior valor existente que a alma poderia possuir, e Francisco aproximava-se de tal fim, e neste momento, ele cantou o ilustre Cântico ao Irmão Sol ou o Cântico das Criaturas dedicada a toda a Criação, criaturas, o Sol, o fogo, entre outros elementos que constituem o mundo por onde caminhamos e a glória concedida por Deus sobre ele, esta canção desenvolveu-se à medida que os dias da sua enfermidade passavam, adicionando mais elementos a louvar.¹²²

«Altíssimo, onipotente bom Senhor, a Ti, louvor e glória e honra e toda a bênção.

«A ti só, Altíssimo, se hão-de prestar e nenhum homem é digno de te nomear.

«Louvado sejas, meu Senhor com todas as tuas criaturas, especialmente o meu irmão Sol, o qual faz o dia e por ele nos alumia.

«E ele é belo e radiante, com grande esplendor: de ti, Altíssimo, nos dá ele a imagem.

«Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã lua e estrelas: no céu as acendeste, claras, e preciosas, e belas!

«Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento, e pelo ar, e nuvens, e sereno, e todo o tempo, por quem dás às tuas criaturas o sustento.

«Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água, que é tão útil, e humilde, e preciosa e casta!

«Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo, pelo qual alumias a noite, e ele é belo e jucundo e robusto e forte!

¹²¹ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 441-452.

¹²² Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 453-466.

«Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa, e produz variados frutos, com flores coloridas, e verduras.

«Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam por teu amor e suportam enfermidades e tribulações.

«Bem-aventurados aqueles que as suportam em paz, pois por ti, Altíssimo, serão coroados.

«Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã a morte corporal, à qual nenhum homem vivente pode escapar.

«Ai daqueles que morrem em pecado mortal! Bem-aventurados aqueles que cumpriram tua santíssima vontade, porque a segunda morte não lhes fará mal.

«Louvai e bendizei a meu Senhor, e dai-lhe graças e servi-o com grande humildade.»¹²³

Mesmo na doença e próximo da morte, Francisco dá continuidade aos louvores e cânticos ao Reino de Deus e do Senhor com grande devoção, todos os irmãos o ouviram em espanto e admiração pela força e dedicação de Francisco, cada momento acrescentando à derradeira canção.¹²⁴

Os médicos encontravam-se espantados com tal estado, Francisco aguentou os sofrimentos dos tratamentos que forneciam, e houve um caso que entre um deles e Francisco, um diálogo em que o médico tentou disfarçar a deterioração da condição do Santo, afirmando que tudo Deus fornecia e poderia melhor, mas Francisco pede-lhe que seja dita a verdade, foi então que o médico respondeu que «Segundo a ciência nos ensina, irmão, essa enfermidade não tem cura; e se passares Setembro, não levas Outubro ao fim.»¹²⁵ Em vez de a tristeza pesar no coração do Poverello, este enche-se de alegria, exaltando-se para os céus dando as graças à irmã morte «Pois benvinda seja a minha irmã a morte!»¹²⁶ chamando os irmãos para cantarem com ele, cantando

¹²³ *Fontes Franciscanas I – São Francisco de Assis*, pág.88.

¹²⁴ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 453-466.

¹²⁵ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág.481.

¹²⁶ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág.481.

o Cântico ao Irmão Sol e todas as criaturas, foi aqui que Francisco adicionou a tributo à irmã morte no cântico nos últimos versos.¹²⁷

Francisco pede que o levem à Porciúncula, onde desejava passar os últimos dias e encontrar-se com a morte lá e ser sepultado nu, um local onde muitas memórias o dariam conforto junto da companhia da família que criou e que continuava a crescer. Na jornada, já não possuindo visão alguma, estava deitado num catre enquanto os irmãos o carregavam, descrevendo a ele os sítios por onde passavam e o Santo dirigia a sua palavra ao falar sobre tais sítios como se fosse a última vez contando os episódios da sua vida por que ele passou, sobre os inícios da ordem e dos feitos de cada irmão, tais histórias pesavam sobre o coração dos irmãos com saudade, Francisco passaria para o Reino de Deus e os irmãos viriam a herdar o legado do Santo na Terra para dar continuidade à sua obra ao serviço da Madona Pobreza e dos desafortunados. Ao longo do caminho também se despediu de outros irmãos e também as irmãs das Clarissas em São Damião.¹²⁸

A 3 de Outubro de 1226 foi o dia que Francisco abraçou a irmã Morte, rodeado por irmãos e outros conhecidos nos seus últimos momentos deitado nu sobre a terra numa noite, tal como tinha requerido «Quando me virdes entrar em agonia, outra vez nu me haveis de estender no chão»¹²⁹ e a sua vontade foi cumprida, sua alma voara ao encontro do tesouro no Reino do Senhor e na Terra todos o que o rodeavam entristeciam com a partida do Santo, uma figura que lhes foi como um pai, uma mãe ou um mentor.¹³⁰

No dia seguinte, realizou-se o funeral com o cortejo que sobe de Santa Maria dos Anjos e pela cidade de Assis, passando por S. Damião onde Clara e suas irmãs para olhar para o Santo por uma última vez, apresentado à imagem de Cristo com as feridas da sua enfermidade que sofreu. Francisco foi enterrado na Igreja de S. Jorge em Assis, cardeal Hugolino estava ausente, mas quando ouviu as notícias do falecimento do Santo e seu amigo ele entristeceu-se, mas quando ele foi eleito Papa e assumir o nome

¹²⁷ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 467-482.

¹²⁸ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 483-494 e Cf. Le Goff, *S. Francisco de Assis*, págs. 29-90.

¹²⁹ Lopes, *O Poverello*, pág.492.

¹³⁰ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 483-494.

Gregório IX, ele viria a canonizar Francisco como o homem que difundiu as alegrias da Paz e do Bem pela Terra a 16 de Julho de 1228.¹³¹

«Para maior honra e glória do Deus Onipotente, Pai, Filho e Espírito Santo, e da gloriosa Virgem Maria, e dos bem-aventurados apóstolos S. Pedro e S. Paulo, e para honra da Igreja Católica, com o conselho dos nossos irmãos e demais prelados, venerando na terra aquele a quem Deus glorificou nos céus, declaramos e decretamos que o bem-aventurado Francisco seja inscrito no catálogo dos Santos e que sua festa se celebre no dia aniversário de sua morte»¹³² com estas palavra proclamadas pelo Papa Gregório IX, Francisco é canonizado e todos os seus feitos e ensinamentos viriam a marcar presença nas gerações de irmãos e irmãs nas suas ações e serviço através da vida ao exemplo de Cristo e fidelidade à Madona Pobreza, mantendo um caráter caridoso e humilde, sempre ao dispor das necessidades dos mais desafortunados, vivendo através da simplicidade e ausência de quaisquer bens que impeçam a elevação da alma e aproximação da verdadeira alegria obtida através da Paz e do Bem para alcançar o derradeiro tesouro que aguarda os homens de coração bondoso no Reino de Deus.

Mesmo após a sua canonização pelo Papa Gregório, a Ordem dos Frades Menores ainda e encontrava em crescimento em relação ao número de discípulos que aderiram ao seguimento da prática da imitação de Cristo, juntamente com a expansão e popularidade que a ordem veio a acumular até ao ponto de qualquer cidade na Europa possuir conventos franciscanos, com grande apoio por parte do papado e da Igreja, esta última veio a utilizar a ordem franciscana como um meio de combate contra o surgimento da heresia, da mesma forma que os dominicanos viriam a executar.¹³³

Mas esta finalidade talvez não foi projetada por Francisco, enquanto os dominicanos diretamente concorriam com outros ramos do clero nesta luta contra as heresias, o Pobre de Assis e a sua Ordem tinha a intenção de incentivar a união, alegria a derradeira igualdade espiritual do Homem, sem divisões entre o mendigo ou o

¹³¹ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 495-497.

¹³² Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág.497.

¹³³ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 495-497.

príncipe ostentoso, ao mesmo tempo encontrar paz e aceitação de todos os elementos constituintes do universo criado por Deus, desde a terra, o fogo, ou a vida e até a morte. O Santo possuía uma mentalidade talvez demasiada revolucionadora ou avançada perante a sociedade da época em que viveu, mas em anos ou nas gerações que se seguiram, ele veio a ser redescoberto pelas suas palavras e venerado pela sua personalidade devota, conquistando mais mentes que se apegaram à mensagem deste Pobre de Assis.¹³⁴

¹³⁴ Cf. André Vauchez, «S. Francisco de Assis» in Jacques Berlioz, *Monges e Religiosos na Idade Média*, págs. 243-262 e Cf. Le Goff, *S. Francisco de Assis*, págs. 29-90.

2.2 Figuras marcantes da ordem franciscana

2.2.1 Clara de Assis

Clara pertencia a uma família nobre de Assis de grande prestígio, filha de Favarone de Offredúccio e Madona Hortolana, o pai dedicava-se ao governo dos seus territórios enquanto sua mãe tomava uma vida mais devota e corajosa, algo que viria a influenciar a filha, Hortolana teria visitado os lugares santos em Jerusalém e as basílicas de Roma. Clara também passou pelos tempos em que Assis e o seu povo expulsaram a nobreza da cidade, incluindo também a sua família que ficou a perder com a ruína das suas propriedades e tiveram de pedir refúgio a Perúcia. Este acontecimento deixou-lhe uma marca na sua alma e memória sobre um tempo de incerteza, miséria e desgraça, mesmo que todos os bens e propriedades sido retornado à posse da sua família após o seu retorno a Assis, Clara sentia as suas emoções e piedade a exaltarem-se, levando a uma vontade de realizar a prática de atos cristãos de generosidade. Muitos foram atraídos a tal mulher de virtude e piedade, todos com oferendas e propostas de casamento, mas só um homem lhe chamou a atenção e a comoveu, e só ele viria a fornecer o caminho da paz e servidão do Senhor e da sua vontade.¹³⁵

Pouca é a informação em relação ao primeiro encontro realizado entre Francisco e Clara, sabe-se que ambos iniciaram a sua amizade baseada na devoção e adoração que ambos partilhavam pelo Senhor numa tremenda alegria que lhes enchera o coração, mas afirma-se que Clara ouviu sobre Francisco após a realização da renúncia dos bens materiais que ele realizou no julgamento realizado pela Comuna de Assis como o jovem de um mercador rico que abdicou de tudo, este gesto cativou o coração de Clara. Tal como Francisco, houve um ponto em que sentiu a necessidade de realizar os atos de caridade em nome do Senhor e do bem-estar dos desafortunados, ausentando-se de alguns banquetes e outras celebrações para oferecer esmola e alegrar os pobres e os doentes, nela refletia-se uma alma caridosa. Muitas vezes ela

¹³⁵ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 221-238 e Cf. Le Goff, *S. Francisco de Assis*, págs. 29-90.

viu Francisco a realizar os seus sermões, e até a um ponto ela veio a ter encontros em segredo com o pobre de Assis, este segredo deve-se à necessidade de os pais não saberem pela razão de não aprovarem este comportamento, nem companhia. Francisco falava-lhe sobre Jesus Cristo e a sua vontade e Clara ouvia-o, cativada pela sua palavra. Sempre o viu a saudar toda a gente pelos caminhos por onde caminhava, contagiando todos em redor com a alegria do seu espírito, Clara decidiu então entregar-se à vida ao serviço da pobreza e sujeitar-se à santa virgindade.¹³⁶

E foi em 1212, durante uma noite que ela saiu do palácio da sua família em direção a Porciúncula para vir ao encontro dos frades que lá se encontravam reunidos na ermida. Ela deixou as suas vestes de nobre para se submeter à pobreza, tremendo de uma imensa alegria que lhe enchia o coração, Francisco veste-a da mesma forma que os outros frades, uma túnica com uma corda a servir como um cinto, cortando-lhe as tranças fartas e põe um véu na sua cabeça.

Na cidade dava-se a falta por Clara, a notícia do seu desaparecimento corria pela cidade. Quando Favarone soube que a filha entendia aderir à vida religiosa e a viver na pobreza, ele enviou cavaleiros para o mosteiro de S. Paulo de Bastia onde os frades menores teriam levado Clara para finalizar o juramento como uma esposa de Deus. Os cavaleiros não atreviam a tocar, pois ela, no momento que chegaram, já tinha concluído a sua iniciação da sua nova vida, e tocar nela poderiam levar à excomunhão, eles ameaçaram e tentaram convencer Clara a abandonar o mosteiro, mas ela não se moveu das suas intenções de servir o Senhor, deixando nenhuma outra opção, os cavaleiros voltam para Assis.¹³⁷

E com este ato, forma-se a Ordem das Clarissas, o ramo feminino dos Menores que se fixou no Convento de S. Damião, e até mesmo antes de um mês passar, a ordem veio a encontrar-se em crescimento. A maior parte delas vinham da nobreza, Francisco serviu como um mentor a ensinar-lhes o Evangelho e Santa Clara organizava as lições e até veio a compor a Regra para as suas irmãs da ordem. Até aos seus últimos dias, Francisco auxiliou as clarissas, a sua última visita foi já depois da sua morte: o seu corpo foi levado a S. Damião para a despedida de Clara.

¹³⁶ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 221-238.

¹³⁷ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 221-238.

Em relação ao modo de viver deste ramo feminino, não se sabe muito, para além das orações ou trabalho, mas tal como os frades, dedicaram-se à pobreza que encaminhava a alma para a verdadeira liberdade e alegria, distribuindo todos os bens para se juntarem a ela nesta vida que as espera. Afirma-se que Francisco via em Clara o rosto da madona Pobreza devido à sua devoção e espírito gentil, e durante quarenta anos viveu de tal forma seguindo o Evangelho.

As exigências da pobreza na ordem eram elevadas, que até o papa Gregório IX em 1228 pediu que Santa Clara as mitigasse, oferecendo-lhes rendas para o sustento do seu mosteiro, mas a Sorella Clara¹³⁸ recusa formalmente tais cuidados, afirmando que só viria a aproximar-se do pecado.¹³⁹

Muitos foram os feitos realizados por Clara, o que teve maior relevância ocorreu em setembro de 1240 quando um exército às ordens do Imperador se aproxima de Assis, subindo os muros do mosteiro, a Santa levanta-se e exige que as irmãs tragam o Sacramento enquanto ela implora «Guarda, Senhor, este pequenino rebanho que os lobos assaltam, pois eu não o posso já defender.»¹⁴⁰ O perigo sobressaltava, mas Cristo responde às suas preces «Sossega, filha, que sempre o guardarei.»¹⁴¹ E foi neste momento que os assaltantes fogem, a causas para tal ocorrência sendo desconhecidas, um ano depois o mesmos exércitos continuavam o cerco sobre Assis, as irmãs, em jejum, imploram a Deus para que conceda-se a sua proteção sobre a cidade, e novamente, estes retiram-se.

A 11 de Agosto de 1252, Santa Clara falece, os seus últimos momentos recheados de louvores e cânticos ao Senhor que lhe abençoara a sua vida, entregando a sua alma para o Reino de Deus e juntar-se a S. Francisco.¹⁴²

¹³⁸ O termo “sorella” significa irmã em italiano.

¹³⁹ Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 221-238.

¹⁴⁰ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág.237.

¹⁴¹ Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, pág.237.

¹⁴² Cf. Lopes, *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 221-238.

2.2.2 Santo António

A Ordem dos Frades Menores produziu diversas personalidades e figuras notáveis que viriam a refletir os ensinamentos da Ordem com grande impacto através da manifestação da espiritualidade e doutrina franciscana. Entre eles encontrava-se São António de Lisboa, um dos principais membros que veio a amontoar uma certa notoriedade que não se limitou só a Portugal ou à Europa, como também deixou a marca dos seus atributos, feitos ou da sua espiritualidade franciscana pelo mundo fora, tornando-o numa figura venerada por muitos. Isto também se deve à sua sabedoria, pela sua devoção e apostolado no processo da difusão e evolução da mentalidade franciscana.

O Santo nasceu em 1195 em Lisboa, membro de uma família notável da nobreza, sendo batizado com o nome de Fernando. Nos anos que se seguiram ele foi introduzido aos estudos teológicos, dos textos sagrados e das figuras da Igreja, juntando-se aos cônegos cuja doutrina se baseava no seguimento da regra monástica composta por Santo Agostinho. No início ele estudou no mosteiro da São Vicente na sua cidade natal, e depois veio a mover-se para o mosteiro de Santa Cruz em Coimbra. Os seus estudos contribuíram para o desenvolvimento das suas capacidades da prática da pregação como também do ensino, o seu desempenho nos estudos foi de certa forma notável perante os seus tutores.¹⁴³

Um dos momentos marcantes da sua vida ocorreu no ano de 1220 na sua estadia em Coimbra onde se apresentaram relíquias de cinco missionários da Ordem dos Frades Menores que na sua missão foram alvos de martírio, um fim desejado pelos seguidores do exemplo de Cristo, que deixaram para trás tais preciosidades que evidenciam a sua devoção e santidade na causa a que aderiram. Perante tal ato, o jovem Fernando ficou inspirado por tal dedicação, desejando seguir nos passos destes mártires para seguir tal caminho cujo destino seria a perfeita e definitiva alegria cristã, deixando para trás os cônegos para se juntar aos frades menores para tal finalidade.

¹⁴³ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 33-39.

O seu pedido para aderir à Ordem foi aceite, e daí adiante ele deixa de ser Fernando, assumindo o nome de António dentro desta nova família em que se inseriu. Partiu para Marrocos para imitar os feitos dos mártires, mas não foi possível devido à enfermidade que contraiu, obrigando a que António voltasse para Portugal; no entanto, uma tempestade desvia o percurso da rota e acaba por desembarcar em Itália. Aí ele passou algum tempo isolado no convento de Forlì, no norte de Itália devido ao chamamento do Senhor que pedia a António para cumprir a sua vontade, para a pregação da sua palavra e à ação apostólica, que lhe viriam a valer-lhe alguma notoriedade em França e Itália e a certos avanços na ordem mendicante, sendo um dos primeiros mestres teólogos entre os seus irmãos. Esta circunstância deve-se às suas capacidades intelectuais na área das ciências e da sua forma de transmitir o Evangelho nas suas pregações de forma tão devota e eficiente até ao ponto de reconquistar os homens que se tinham afastado da Boa-nova e da Igreja.¹⁴⁴

Tais capacidades vieram a agradar o patriarca da ordem que admirava o seu trabalho e virtudes, e o seu conhecimento foi partilhado entre os intelectuais e teólogos em Bolonha, onde veio a instruir o conhecimento teológico a todos que assistissem, isto sendo possível devido à autorização fornecida por Francisco com bom agrado, como também foi recomendada pelo santo patriarca devido à importância dos seus ensinamentos teológicos, sendo um dos primeiros mestres do ensino teológico da Ordem dos Frades Menores, tornando-se numa das figuras intelectuais de elevada consideração, auxiliando na formação da base da teologia franciscana. Não só em Itália, mas também em França que António veio a difundir os seus ensinamentos e a realizar as pregações de forma ativa e eficiente.

Santo António veio a assumir o cargo de Superior na Ordem Franciscana numa das localidades em Itália devido às suas contribuições através da pregação e na prática das virtudes, como também à amizade criada para com os restantes membros da ordem e as pessoas com quem se cruzou durante a sua missão. Exerceu o novo cargo de forma eficaz na sua dimensão administrativa.¹⁴⁵

¹⁴⁴ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 33-39.

¹⁴⁵ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 33-39.

Isto dura até ao ponto de concluir a sua função e retirar-se para Pádua, um local onde veio a familiarizar-se com bom agrado, permanecendo aí até aos seus últimos dias, escrevendo sermões dedicados aos ensinamentos teológicos para a interpretação da Sagrada Escritura. Tais textos ou sermões vieram a atrair teólogos e outros intelectuais, como também lhe valeu uma certa notoriedade devido ao valor rico e espiritual dos ensinamentos de Santo António, sendo reconhecido como um sábio e doutor dos valores franciscanos e da fé cristã. Interpretava a oração como um laço ou uma ligação entre o homem na Terra com o seu Criador e a adoração franciscana por Cristo, apontando também a importância com que esta deveria ser realizada, num espaço desprovido de ruído, ou qualquer forma de distração. O silêncio era essencial não só para os sentidos, mas também para a alma. Para Santo António, a oração deveria ser definida por quatro condicionantes necessárias para a sua realização, sendo uma das primeiras a abertura da alma perante de Deus, possibilitando o passo seguinte para dialogar de forma aberta e humilde perante Ele, para que possa escutar às necessidades do homem; e por fim, o último passo, mostrar gratidão perante de Deus.

Esta abordagem à prática da oração demonstra o espírito franciscano de veneração, benevolência ou paixão a Deus, de forma afetuosa e da abertura do coração perante o Criador e progredir pelo caminho da vida espiritual, evadindo a tentação de cair no pecado e dos bens materiais, e seguir pelo caminho da pureza da alma, da pobreza e do amor intenso a Deus. A alma e a fé são as únicas riquezas merecedoras de preservar, e Santo António veio difundir tal mensagem às pessoas da cidade, que viviam de forma cómoda e valorizavam o bem material que nada ligavam aos pobres e outros que se encontravam na miséria.¹⁴⁶

«Ó ricos – assim exorta ele – tornai-vos amigos dos pobres, acolhei-os nas vossas casas: serão depois eles, os pobres, quem vos acolherá nos eternos tabernáculos, onde há a beleza da paz, a confiança da consciência, a opulenta tranquilidade da eterna saciedade»¹⁴⁷

¹⁴⁶ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 33-39.

¹⁴⁷ Ibid., p.29, apud, capítulo “São António de Lisboa”, Bento XVI, in *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, pág. 37.

Santo António, ao encontrar-se com estas gentes, divulga a sua palavra em relação à valorização das riquezas que se encontravam no Reino de Deus, como também valorizava a figura de Cristo e as virtudes da generosidade e da compaixão pelos que se encontravam no infortúnio. Afirmava que tais valores se elevavam sobre qualquer outro valor terreno ou mundano, só através da pureza da alma e do espírito caridoso e gentil é que se atinge a paz, a tranquilidade da mente e da alma, para que o homem se encontre em harmonia com tudo em seu redor e com Deus.¹⁴⁸

A sua contribuição teológica, a sua pregação ardente e a difusão dos seus ensinamentos, não só deixaram marca na ordem franciscana, como também tiveram um impacto sobre muitas das gentes e outros membros da Igreja. Ensinando sobre as virtudes da caridade, da paixão e da benevolência da alma, todas estas ao alcance do homem através do seguimento de Cristo, para atingir a verdadeira alegria. Não olhando para medir o valor de uma pessoa pela quantidade de bens mundanos ou outras posses que venha a adquirir, mas sim, o seu valor e a venerabilidade existente na figura do homem focada no exemplo humilde de Cristo, do seu exemplo divino e na fé. Através destas é que se valoriza o homem e se encara Cristo e o Crucifixo, que demonstram como foram dignos de tal sacrifício e dor do Filho de Deus, e olhando para tal acontecimento como o testamento derradeiro da honorabilidade do ser humano.

Após um ano de retiro e de escrita de textos, o Santo faleceu no dia 13 de junho de 1231. Muitos vieram a honrá-lo devido aos seus feitos devotos e benevolentes realizados em vida, tais feitos que levaram o Papa Gregório IX a canonizá-lo, um ano depois da sua morte. O próprio Papa tinha assistido aos sermões e pregações de Santo António, juntamente com os atos milagrosos que cometeu que refletiam a sua santidade.¹⁴⁹

¹⁴⁸ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 33-39.

¹⁴⁹ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 33-39.

2.2.3 São Boaventura

Um dos membros de maior notoriedade entre os irmãos da Ordem dos Frades Menores foi São Boaventura, um seguidor devotado da doutrina estabelecida na ordem em que se veio a inserir, como também veio a contribuir com o conhecimento teológico, para influenciar a cultura e a fé na Europa do século XIII. Sendo esta época um tempo em que o cristianismo veio a inspirar vários setores de cada reino, quer seja na teologia ou nas artes, encontrando-se Boaventura entre esses contributos, como um sábio e um homem com tendência para agir de forma compassiva.

São Boaventura nasceu em Bagnoregio, Itália, em 1217 sob o nome de João de Fidanza, logo na sua juventude ele ficou marcado por um acontecimento dramático. Numa certa altura ele encontrava-se enfermo, em estado grave, ninguém encontrava cura para o salvar, até ao momento em que a sua mãe veio à procura de São Francisco de Assis, que recentemente teria sido canonizado, para pedir a salvação do seu filho, e de forma milagrosa, a cura foi concedida. Este acontecimento veio a influenciar João e a sua perspetiva em relação à figura do Poverello, admirando-o não só pelo gesto, mas pela palavra e doutrina que ele divulgou, acolhendo-se à figura do Santo.¹⁵⁰

Nos anos que se seguiram, João veio a frequentar a universidade de Paris para realizar os seus estudos, e com estes concluídos após o seu sucesso na educação, ele veio ao encontro da Ordem dos Frades Menores que se tinham estabelecido em Paris em 1219. Encontrando-os num convento onde ele veio a pedir o acolhimento dentro da família destes pobres seguidores de Francisco, anunciando quais as razões que estavam por detrás deste pedido, como a forma como o Santo lhe atingiu com a sua forma de vida e como ele refletia sobre o seguimento da verdadeira alegria através do seguimento da mesma forma que Cristo viveu, admirando ambos Cristo e Francisco.¹⁵¹

«Confesso diante de Deus que a razão que me fez amar mais a vida do Beato Francisco é que ela se assemelha aos inícios e ao crescimento da Igreja. A Igreja começou com simples pescadores e em seguida enriqueceu-se de doutores muito

¹⁵⁰ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 41-48.

¹⁵¹ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 41-48.

ilustres e sábios; a religião do Beato Francisco não foi estabelecida pela prudência dos homens, mas de Cristo».¹⁵²

Tal como a doutrina franciscana, Boaventura ensina a todos que os membros da ordem pregam, através do seguimento de uma vida simples, uma pobreza livre dos bens que não medem o valor da alma, e a submissão do mesmo sofrimento e humilhação que Cristo passou. João mantinha sempre na sua mente a figura e o exemplo divino de Cristo e o conhecimento dos seus ensinamentos como guias para a vida que o esperava, ao ponto de vir a tornar-se um acérrimo defensor da doutrina criada por São Francisco de Assis, que incentiva a centralização na figura de Cristo e a veneração em torno dela. Francisco iniciou o seguimento do exemplo de uma forma devota e amorosa de forma a imitá-lo e a unir-se com ele, e João concordava que se deveria seguir os mesmos passos que o Santo percorreu para atingir a verdadeira alegria e o tesouro da alma que se esperava. Para ele, Francisco foi como um segundo Cristo que veio a caminhar na Terra.¹⁵³

Após expostas as suas razões, João é admitido para a Ordem dos Frades Menores, assumindo o nome de Boaventura e vestiu o hábito da ordem, iniciou a sua nova vida nesta família ao ser enviado para a Faculdade de Teologia de Universidade de Paris, de forma a preparar-se através das aulas a que assistiu e aos estudos em que se inseriu nos campos da teologia, da leitura da Sagrada Escritura, e outros mais, para que ele um dia viesse a instruir outros estudiosos na área da teologia. Com a conclusão dos seus estudos ele veio a levar a cabo a instrução teológica, apesar da existente oposição de outros mestres que, durante esta altura, se opunham aos franciscanos e dominicanos em relação ao direito de ambas as ordens para ensinar na instituição, como também questionavam os ensinamentos que transmitiam.¹⁵⁴

Boaventura vem a defender as ordens e as suas doutrinas, principalmente a dos Frades Menores, através de uma obra que escreveu onde veio a afirmar a validade dos ensinamento destas devido à autenticidade do seguimento absoluto do Evangelho e dos seus ensinamentos que guiavam os seus membros num caminho leal e

¹⁵² Epistula de tribus quaestionibus ad magistrum, in *Opere di San Bonaventura. Introduzione generale*, Roma 1990, pág. 29, apud, Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 41-48.

¹⁵³ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 41-48.

¹⁵⁴ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 41-48.

correspondente à doutrina que pregavam, de simplicidade, sujeição à autoridade da Igreja ou outros superiores eclesiásticos, castidade ou a pobreza que definiam o seu modo de viver e de atuar de forma pura e imparcial de acordo com estas virtudes.

Este conflito foi encerrado após a intervenção do Papa Alexandre IV que, com este fim, concedeu a Boaventura o cargo oficial de doutor e mestre da universidade em Paris, mas que teve de recusar devido ao requerimento da sua atenção a um outro cargo que a Ordem dos Frades Menores lhe concebeu: o de Ministro Geral, para o qual foi eleito pelo Capítulo Geral da Ordem, cujo cargo veio a ser exercido durante 17 anos. A permanência neste cargo refletiu o seu vasto conhecimento teológico e devoção que acumulava, bem como a admiração dos membros da ordem à medida que ele interagiu com os irmãos, regulava a conduta da ordem. Assim, tomou conta do avanço do crescimento e expansão da ordem pelo Ocidente da Europa, juntamente com o aumento da presença desta em outros lugares do mundo, como no Norte de África ou no Médio Oriente.¹⁵⁵

Boaventura também foi responsável pela manutenção da estabilidade da ordem, muitas eram as interpretações de cada irmão em relação aos ensinamentos do Poverello, e tal número de interpretações poderiam levar ao risco da fragmentação ou rutura dos Frades Menores, o que levou a que Boaventura viesse escrever dois textos para servirem de guias para o modo de viver do frade menor, compostos pelos documentos alusivos ao próprio Francisco de Assis e os seus ensinamentos. A união era essencial para manter todos os membros da ordem no mesmo caminho sem divergência nos ideais ou mentalidades, com vista a evitar uma possível rutura e preservar a comunhão e partilha da alma e dos corações ardentes dos irmãos, no seguimento dos passos do Senhor. E Boaventura atingiu tal finalidade devido ao seu espírito ardente e devoção à doutrina franciscana. Com estes dois textos que escreveu, Boaventura criou a biografia do Poverello, um viria a ser conhecido como a *Legenda Maior*, uma biografia extensa do Santo de Assis, e o outro designado a *Legenda Menor*, sendo esta última uma breve biografia de São Francisco. Ambas estas obras apresentaram aos discípulos de Francisco a vida e os preceitos do Santo de forma

¹⁵⁵ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 41-48.

explícita, de forma a mostrar o caminho para o seguimento dos mesmos passos de Jesus Cristo e do Pobre de Assis.¹⁵⁶

No seu papel como Ministro Geral da Ordem dos Frades Menores, Boaventura executou o seu cargo não só através da ação, mas como também através do exemplo ao orar e ponderar. Estes últimos eram indispensáveis no fornecimento de clareza e iluminação perante quaisquer obstáculos ou problemas que surgissem perante esta família de seguidores de Francisco; e para que sempre se mantivessem em contacto com Cristo através da oração coletiva e incentivando a sabedoria para a escrita de mais obras de teologia e normas para um governo estável da Ordem.¹⁵⁷

Todos estes princípios acompanharam e condicionaram Boaventura durante os anos em que executou o seu cargo de forma excepcional e eficaz, sempre na tentativa de guiar a alma do homem para o mais alto possível, de forma a aproximar-se de Deus e da sua luz e ao mesmo tempo atraindo mais pessoas para aderirem à Ordem. Também ficou reconhecido como um dos maiores teólogos franciscanos, cuja teologia e prática da sua atividade eclesial se baseia em torno do Pobrezinho de Assis, descrevendo a própria vida como uma peregrinação ou caminhada ao encontro de Deus, auxiliada pelas virtudes e orações para a elevação do viajante.¹⁵⁸

Após vários anos ao serviço dos Frades Menores e de Deus, São Boaventura de Bagnoregio faleceu no ano de 1274, deixando para trás não só um legado de textos e documentos que viriam a instruir os irmãos, como também abriu o caminho e contribuiu para o progresso da Ordem para os anos que se seguiam. Simultaneamente, também contribuiu para inspirar uma Europa cristã da Idade Média, com as suas obras e feitos nos campos da teologia, razão e fé.¹⁵⁹

¹⁵⁶ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 41-48.

¹⁵⁷ Cf. Bento XVI *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 49-56.

¹⁵⁸ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 57-64.

¹⁵⁹ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 41-48.

2.3 Regra Franciscana e estrutura da ordem

Os princípios da pobreza, de humildade, castidade, justiça e simplicidade revestem as regras que o Santo, São Francisco de Assis, deixou para que os seus seguidores nunca se desviassem do caminho do Frade Menor no seguimento da forma de viver através do exemplo de Jesus Cristo. Na fundação da Ordem, o Santo tinha estabelecido a Regra de forma oral, e não escrita, mas alguns anos depois alguns dos frades menores tinham-se desviado dos ensinamentos do Santo de Assis, levando à criação da Segunda Regra, que veio a ser aprovada pelo Papa, para evitar tais circunstâncias no futuro e estabilizar a conduta da vida do frade menor na Ordem. Tal Regra tinha como objetivo incentivar a vida em família dentro da Ordem e a sua união de todos os ramos da Ordem numa vida em comunidade, tanto para a iniciação de um frade a esta vida evangélica como também ao longo do seu percurso.¹⁶⁰

A Regra estabelece a obrigação dos membros da Ordem dos Frades Menores à leitura e análise do Evangelho, ao mesmo tempo seguindo o exemplo do Poverello e de Jesus Cristo nas suas ações e virtudes para encaminhar o homem em direção a Deus e à verdadeira alegria, para encontrar o seu amor em Cristo à medida que vive de acordo com o Evangelho. Tal finalidade só poderia ser atingida com a prática dos irmãos e irmãs através da sua devoção e inspiração à ação através do exemplo de Jesus com a difusão do seu amor e os seus ensinamentos. Sendo essencial para que a iniciação à ordem exigisse a abdicação de todos os bens mundanos ou propriedades para o seguimento da pobreza, e na entrada para ordem viria a dedicar certas horas para a oração e reflexão sob a alma para procurar a pureza no coração e afastar-se das influências tentadoras e mundanas.¹⁶¹

«1.º Em nome do Senhor começa a Vida dos Irmãos Menores

¹ A Regra e Vida dos Irmãos Menores é esta: observar o santo Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem nada próprio e em castidade.

¹⁶⁰ *Ordem Franciscana Secular – Textos Legislativos*, págs. 29-32.

¹⁶¹ Cf. Le Goff, *S. Francisco de Assis*, págs. 29-90.

² O irmão Francisco promete obediência e reverência ao Senhor Papa Honório e aos seus sucessores canonicamente eleitos e à Igreja Romana; e os demais irmãos obedeçam ao irmão Francisco e aos seus sucessores.»¹⁶²

Vivendo só do que era necessário na simplicidade, não possuindo mais do que uma só túnica, normalmente uma túnica castanha com uma corda a servir de cinto, e nada mais, nem recebendo dinheiro ou qualquer forma de recompensa ou dinheiro por boas ações ou trabalhos realizados, pois Deus viria a fornecer o que necessitassem na prática da sua vida mendicante ao longo das suas jornadas, enquanto os bens temporários e mundanos somente servem como distrações e corrompem ambas a mente e a alma do caminho da verdadeira alegria que só Deus poderia oferecer. Os bens mundanos servem como âncoras para alma, apenas deixando-os ou largando-os é que se torna possível a elevação da alma para vir ao encontro do Senhor e da verdadeira alegria.¹⁶³

«4.º Que os Irmãos não recebam dinheiro

¹ Mando firmemente a todos os irmãos que de nenhum modo recebam dinheiro ou pecúnia, nem por si nem por intermediários. ² Todavia os Ministros e Custódios, mas só eles, ponham solícito cuidado, por amigos espirituais, no remediar as necessidades dos enfermos, como virem que é preciso, conforme os tempos, lugares e regiões; ³ salvaguardando sempre, como está dito, o não receberem dinheiro ou pecúnia.»¹⁶⁴

Estes regulamentos mostram o rigor e exigência da prática da pobreza absoluta dentro da Ordem, com a mesma mentalidade e forma de viver que Jesus Cristo caminhou na Terra, pobre, sem bens, enquanto humilde e caridoso com todos com quem se encontrava. Nunca pedindo qualquer coisa em troca, só possuindo a boa vontade para realizar a boa ação e o ofício só pela necessidade e não para a direção da vida com ostentação.

¹⁶² *Fontes Franciscanas I – São Francisco de Assis*, pág. 173.

¹⁶³ *Ordem Franciscana Secular – Textos Legislativos*, págs. 33-42 e Cf. *O Poverello – S. Francisco de Assis*, págs. 73-87.

¹⁶⁴ *Fontes Franciscanas I – São Francisco de Assis*, pág. 175.

Com o seguimento deste caminho é que se atinge o homem perfeito, que no mundo irá criar a harmonia e fraternidade, vivendo de forma aberta, abordando o ofício ou trabalho não como uma forma de sobreviver, mas como um prazer e uma forma de conviver e participar de forma redentora e servir a sociedade em que se insere o homem. Ao mesmo tempo respeitando tudo aquilo criado por Deus dentro da natureza. Tudo isto até um dia se elevar ao Reino de Deus e receber o derradeiro tesouro dos céus, devido ao seu serviço como mensageiro da derradeira alegria, divulgando as virtudes da caridade, fé e alegria por todos os homens na Terra.

A Regra que Francisco de Assis redigiu esclarece aos seus discípulos todas estas virtudes mencionadas, de forma a preservar o espírito franciscano que prospera na simplicidade, na castidade, na pobreza, caridade e humildade, ao mesmo tempo seguindo o exemplo de Cristo no caminho para a verdadeira alegria, numa vida sem o superficial, mas na elevação da alma.¹⁶⁵

Para além da Regra, ao longo dos anos a Ordem dos Frades Menores veio a crescer no número dos seus seguidores ou discípulos de vários reinos, que desejavam aderir à Ordem. Para tal, a Ordem Franciscana teve de se dividir em fraternidades, nome dado às agregações da ordem a vários níveis, como local, regional, nacional e internacional.¹⁶⁶

Cada uma destas encontrava-se subordinada ao Conselho da Fraternidade e a um Ministro eleito pelos frades professos para assumir a responsabilidade de preservar o ambiente familiar franciscano e a unidade entres os irmãos e irmãs da Ordem, zelando ainda pelo cumprimento dos seus princípios. O Conselho possuía ainda a responsabilidade de manter cada fraternidade em comunidade, através da organização de reuniões entre as várias fraternidades e a administração da Ordem a grande escala, para manter o progresso e a coerência de cada organismo dos Frades Menores.¹⁶⁷

E como foi mencionado anteriormente, não existia um sentimento de superioridade entre as diferentes posições dentro da Ordem dos Frades Menores, só

¹⁶⁵ *Ordem Franciscana Secular – Textos Legislativos*, págs. 33-42.

¹⁶⁶ *Ordem Franciscana Secular – Textos Legislativos*, págs. 43-48.

¹⁶⁷ *Ordem Franciscana Secular – Textos Legislativos*, págs. 43-48.

os deveres é que variavam, como o cargo de Ministro na administração. O mesmo é exigido nas suas ações para que a doutrina franciscana seja implementada dentro da Fraternidade em que se situa, de forma a que a Regra seja cumprida e o respeito seja mútuo entre este e os restantes membros.¹⁶⁸

«10.º Da admoestação e correcção dos Irmãos

¹Os irmãos que são Ministros e servos dos outros irmãos, visitem e admoestem seus irmãos, corrijam-nos com humildade e caridade, e não lhes mandem nada que seja contra a sua alma ou contra a nossa Regra.»¹⁶⁹

Enquanto os que realizam a pregação da mentalidade e doutrina franciscana também teriam de seguir alguns regulamentos antes da realização de tal prática. Tal como foi referido anteriormente, nas origens da Ordem havia a obrigação de pedir a um bispo de uma diocese, ou a um Ministro Geral de uma Fraternidade, o seu consentimento para a realização da pregação.

«9.º Dos Pregadores

¹ Os irmãos não preguem na diocese de qualquer bispo, se ele a isso se opuser.

² E nenhum irmão ouse, de algum modo, pregar ao povo se não tiver sido examinado e aprovado pelo Ministro Geral desta Fraternidade e por ele lhe tiver sido dado o ofício de pregar.»¹⁷⁰

Em geral, estes regulamentos serviam o propósito de estabelecer ordem e preservar os ensinamentos do Poverello, da doutrina e dos seus princípios, de forma a que estes nunca se alterassem ao longo do percurso e progresso da Ordem dos Frades Menores e dos seus membros. Ensinamentos que incentivam à prática da absoluta pobreza e da humildade através do exemplo de Jesus Cristo e dos Apóstolos representados no Evangelho. Para que os Frades Menores se mantivessem sempre fiéis à Igreja e resistentes às tentações do corpo e da alma, e realizassem o apostolado ao serviço do Senhor, marcando os povos da Idade Média com tal serenidade e

¹⁶⁸ *Fontes Franciscanas I – São Francisco de Assis*, págs. 173-179.

¹⁶⁹ *Fontes Franciscanas I – São Francisco de Assis*, pág. 177.

¹⁷⁰ *Fontes Franciscanas I – São Francisco de Assis*, pág. 177.

piedade exemplar, que veio a inspirar muitos a aderir à caminhada desta vida pobre e simples.¹⁷¹

¹⁷¹ Cf. Vauchez, *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental – Séc. VIII-XIII*, págs. 141-178.

3. Ordem dos Pregadores

3.1 Vida de Domingos de Gusmão

Inícios de um pregador

Em Castela, num vale onde percorria o rio Douro na povoação de Caleruega, nasceu Domingos no ano de 1170 na sua casa, sendo filho de Félix de Gusmão e Joana d'Aza, ambos pertencentes à nobreza. Sua família pertencia à linhagem da Velha Castilha que possuíam terras e bens. Certos membros da família, como Gumiel d'Izan que era tio de Domingos, assumiam cargos ao serviço da Igreja, enquanto os outros se dedicavam aos cargos militares regionais, pois o sul da região ainda era dominado pelos muçulmanos, vindo a possuir o Palácio dos Gusmões onde armazenavam as armas.¹⁷²

Num episódio que antecede o nascimento de S. Domingos, a sua mãe teve um sonho enquanto Domingos ainda se encontrava no seu ventre «Um fenómeno curioso precedera o nascimento de S. Domingos. Sua mãe viu em sonhos o fruto das suas entranhas, sob a figura de um cão segurando na boca um facho aceso, fugir do seu seio indo incendiar o mundo inteiro. Atormentada por este presságio, cujo sentido lhe era desconhecido, ia a miúdo orar sobre o túmulo de S. Domingos de Silos, noutro tempo abade de um mosteiro desse nome, não longe de Caleruega e, grata às consolações que aí recebera, pôs o nome de Domingos à criança que fora o objeto das suas orações.»¹⁷³ No contexto da época, certos sonhos eram vistos como presságios do futuro, avisos do que poderia vir a ocorrer. Joana foi então ao túmulo e também veio a expulsar seus receios, e como agradecimento deu o nome Domingos à criança. Mesmo após o seu nascimento havia sinais, mas estes eram de prodígio e grandeza que viriam marcar a vida do recém-nascido, como quando a sua madrinha contou o seu sonho

¹⁷² Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 15-24 e Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 15-31.

¹⁷³ Vida de São Domingos n.3. de Constantino de Orvieto, apud, Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, pág.16.

onde viu uma estrela sobre a frente de um neófito. Tal corpo celestial marcou presença em alguns episódios cristãos, tal como a estrela que esteve sobre o presépio onde Cristo nasceu.

Ao contrário do habitual entre os filhos da nobreza, Domingos não veio a ser aleitado com leite das servas, mas com o da própria mãe, criando-o num ambiente que o rodeava pelo afeto, na abundância dos bens materiais e outras riquezas. Ambiente esse que um dia ele viria a contestar contra estas condições, algumas das vezes indo até dormir sobre o chão e não no berço. Dizia-se que já conhecia a natureza do mundo em que vivia e suas diferenças entre o homem que nascera com sorte e o outro na miséria, afirmando-se que sofria por possuir uma cama melhor que a dos irmãos, ou que desejava viver como Cristo. Mesmo estando rodeado pelas diversas riquezas fornecidas pela sua família, devido a condição social que esta tinha, elas não contentavam a alma devota presente em si, cuja chama viria a iluminar a humanidade no futuro que o esperava.¹⁷⁴

Com sete anos ele foi instruído na casa do tio, Gumiel d'Izan, que era arcepreste da Igreja local. Domingos passou parte da sua infância sobre a tutela do seu tio, com todos os ensinamentos eclesiásticos que podia fornecer ao sobrinho, onde veio demonstrar capacidade notáveis na teologia e nos estudos da Sagrada Escritura. Durante esses anos ele veio a mostrar a sua tendência para a vida religiosa. Após alguns anos Domingos veio a frequentar a Universidade de Palência, onde o jovem veio a passar dez anos nos estudos de filosofia e letras, mostrando excelentes capacidades na aplicação dos seus conhecimentos, trabalhando constantemente nos seus estudos. Mas Domingos não se contentava com os conhecimentos que obteve, para ele nenhum filósofo dirigira seus ensinamentos em dedicação ao Homem, mas Deus e Cristo forneceram tais lições para o bem da humanidade. Para satisfazer a sua sede pelo verdadeiro conhecimento que procurava, ele inseriu-se nos estudos teológicos, ciência e sabedoria, considerando que as verdadeiras eram as que provinham do Senhor. Assim, rogava a Cristo, orando e estudando a Sagrada Escritura em castidade, dedicando a sua juventude à resistência das tentações que testavam a

¹⁷⁴ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 15-24 e Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, pág. 15-31.

virtude dos jovens da sua idade. Receava perder tempo com tais ostentações e distrações, durante a sua procura pela sabedoria de Deus. Tal demonstração de devoção e conhecimentos teológicos causaram a admiração dos doutores, que viam um jovem cuja paixão a Deus e à pobreza se refletia num espírito sábio, que poderia bem levar à resolução das questões mais complexas, levando à sua distinção entre os restantes alunos da universidade e outros membros eclesiásticos.¹⁷⁵

Durante os seus anos de estudo e prática da fé, ele veio a ser venerado até ao ponto de lhe concederem a nomeação para cargos importantes, como o de subprior. Ele não via esta ocorrência como uma obtenção de um meio para o privilégio, ou um caminho para um sucesso ostentoso dentro dos cargos eclesiásticos, mas como um dever a ser cumprido de forma devota e humilde e não como um poder obtido para administrar ou exercer sobre outros homens. Ou seja, que não o exercesse para si mesmo, mas por todos.¹⁷⁶

Um dos episódios marcantes durante estes tempos ocorreu quando uma crise em Castela levou a muitos desafortunados a sofrer fome. Domingos vendeu muitos dos seus bens, incluindo até o seu material de leitura e estudo, para aliviar o sofrimento causado pela crise com o dinheiro que recebera: «Posso por acaso estudar em peles mortas, quando há tantos homens que morrem de fome?»¹⁷⁷ O amor pelos pobres manifestava-se por estas palavras, onde Domingos mostra a sua dedicação ao seguimento dos passos de Jesus Cristo que sempre olhou pelos que passavam pela miséria e deles cuidou, até ao ponto de abdicar de tudo que possuía para tal fim. É através do sacrifício que se atinge a salvação da alma, e é nessa sabedoria que Domingos encontra o seu caminho para o serviço do Senhor e o seguimento das suas virtudes. Este ato de grande ardor teve impacto perante os que assistiram e incentivava-os a fazer o mesmo para o auxílio dos desgraçados da crise. É através do sacrifício da própria pessoa que se liberta a humanidade, e a difusão e imitação deste ato para vir ao encontro da verdadeira vontade de Deus. Tal ato e dedicação aos princípios da fé levou a que ele fosse nomeado cónego do cabido de Osma. Mesmo

¹⁷⁵ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, pág. 15-24.

¹⁷⁶ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 15-31.

¹⁷⁷ Depoimento de Fr. Estevão, 1, *Actas de Bolonha*, apud, Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, pág.19.

que tal posição lhe fornecesse prestígio perante a Igreja e a sociedade, nunca viu tal cargo como uma vantagem ou benefício, mas como uma responsabilidade a assumir no seu ofício e prestação do serviço ao Senhor.

Durante estes tempos a reforma ocorria sobre a desordem eclesiástica e o restabelecimento da disciplina. Entre essas medidas, sugeria-se a vida em comum com os outros, como modelo que o clero deveria seguir na tentativa de recuperar a confiança do povo na Igreja. E tal foi feito seguindo os ensinamentos de Santo Agostinho e a sua no futuro viriam a formar a base para a Ordem dos Pregadores. Santo Agostinho trata da vida em comum como um ambiente familiar, criado como a forma mais elevada de amor, manifestado através de atos de humildade, fraternidade, pobreza e generosidade para alcançar a essência vital para o desenvolvimento do espírito cristão.¹⁷⁸

Prática da Evangelização

E os anos passam em que Domingos continua os seus estudos e prática da teologia e da fé, mostrando compaixão pelos pobres e por aqueles que se encontravam perdidos no pecado ou na miséria. E durante estes tempos, Deus preparava-lhe um mediador para o guiar para o futuro que o esperava no serviço da Igreja, D. Diogo de Azevedo, que viria a instruir Domingos como um tutor e amigo. Quando Diogo visitou a universidade de Palência, D. Diogo viu o potencial e dedicação inquestionável que Domingos possuía, os dois entram em diálogo, e pelo que se sabe, Diogo afirma que há conhecimentos que não se alcançam através dos livros ou no interior das universidades, conhecimentos que só se obtêm através da interação e interpretação do mundo ao caminhar por ele. E é aqui que Diogo sugere que o acompanhe às missões diplomáticas no Norte da Europa, como seu subprior. Domingos aceita tal proposta, para, através da pregação, contribuir para o bem da Igreja, que se encontrava em declínio.

¹⁷⁸ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 15-24 e Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 15-31.

D. Diogo deixou Domingos de Gusmão em Osma em preparação ao longo de 9 anos. Esses estudos seriam importantes para a missão no Norte da Europa em que viria a participar, numa viagem que o levaria a deixar a sua terra natal para fora das suas fronteiras, onde as suas ações no futuro viriam marcar a cristandade da Europa e a fundação de uma ordem. Durante esse espaço de tempo ele veio a distinguir-se entre os outros eclesiásticos com a sua virtude e devoção aos ensinamentos da fé e a verdade da palavra do Senhor, ao ponto de provocar a admiração dos colegas por tais atributos, em conjunto com a prática da caridade e do amor para a libertação da alma do Homem, anunciando tal mensagem perante o povo.¹⁷⁹

Ainda durante este período de preparação, D. Diogo assume o cargo de Bispo de Osma e após estes anos, leva Domingos para o Norte da Europa para as missões diplomáticas que eram confiadas pelo próprio rei de Castela, Afonso VIII, que tinha a intenção de casar o seu filho com uma princesa do reino da Dinamarca, tendo confiado o bispo a missão de seu intermediário para o representar.

Domingos e Diogo saíram de Espanha e vieram em direção a Toulouse para passar a noite. Foi no estabelecimento onde ficaram que Domingos descobriu que o dono era um herege, as palavras de Jesus Cristo e seus ensinamentos passam pela sua consciência, lembrando o que o Ele disse perante os seus apóstolos «Quando entrardes em uma casa, saudai-a dizendo: A paz seja com esta casa. E se essa casa for digna, a paz descerá sobre ela; e se não for digna, a vossa paz recairá sobre vós.»¹⁸⁰ Domingos em presença de um crente ou não-crente, recusa-se a abandonar as almas cuja salvação é possível e alcançável para que adotem na sua fé a verdade que a palavra de Deus carrega. Sua devoção leva a que ele fosse ao encontro do dono do estabelecimento para salvar a sua alma da condenação, em vez de orar por ela, Domingos passou a noite a conversar com o dono, conseguindo convertê-lo de novo ao cristianismo romano.¹⁸¹

Foi o sucesso deste ato que moveu Domingos, como também notou o dano que as heresias causavam sobre a humanidade. Estes pensamentos levaram a que o Santo

¹⁷⁹ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 15-24.

¹⁸⁰ Mat. 10, 12-13, apud, Lacordaire, *Vida de São Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, pág.25.

¹⁸¹ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 25-32.

formasse a ideia de fundar uma ordem dedicada à defesa da Igreja, através da prática da pregação para levar de volta ao seio da Igreja todos os que se afastaram da fé cristã, fazendo frente às investidas que as heresias surgentes realizavam contra a Igreja, vivendo com as virtudes da pobreza voluntária, o seguimento da verdade evangélica, a caridade e a compaixão. Estes planos vieram a ser projetados ao longo dos anos que seguiram, preparando-se para a fundação do que no futuro viria a ser chamada Ordem dos Pregadores. Mas tais planos tiveram de aguardar por algum tempo, mantendo-os em mente enquanto ele e o bispo saem de França em direção à Dinamarca e marcar presença na corte. O casamento mencionado anteriormente viria a beneficiar Castela e Dinamarca com uma aliança, para que a princesa viesse casar em solo Espanhol, mas infelizmente naquele preciso momento ela faleceu.¹⁸²

Com a sua missão terminada por tal infortúnio, Diogo envia um mensageiro para informar o rei em Castela e dirige-se a Roma com Domingos em 1205, onde prestaram os seus respeitos e ajoelharam-se perante os túmulos dos discípulos. Naquele tempo era o Papa Inocêncio III que tomava a responsabilidade de guiar os cristãos durante um tempo em que as heresias e a decadência do clero eram as adversidades que a Igreja e a cristandade tinham de enfrentar. Perante o papa, o bispo de Osma realiza um pedido, para retirar-se do cargo de episcopado em favor da dedicação à pregação dos Cumanos, povos bárbaros ferozes que não eram crentes e habitavam no leste da Europa, nos confins da Hungria. Este pedido foi-lhe recusado, Diogo ainda pede que pelo menos ele pudesse pregar aos infiéis, mas este pedido também obteve a mesma resposta. O bispo e Domingos tomam o caminho de regresso a Espanha, mas ao longo do caminho, tiveram a intenção de passar por um dos locais mais visitados por toda a cristandade, a abadia de Cister.

Domingos apreciou a companhia dos membros da ordem, enquanto Diogo se sentia desapontado com a recusa de Inocêncio III em servir a Igreja como um missionário entre os povos fora da cristandade. Após a sua estadia na abadia de Cister, eles deram continuidade à sua jornada, dirigindo-se a Montpellier, e pelo caminho eles observam a ação dos agentes da Igreja na luta contra a heresia, verificando que tinham pouco sucesso, enquanto alguns senhores aceitavam a presença de hereges nos seus

¹⁸² Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 25-32.

domínios. Neste caso, sendo o conde de Toulouse que os protegia e os eclesiásticos nada faziam para remediar a situação, possivelmente por eles mesmo serem hereges ou por desvalor, o que levou a agravar ainda mais o descontentamento que o povo já tivera acumulado até aquele preciso momento perante a Igreja, pela sua luxúria, falta de convicção e inação.¹⁸³

Os agentes mencionados anteriormente eram Arnaldo, abade de Cister, Raul e Pedro de Castelnau, todos pertencentes à Ordem de Cister e designados para a missão de travar o avanço das heresias por ordem do Papa Inocêncio III. Mesmo com grande devoção, encontravam-se infelizes com a falta de progresso na execução da sua missão devido à forte influência herege e o desprezo do povo que os rodeava. O bispo de Osma é convidado pelos três para orar com eles, pedindo o seu conselho no que se poderia fazer para remediar a situação em que se encontravam, Diogo responde-lhes que os hereges conseguem os seus seguidores devido ao seu exemplo na prática da pobreza, simplicidade e estoicidade de acordo com as virtudes do Evangelho e do exemplo apostólico. Para mover as gentes teriam que também viver através do exemplo evangélico, segundo as mesmas virtudes. Os três ficaram movidos pelo conselho do bispo, deixando para trás os seus bens, mantendo somente os livros para servir de meio para fazer face às heresias e voluntariamente fizeram-se pobres para pregar a verdadeira fé. Ou seja, somente através da prática da simplicidade nas suas vidas de acordo com exemplo apostólico e mendicante. Esta era a abordagem ou estratégia própria que Domingos e Diogo sugeriram para fazer frente às heresias, e Domingos viria a lembrar-se deste conselho do bispo de Osma, que também viria a ser o meio que os dominicanos viriam a seguir na prática da sua vida evangélica.

Arnaldo, o abade de Cister, despediu-se da companhia e foi em direção para Borgonha para ir servir a sua ordem, enquanto os outros dois acompanharam Diogo e Domingos, inspirados pelo espírito de Deus à medida que evangelizavam ao longo do caminho e nos lugares por onde paravam, quer perante os outros crentes da fé cristã

¹⁸³ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 25-32.

ou os hereges que habitavam nessas localidades, para lhes trazer a liberdade que Deus e a Igreja forneciam com os seus ensinamentos.¹⁸⁴

Nos encontros entre os crentes e os não-crentes originavam-se confrontos verbais e argumentos que eram organizados de forma a realizar discussões entres estes dois grupos, com um júri a servir como intermediário. Em alguns casos era seleccionado um membro do grupo herege para assumir tal papel, algo que os católicos não se importavam, de forma a demonstrar o bem que intendiam manifestar na confiança que tinham. Um dos episódios notáveis ocorreu em Fanjeaux, onde ambos os grupos foram convocados, incluindo Domingos que se encontrava entre os fiéis. Em preparação, os católicos acumularam muitos documentos para formar o relatório escrito por Domingos que verificava a autenticidade dos seus argumentos a favor da sua causa e fé católica, para refutar o relatório apresentado pelos hereges. Mesmo assim, após grandes discursos e discussões, os árbitros seleccionados não conseguiam chegar a acordo de qual destas duas perspectivas e relatórios era a mais firme, até sugerirem que os dois relatórios fossem deitados à fogueira para ver qual deles seria poupado pelas chamas e representasse a verdadeira fé. Foi neste momento que o relatório dos hereges ardeu por completo pelo toque das chamas, enquanto o de Domingos as tolerou, mantendo-se intacto até ao ponto de pegar nele novamente e deitá-lo mais uma vez às chamas, concluindo-se que o relatório continha a verdade da fé. Este acontecimento também veio a confirmar a devoção e a santidade do indivíduo que o escreveu, Domingos de Gusmão. Este acontecimento foi visto como um milagre realizado pelo próprio Santo, marcado como um dos maiores feitos realizados por Domingos, levando até a que alguns dos não-crentes retornassem à “verdadeira fé”. Neste episódio é necessário ter em conta que tanto Domingos e a futura Ordem Dominicana viriam a recorrer aos livros ou outras fontes ou textos sagrados no combate à heresia e na pregação, pois era neles onde se encontravam os ensinamentos do Senhor e o guia para o encaminhamento para a luz da verdadeira fé.¹⁸⁵

¹⁸⁴ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 25-32 e Cf. André Vauchez «S. Domingos, “o mal amado”», in Jacques Berlioz, *Monges e Religiosos na Idade Média*, págs. 263-270.

¹⁸⁵ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 33-44.

Após este episódio, Domingos deu continuação à jornada até chegarem a uma aldeia que se situava na base dos Pirenéus, que se chamava Prouille que se localizava entre Fanjeaux e Montreal, onde se situava uma igreja dedicada à figura venerada da Virgem Santa, Santuário de Prouille e onde viria a ser o berço da Ordem Dominicana. Domingos passou muitas vezes por aí para as suas orações, nas paragens a meio das suas viagens que realizou ao serviço da Igreja na companhia dos seus coadjutores, ele via o local como um santuário onde encontrava a esperança e conforto. Foulques, bispo de Toulouse e um dos membros da ordem de Cister, veio a criar uma relação de amizade com Domingos e D. Diogo, um dia Foulques autorizou a construção do mosteiro de Prouille ou Notre Dame de Prouille, juntamente com a Igreja de Santa Maria que viria a encontrar-se ao lado, sendo tudo isto possível com o auxílio de outras instituições eclesiásticas e as suas doações. O mosteiro indicado anteriormente viria a ser o local onde os membros do ramo feminino da Ordem dos Pregadores iriam habitar, denominadas como as Irmãs de Prouille, cujo ramo viria a submeter-se à autoridade de uma priora. Mesmo que Domingos tivesse projetado isto no plano da futura ordem que ia criar, ele não defendia que existisse absoluta separação entre as irmãs e o resto da ordem, havendo uma parte do mosteiro onde Domingos e seus assistentes habitavam de forma a estabelecer a unidade necessária para a futura Ordem dos Pregadores realizar a sua função. Isto levou à criação de uma comunidade constituída pelas irmãs, Domingos, Diogo e certos amigos que os dois fizeram na Ordem de Cister. Com a finalização das obras de construção, Domingos abriu as portas de Notre Dame de Prouille no dia de S. João Evangelista, 27 de dezembro de 1206, marcando os começos da futura ordem a ser criada, como um santuário para a prática da pobreza voluntária e veneração da pobre Virgem Maria, que viria a ser a figura favorecida na devoção de todos os membros da futura ordem.¹⁸⁶

Um outro acontecimento marca no percurso da santidade de Domingos quando ele pregava em Fanjeaux e na sua presença se apresentaram nove mulheres nobres que assistiram à pregação, esposas dos não-crentes que em arrependimento se atiraram aos pés de Domingos, suplicando «Servo de Deus socorrei-nos. Se o que pregaste hoje é verdadeiro, então há muito que o erro nos obscureceu a imaginação;

¹⁸⁶ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 33-44.

porque aqueles a quem vós chamais hereges nós chamamos homens bons, neles temos acreditado até agora, a eles nos temos afeiçoado com todo o coração. Não sabemos agora o que havemos de pensar. Servo de Deus, tende pois compaixão de nós e rogai ao Senhor vosso Deus nos faça conhecer a fé na qual devemos viver, morrer e ser salvas.»¹⁸⁷ Domingos levantou-se e afirmou às mulheres que as suas almas nunca viriam a ser perdidas perante de Deus, de forma a acalmar os receios, para que julgassem os maridos como tivessem julgado Domingos. As suas palavras levaram a que as nove mulheres se convertessem à fé católica, levando a que algumas delas se juntassem ao mosteiro de Prouille. O mosteiro veio a atrair e mover o ânimo das gentes da nobreza católica, mesmo assim, existia ainda alguma divisão entres os membros aí situados, com divisões de bispos ou membros da ordem de Cister. Era necessário a criação de uma nova ordem que estabelecesse a unidade que se entendia necessária com a intenção de ensinar a verdadeira regra evangélica.

Domingos veio a conquistar a afeição de indivíduos com que ele se encontrava, como também dos que eram convertidos, principalmente com a dedicação e fé ardente que movia muitas das gentes que o assistiam nas suas pregações. Ao mesmo tempo que servia como um subprior na companhia do bispo D. Diogo nos seus ofícios e na administração do mosteiro. Infelizmente o bispo faleceu em 1245 durante a sua chegada a Osma após ter atravessado os Pireneus e o reino da Aragão depois da sua longa ausência nas suas viagens. Isto veio a afetar a comunidade que ambos teriam criado no mosteiro de Prouille que se desuniu quando muitos dos seus membros retornaram às instituições cistercienses, juntamente com o desânimo de muitos, incluindo Domingos, com a perda de um amigo que o acompanhou por muitas jornadas e momentos partilhados, deixando-o a cargo do que restava com uma guerra que se aproximava, onde a sua devoção à verdadeira fé viria a ser posta à prova.¹⁸⁸

Durante as suas jornadas pela Europa na companhia do bispo de Osma, Domingos vem ao encontro das realidades problemáticas que desafiavam a influência da Igreja sobre a Europa, uma delas sendo a existência de povos na Europa que desconheciam os ensinamentos do Evangelho ou no sul da França e outros lugares

¹⁸⁷ *Vida de São Domingos*, 44, de B. Humberto, apud, Lacordaire, *Vida de São Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, pág.38.

¹⁸⁸ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 33-44.

onde o cristianismo encontrava-se em declínio com os grupos de hereges que afastavam os povos das localidades da verdade da fé com algum apoio da autoridade da nobreza. Certos fatores contribuem para a agravação destes problemas, como o caso das pessoas que desconhecem o cristianismo estão sujeitas às heresias por ignorância e facilmente subjugadas às ideologias que elas transmitem para as suas crenças, dificultando ainda mais o processo de conversão devido a estas populações somente conhecerem uma versão alterada da verdadeira fé. E em relação aos grupos hereges, a sua expansão da área de influência e difusão das suas ideias deve-se à presença de indivíduos destes grupos ao longo da educação de jovens nobres ou de outras famílias de alguma notoriedade que não tinham acesso para a educação que desejavam, tendo que recorrer às alternativas que tinham naquele preciso momento, levando a que sejam influenciados e suas mentes moldadas de acordo com as crenças dos mentores, algo que poderia beneficiar os grupos hereges com a proteção necessária para sobreviver à retribuição da Igreja.¹⁸⁹

Estes problemas formaram os objetivos que Domingos pretendia alcançar, que através da realização da pregação dos que não conheciam a palavra e luz da verdade do Senhor e vir ao encontro das comunidades cristãs para reivindicar suas almas dos falsos ensinamentos dos não-crentes para que possam caminhar na luz do Evangelho e não se afastarem da fé cristã. Como também fazer frente aos tais grupos denominados hereges para pregar e os retornar à cristandade, estes dois objetivos definidos viriam a guiar o Santo para o destino que o levaria para a ação missionária necessária para atingir tais metas.

O grupo herege que viriam a encaminhar uma guerra contra a Igreja Latina são os albigenses, ou cátaros, grupo que acreditava no conceito de dois princípios que definiam a realidade, o Bem e o Mal, desprezando todo o bem material que simbolizava o mal, vindo também a negar a prática do casamento e até a manifestação de Cristo na Terra. Eles apreciam a vida na pobreza, algo que a Igreja em decadência não representava com todas as suas riquezas, sendo este um dos pontos de contestação que os albigenses utilizavam nas disputas e para a expansão da sua

¹⁸⁹ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 25-32 e Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 33-44.

ideologia, que veio a amontoar apoiantes crentes desta heresia. Certos aspetos que não só caracterizam os albigenses como também outros grupos hereges atraem adeptos às suas ideologias, por contrastarem com as da Igreja que amontoavam desprezo por não viver de acordo com os ensinamentos da cristandade, enquanto possuíam bens materiais em demasia, que muitos consideravam a fonte do Mal, enquanto estes grupos seguiam a virtude da pobreza e a vida em austeridade, algo com que o povo se poderia relacionar, ao contrário da Igreja que se afastava dele com a sua vida privilegiada.¹⁹⁰

A Igreja não viria a tolerar tal transgressão à sua autoridade e é neste contexto que surge Domingos, o missionário que viria confrontar os albigenses, como também outros grupos hereges. Só ao assumir e viver através da prática da pobreza e da simplicidade, tal como Cristo o teria feito em vida, seguindo os mandamentos e pregando a verdade dos ensinamentos do Senhor, se viria a levar a cabo a defesa do cristianismo da Europa face aos insultos, descrenças e heresias que geravam a falta da crença do povo europeu na Igreja Latina. Domingos viria a exaltar-se e a elevar-se com a sua pregação do Evangelho, com um espírito missionário tão ardente que lhe valeria grande notoriedade perante o povo, dos hereges e da Igreja na sua reconquista pelas almas cristãs que se tinham desviado da luz do Senhor. Como também salvar as almas dos hereges a quem viria a demonstrar misericórdia, nesta missão que viria a cumprir até ao resto da sua vida.¹⁹¹

Na defesa da cristandade

Foi no conflito que a Igreja teve com os albigenses, que Domingos manifestou toda a sua virtude e devoção, numa época em que pela Europa, especialmente na França, onde a fé do homem era corrompida pelas seduções das heresias ditadas, a destruição das igrejas e das figuras santas, entre outros tantos sacrilégios levados a cabo pelos albigenses e os seus seguidores que realizavam os saques, as ofensas aos

¹⁹⁰ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 15-24 e Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 15-31.

¹⁹¹ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 15-24 e Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 15-31.

humildes servos de Deus e até assassinatos dos membros da Igreja. O mais notável destes assassinatos foi o de Pedro de Castelnau que se tornou num mártire quando foi convidado pelo conde de Toulouse para se realizar a sua reconciliação com a Igreja após a excomunhão que sofreu em Saint-Gilles. Mas o desejo para tal fim não era de natureza pacífica pela parte do conde, ele insultou Pedro e o colega que o acompanhou, exigindo que o estado de excomunhão fosse retirado senão eles viriam ao encontro da morte se tivessem a audácia de se retirarem da localidade. E foi nessa retirada após tal encontro, mesmo com escolta, que Pedro sucumbiu ao golpe de uma lança que atravessou o seu corpo, nos seus últimos momentos ele disse «Que Deus vos perdoe; quanto a mim perdoo-vos!»¹⁹²

Este assassinato chamou a atenção de Inocêncio III que veio a declarar que eram excomungados todos os membros dos albigenses, juntamente com a nobreza e outros que apoiavam a sua causa. Este conflito não ocorreu somente a nível da fé, como também militar, ao ponto que exércitos católicos e albigenses geraram batalhas lideradas pelos homens de diferentes crenças que afetavam a população da Europa. Mas a região de Toulouse representava a capital da heresia albigense, a região onde Domingos viria viver e pregar de acordo com o exemplo dos apóstolos, olhando para ela como a concentração do desvio da humanidade do caminho da verdade evangélica e viria ela combatê-la através da pregação de forma pacífica e devotada, só assim é que a verdade atinge as mentes do homem, não através da violência que é o utensílio da opressão da verdade, nunca recorrendo às armas, mas à palavra.¹⁹³

No seio desta guerra encontrava-se Domingos em Muret na região de Toulouse, onde se encontrava na companhia de sete bispos e três abades de Cister, local onde ocorreu uma grande batalha onde o Santo veio a marchar ao lado dos combatentes católicos com a cruz de Cristo segurado na sua mão com tal firmeza. A conclusão desta batalha levou a que o conde de Toulouse sofresse uma derrota que lhe custou os aliados e a população da localidade com a submissão destes à autoridade da Igreja.¹⁹⁴

¹⁹² *Histoire des Albigeois*, VIII, Pedro de Vaulx-Cernay, *apud*, Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, pág.43.

¹⁹³ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 65-84.

¹⁹⁴ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 33-44 e Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 45-64.

Domingos assumiu a responsabilidade de levar a cabo esta missão de fazer frente aos albigenses com bom grado na região de Toulouse, exercendo o exemplo da virtude da pobreza voluntária à medida que pregava o Evangelho, foi deste modo que para o resto da sua vida viria a praticar a sua ação ao serviço do Senhor. E tal ação levou à demonstração da sua devoção para defender a verdade que a fé cristã fornecia a todos os crentes, manifestando um espírito missionário ardente em si sempre que viesse a evangelizar os povos com que encontrava que eram atingidos pela maravilha que pesava nas palavras dirigidas pelo Santo e o seu exemplo. Nas suas palavras e pregações, Cristo era a figura mais valorizada e única perante a humanidade, através dele é que se conhece o mundo e ama-se tudo que habita em toda a Criação, ao afastar-se de Cristo, afasta-se da verdadeira fé, alegria e a paz tão desejada.

O Santo pregou de forma pacífica, exaltando a caridade e devoção ardente, a sua missão era mostrar aos hereges os erros que as suas crenças levavam durante o seu seguimento, para os convencer a abandonar tal caminho que era condenado pelas Escrituras e a receber o perdão no seu retorno à verdadeira fé, o derradeiro objetivo da sua missão não era a condenação das almas, mas sim a sua salvação para que fossem encaminhadas para a luz do Senhor, enquanto os católicos que combatiam os exércitos albigenses através das armas preferiam a punição de tais almas devido às ofensas infringidas perante a Igreja e o Senhor.¹⁹⁵

Durante a sua ação, Domingos veio a aclamar a adoração da figura sagrada da Virgem Maria, a mãe que entregou Cristo ao mundo para difundir a palavra de Deus e libertar o homem do pecado, simbolizando a maternidade e a função de protetora que recebeu a verdadeira palavra de Deus entregue pelo Arcanjo Gabriel. A Virgem Santa era a figura de grande adoração para muitos dos crentes pelos atributos que ela representava. Domingos veio a incrementar a influência de tal veneração através da exaltação da Saudação Angélica e da pregação perante o povo, para o encaminhamento dos seus espíritos para a ascensão para o Reino de Deus. Desse modo os seus corações encontrariam a fraternidade na figura de Maria e com alta intimidade perante a mãe e rainha que aclamava, o Santo veio a formar uma confraria para esta finalidade.

¹⁹⁵ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 65-84.

A sua devoção à figura da Virgem Santa levou a que o povo admirasse o Santo e a palavra que ele lhes dirigia, enquanto o número das confrarias do Rosário vieram a crescer. Este era um elemento essencial, tendo em conta que alguns indivíduos pertencentes ao povo cristão desconheciam algumas das partes constituintes do Rosário, alguns iam à igreja e ouviam os seus sermões, repetindo sempre as orações de forma mecânica. Para Domingos esta repetição representava um problema porque o povo não orava de forma devota, amar a figura de Maria não era repetir a palavra de amor várias vezes, mas dizê-la sempre de forma significativa e uma só vez bastava para demonstrar a adoração à Virgem Maria.¹⁹⁶

Contra a heresia Domingos recorreu à pregação através de argumentos, afrontas, paciência, a prática da caridade e da pobreza, realização de milagres e a diligenciar a figura da Virgem Santa e seu culto pela Instituição do Rosário, mantendo o caráter pacífico e demonstrando a verdade da fé católica através da razão. Ele veio a realizar debates contra os hereges recorrendo ao Evangelho e os textos sagrados, refutando seus ideais e crenças e trazer-lhes a verdade que o Evangelho provê para os que procuram o derradeiro caminho que o espírito deveria seguir para alcançar o Reino de Deus através das mesmas ações que Cristo realizou na difusão do bem do Homem, e que através do seu exemplo tal fim estaria no seu alcance. Tais ações valorizam a virtude da misericórdia e compaixão que estavam presentes no exercício da pregação de Domingos, salvando alguns dos não-crentes das fogueiras para os converter e oferecer uma chance para o seguimento do caminho da verdade e da redenção que os esperava, este ato veio a gerar admiração pelo Santo e a autoridade que ele exercia na sua missão, conquistando a confiança de outros hereges que se dirigiam para a conversão e elevação da santidade que Domingos demonstrava.

A Igreja ofereceu cargos de grande prestígio para o recompensar pelos seus feitos e serviços prestados em nome da Cristandade, mas o Santo recusou tais oferendas, preferindo as caminhadas pelos campos e estradas e as suas visitas às igrejas, renunciando qualquer dignidade ou bens mundanos para viver na pobreza que desejava. Continuava a sua pregação pelos locais por onde passava com um zelo inconquistável, dispondo-se sempre ao serviço dos pobres de forma caridosa e

¹⁹⁶ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 65-84.

acolhedora, sofrendo de lástima pelos desafortunados e os pecadores que caminhavam pelo mundo desconhecendo a luz acolhedora do Senhor, e amando todos os praticantes e dedicados da fé católica.¹⁹⁷

Em algumas das localidades isoladas onde pregou, o conhecimento sobre Cristo ou até sobre a sua existência não presenciava nas suas mentes, levando a que Domingos lhes ensinasse a Boa Nova, enquanto nas cidades ele marcou presença nas universidades para o fim de difundir a fé e fazer face às novas inclinações intelectuais que surgiram face às crenças da Igreja, passando o seu tempo em discussão com os professores e outros intelectuais na defesa dos ideais cristãos e da sua importância.

Durante o conflito albigense, Domingos veio a criar uma amizade com Montfort. Enquanto Domingos era um praticante da fé revestido com o seu hábito, Montfort era um homem das armas, um cavaleiro de certa notoriedade. Ambos foram figuras notáveis da guerra albigense, ambos fiéis à missão que tinham para cumprir em nome do Senhor a que se dispunham servir.

As ações devotas de Domingos levaram a que muitos que assistiram à sua evangelização ficassem inspirados e maravilhados por tal espírito de pregador e defensor da Igreja e da fé católica, sendo estes os seus primeiros discípulos, que num futuro próximo viriam a fundar a Ordem dos Pregadores. Alguns dos que foram tocados pelas palavras e compaixão do Santo eram hereges ou simplesmente desconhecedores da fé católica que foram convertidos pelas ações missionárias de Domingos de Gusmão.¹⁹⁸

Aceitação da proposta pregadora

Em 1215, os exércitos católicos alcançaram a vitória sobre os não-crentes, possibilitando a entrada em Toulouse, em Languedoc, com a derrota e falecimento do Conde e as suas forças em batalha, dando início à formação dos pilares que viriam servir para a fundação da Ordem dos Pregadores no que anteriormente era a capital

¹⁹⁷ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 65-84.

¹⁹⁸ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 65-84.

da heresia. Numa casa em Toulouse, dois homens vêm ao encontro do Santo para esse fim, inspirados pelo espírito que Domingos seguia na sua prática da fé, ambos provinham da região de Toulouse, Pedro Cellani que se apresentava como uma pessoa virtuosa e Tomás que possuía capacidades sociais e convincentes, estes dois, juntamente com a companhia de outros quatro indivíduos, se reuniram com Domingos. Todos os que se apresentaram nesta casa enfrentaram uma era de incerteza e conflitos que os rodeava com a ação dos não-crentes que ainda propagava, mas elevam-se os ânimos com a recente vitória que levaria à fundação da Ordem dos Pregadores.¹⁹⁹

Domingos, na presença destes seis discípulos, ofereceu a cada um deles uma vestimenta igual à sua, uma túnica de lã branca, vestidura de linho, juntamente com uma capa e capucho de lã preta, esta vestimenta pertencia aos cônegos regantes do cabido de Osma onde Domingos teve a sua iniciação, mas este hábito viria a ser usado principalmente pelos membros da Ordem dos Pregadores. Após ter entregue este hábito aos seus discípulos, todos estabeleceram a sua vida de forma uniforme de acordo com uma regra a que subjugavam, fundando tal estabelecimento com a autorização e cooperação do Bispo de Toulouse, Foulques, oferecendo o apoio e condições necessárias para levar a cabo a fundação da Ordem dos Pregadores, como também veio a auxiliar com os primeiros passos da fundação da ordem e na formação da regra que os seus membros viriam a seguir no seu ofício pregador.²⁰⁰

«Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Nós fazemos sentir a todos os presentes e futuros que nós, Foulques, pela graça de Deus, humilde ministro da sede de Toulouse, querendo extirpar a heresia, banir os vícios, ensinar os homens as regras da fé e formá-los nos bons costumes, instituímos como pregadores na nossa diocese a frei Domingos e seus companheiros os quais se propõem com pobreza evangélica, andar a pé e com suas vestes monásticas, anunciar a palavra de Deus.

E como o operário é digno do seu alimento e se não deve açaimar o boi que debulha o trigo, mas, ao contrário, aquele que prega o Evangelho deve viver do

¹⁹⁹ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 65-84.

²⁰⁰ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 65-84.

Evangelho, queremos que Frei Domingos e seus companheiros, espalhando a verdade na nossa diocese, nela colham também o necessário para manter a sua vida.

Eis o motivo porque, com o consentimento do cabido da Igreja de Saint-Etienne e de todo o clero da nossa diocese, lhes concedemos à perpetuidade, assim como a todos aqueles a quem o zelo do Senhor e a salvação das almas chamarem do mesmo modo ao ofício de pregar, a sexta parte dos dízimos que fruem as irmandades das nossas igrejas paroquiais, para suprir às suas necessidades, e para que eles, de quando em quando, possam descansar das suas fadigas. Se no final do ano sobejar alguma coisa, queremos e ordenamos que isso se empregue em adornar as nossas igrejas paroquiais, ou a socorrer os pobres, segundo o que o bispo julgar mais conveniente. Porque, estando por direito estabelecido que uma certa porção dos dízimos seja consagrada aos pobres, somos sem dúvida obrigados a admitir nessa participação os que abraçam a pobreza por Jesus Cristo, com o fim de enriquecer o mundo com o seu exemplo e com o dom celestial da sua doutrina, de tal forma que aqueles de quem recebemos as coisas temporais, recebam directa ou indirectamente de nós as coisas espirituais.

Dado no ano de 1215 do Verbo Encarnado, reinando o rei Felipe sobre os franceses e governando o conde de Montfort o Principado de Toulouse.»²⁰¹

Este documento redigido por Foulques, bispo de Toulouse, levou a que a ideia do Santo fosse consentida pela Sé Apostólica. A ordem viria a ser fundada com o desejo que esta viesse a pregar o Evangelho e assumir o papel como os pregadores que viriam a ensinar ao homem a regra católica e as boas práticas, defendendo-os da tentação e da heresia, exercendo a pobreza voluntária, caminhando a pé para difundir e louvar a palavra de Deus a todos os homens, vivendo de acordo com o exemplo de Jesus Cristo na sua humildade. A vida sem as distrações dos bens mundanos, vivendo somente do que necessitavam e nada mais, e de acordo com o Evangelho possibilita a aproximação dos crentes à verdade que se pretende atingir para alcançar o que Deus intende com o seu plano divino na Terra.

²⁰¹ Escrivães da Ordem dos Pregadores, t. 1, p. 12, nota, de Echard, apud, Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 81-82.

Domingos também recebeu o auxílio de Montfort durante os primeiros passos para a fundação da Ordem dos Pregadores, outorgando o castelo e terra de Cassenel em Agen, na mesma forma como ele teria doado anteriormente para o mosteiro de Prouille que veio a representar um bom benefício aos frades e freiras que lá habitavam. Mesmo assim, anos depois, o Santo viria a ter encontrado a si mesmo em arrependimento por ter aceito tais oferendas mundanas, deixando-as nas mãos de outros para se despejar delas, o Senhor viria a cuidar das suas necessidades e do seu bem-estar.

Mas de retorno à fundação da Ordem Dominicana, com a aprovação da sua ideia, Domingos despede-se dos seus discípulos e parte para Roma na companhia do bispo de Toulouse no aproveitamento do contexto da realização do Concílio de Latrão em 1215. Ao mesmo tempo que Domingos e o seu grupo amontoavam alguma reputação devido às pregações que tinham realizadas marcaram certos espetadores com o sentimento de admiração e maravilha pelas palavras do Santo, o que veio a fornecer à ordem uma influência positiva perante as cortes, monarcas e outras figuras de alta ou baixa estatura social.²⁰²

O Santo chega a Roma a pé após o seu longo percurso para se apresentar perante o papa Inocêncio III com os frutos das suas ações e ofícios ao serviço do Senhor graças à aprovação que recebeu. Muitos anos passaram desde a última vez que viajou para lá com D. Diogo, desta vez presenciava na cidade com o seu novo amigo, Foulques, que o acompanhou para ajudar no estabelecimento da ordem. Na presença do Papa, Domingos apresentou o seu desejo da fundação de uma ordem dedicada à prática de pregação e divulgação da verdadeira palavra do Senhor e da pobreza voluntária, mas Inocêncio III não mostrou favor à ideia apresentada, somente pondo o mosteiro de Prouille sob a proteção da Igreja, continuando o problema para o estabelecimento de uma nova ordem que serve através da pregação.

Mas Domingos e o seu fervor não se detiveram, vindo a discutir com Inocêncio III para incitar dúvidas nas suas palavras, apresentando alguns dos problemas existentes na Igreja e do papel de alguns bispos, a falta da ação evangélica e a ostentação que

²⁰² Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 65-84.

rodeava o clero, todos os problemas aqui presentes encaminhavam o Homem ao erro e afastamento do caminho desejado pelo Senhor, para andar na luz da sua verdade e aderir aos seus ensinamentos e palavra. Domingos queria explicar que a Igreja não devia somente preservar o Reino do Senhor, para expandi-lo através da devoção e da pregação para que os Homens sejam encaminhados para a luz do Senhor, para dar a volta à decadência que estava a ocorrer na Igreja e levantá-la para a inovação. Mesmo assim o concílio apresentou-se com obstáculos a tais novas ideias com a sua abordagem conservadora, onde foi também decidido o impedimento da criação de mais ordens para evitar a confusão, na altura o número destas encontrava-se em crescimento, sendo necessário controlar a situação por parte da Igreja.²⁰³

Esta situação demonstra semelhanças à que S. Francisco enfrentou durante a proposta da Ordem dos Frades Menores perante Inocêncio III, algo a indicar nesta situação é que o Papa também teve o mesmo sonho sobre ambos Francisco e Domingos como foi referido anteriormente. Inocêncio III viu Domingos a suportar as paredes do palácio de S. João de Latrão que estavam a desmoronar, simbolicamente, Domingos estava a impedir o desabamento da Igreja Romana, o Papa chamou Domingos e insistiu que ele e os seus companheiros voltassem a Languedoc e seleccionassem uma das regras antigas que fosse adequada para a Ordem para o serviço da Igreja e da sua prosperidade através da pregação.

Domingos encontrava-se em repleta alegria com a aprovação da sua ideia e Ordem por parte da Igreja, continuando a sua estadia em Roma onde se encontrou com Francisco, sendo este o primeiro encontro entre os dois santos durante a ocasião do Quarto Concílio de Latrão onde apresentaram as suas ideias, como também foram recusados e depois aceites com o sonho que Inocêncio III teve que levou à aprovação das duas Ordens Mendicantes, sendo ambas flexíveis que incluíram homens, mulheres e seculares na sua missão ao serviço do Senhor. Ambos os Santos eram figuras que incitavam grande admiração, uma esperança para a Igreja decadente para recuperar o que perdeu e combater através da pobreza e da palavra, também criando uma amizade entre ambos.²⁰⁴

²⁰³ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 85-92.

²⁰⁴ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 85-92.

«Sereis o meu companheiro, caminhemos juntos, amparemo-nos um ao outro e ninguém poderá prevalecer contra nós.»²⁰⁵

Fundação e estabelecimento da ordem dos pregadores

Durante a estadia de Domingos em Roma, o pequeno grupo de discípulos que deixou em Toulouse multiplicou no seu número, entre os quinze ou dezasseis novos membros desta família pregadora. Com o retorno do Santo, todos se reúnem em Notre-Dame de Prouille, levando a cabo a procura de uma regra segundo as instruções do Papa, para que a Ordem dos Pregadores venha a possuir delimitações e guia na prática da vida que o seguidor selecionou para o serviço do Senhor. Durante tal procura, recorreram a uma regra provisória até a seleção de uma regra com maior rigor e própria para a ordem que possibilitasse a derradeira prática de anunciar a palavra de Deus. Domingos trabalhava e instruía os seus pregadores no seguimento do exemplo de Cristo e dos apóstolos e para utilizar a palavra para o cumprimento da sua missão segundo o plano intendido para a ordem.

Mesmo assim era necessário a regularização ou legislação dos costumes e das tradições que os membros desta família deveriam seguir, e como legislador encontrava-se o fundador desta congregação, Domingos de Gusmão. Com as suas próprias mãos ele viria escrever, mas teria que contemplar e orar ao Senhor para o auxiliar neste impasse, vindo ao encontro do surgimento de duas figuras, cada uma possuindo um caminho ou regra a seguir, ambos sendo patriarcas da Igreja, Santo Agostinho e S. Bento. A indecisão continuou com a apresentação das duas opções, comparando ambas com o que a sua ordem recentemente fundada pretendia, logo ele teve que analisar a vida e feitos de ambos os Santos.²⁰⁶

Santo Agostinho nos inícios da sua vida não se apresentou como um cristão, mas um seguidor do maniqueísmo até ao ponto em que se converteu, o maniqueísmo na sua essência é semelhante à crença albigense na crença do conceito do Bem e o Mal,

²⁰⁵ Vida dos Frades, L.1, c.1, apud, Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, pág.91.

²⁰⁶ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 93-100.

ligando o primeiro com Deus e o último com o Diabo. Com a conversão, ele segue a instrução que Deus lhe solicitou para que fosse ler a Bíblia e que seguisse os seus ensinamentos, seguindo das virtudes da generosidade, pobreza, fraternidade e humildade para criar a forma mais elevada de veneração e amor por Deus e Cristo. Após tal acontecimento ele retirou-se para residência em Sagaste na companhia de amigos, estudando e examinando tudo o que refletia a divindade. Nos anos que se seguiram ele foi elevado ao cargo de sacerdote, vindo a fundar um mosteiro em Hipona que convidava a viva em comunidade e unidos na fraternização, acumulando uma certa paixão e devoção por esta sujeição a tal fraternidade onde todos se encontravam unidos na irmandade, sem divisões entre si, unidos pelas suas crenças e serviço à fé, à medida que praticava a pregação perante das massas da população, ganhando alguma notoriedade por parte dos espetadores que assistiam aos seus sermões, juntamente com o efeito que tais pregações tiveram na luta contra as heresias da sua atualidade. Este último ideal veio a moldar os anos seguintes da sua vida ao reproduzir as ações dos apóstolos, abrindo a sua casa a todo o clero e outros colaboradores que levaram à formação de uma comunidade para atingir a vida comunitária que desejava, onde ambos membros que assumiam cargos elevados e os restantes viviam em comunidade, partilhando os mesmos ofícios e possuindo os mesmos bens entre si.²⁰⁷

S. Bento por outro lado veio a fazer o oposto, ressurgindo somente a vida em clausura num estado de divisão entre o trabalho manual e os louvores atribuídos pelos cânticos ao Senhor.

Entre a escolha de ambas estas figuras patriarcas, Domingos selecionou Santo Agostinho e a sua regra, fáceis são as razões para tal escolha, Santo Agostinho viveu em circunstâncias muito semelhantes às de Domingos e dos seus seguidores, numa era de lutar contra a heresia através da palavra e apregoar a palavra de Deus na sua defesa. Domingos estudou a regra composta por este Santo, observando que nela só havia a exigência da realização das obrigações de natureza religiosa, apresentando-se como uma vantagem com a ausência da necessidade da submissão ou prestar obediência a qualquer governo, somente era exigido os deveres mencionados

²⁰⁷ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 93-100.

anteriormente, por exemplo: as orações; a prática do bem; observar e guiar os seguidores ou membros da ordem, auxiliando-os em caso do surgimento de algum problema ou retificação de comportamentos ou mentalidades conflituosas à espiritualidade entendida pela ordem a que pertence; prestar obediência à figura autoritária do mosteiro; e a prática da generosidade, sendo este último um dos pilares principais da Ordem Dominicana.²⁰⁸

Domingos aceita e submete-se à Regra de Santo Agostinho como também os restantes discípulos e seguidores da Ordem dos Pregadores viriam a também fazê-lo, mas surge uma questão em relação a que abordagem a Ordem dos Pregadores deveria tomar, deveria a ordem seguir uma vida dedicada à pregação da palavra de Deus e do Evangelho segundo o exemplo dos apóstolos como os sábios que difundiram e pregaram os ensinamentos da fé, ou tomar uma abordagem monástica ou de clausura, ou de uma vida com maior autonomia no sacerdócio secular? A dúvida ainda restava na mente de Domingos, ponderando no que se poderia fazer e comparando entre as duas opções apresentadas anteriormente, de que maneira poderia entregar ao povo a verdade da palavra, entre o apóstolo que livremente caminhava as estradas em pregação ou o monge monástico dedicado à clausura.²⁰⁹

O Santo continuou a ponderar até ao ponto de vir a considerar uma abordagem que incluísse ambas as ações apostólica e a regra monástica, não separando-as, para que se seguisse um plano de estudos teológicos em vez do trabalho manual, só através do ensino e completa interiorização dos conteúdos da Bíblia é que seria possível obter os meios para atingir a realização de uma pregação que sucedesse com o impacto desejado sobre os crentes e não-crentes, tudo isto suportado pelo ensino fornecido pelos religiosos com uma certa especialidade nesse setor para que fosse possível levar a cabo este plano. Desta forma os membros da ordem poderiam focar a sua atenção no papel como pregador ao mesmo tempo possibilitando também o acesso aos textos sagrados e ao estudo e ensino teológico, de certa forma adicionando a eficácia desejada na ação de pregar e salvar as almas através da palavra. Durante esta prática, os membros da ordem só poderiam carregar para as suas viagens só o necessário,

²⁰⁸ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 93-100.

²⁰⁹ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 93-100.

como também seria encorajado a ausência de acumulação de bens de luxo e negar quaisquer ofertas de bens mundanos, levando a que só viessem a possuir uma única túnica e armando-se para a sua missão com o seu conhecimento evangélico e a sua devoção.

Ao ponderar esta combinação, Domingos vem a afirmar que o apóstolo não somente servia para a instrução e pregação através da palavra como também ele era a representação de uma figura fortemente ligada ao cristianismo de uma forma universal e como uma manifestação da mesma inspiração que Jesus Cristo proveu sobre o Homem. Sobre tudo, seguir o exemplo de apostolado, ao juntando a figura do monge em clausura para servir de base para as tradições, de certa forma para que o objetivo definitivo dos Frades Pregadores se aplicasse à pregação e redenção das almas sem qualquer descanso para tal fim. E foram as tradições monásticas aprovadas em Prouille, juntamente com as alterações adicionadas durante as suas redações. «que cada prelado tivesse, no seu convento, o poder de dispensar os irmãos das obrigações gerais, quando assim o julgasse útil, sobretudo no que impedisse o estudo, a pregação e o bem das almas, tendo a nossa ordem sido, desde a sua origem, destinada à pregação e à salvação das almas e devendo todos os nossos esforços tender sem cessar ao proveito espiritual do próximo.»²¹⁰

Mas acima de tudo, de forma breve, Domingos tinha a intenção de que ele e os seus seguidores da Ordem viessem a seguir o exemplo dos Apóstolos, de viver como eles viveram, acompanhados pelas virtudes da pobreza e humildade para mendigar e pregar a palavra de Deus.²¹¹

Com a formação da regra também se estruturou a ordem e se alistou os deveres, obrigações ou práticas que os seus membros deveriam seguir. Em relação à conduta de deveres ou práticas, como os jejuns das carnes a serem praticados em certas ocasiões ou o silêncio que não deveria ser absoluto de forma a incitar o convívio e o diálogo entre os membros da ordem e até com os estranhos, mas para as mulheres este último não aplicava sobre elas. Viriam também enviar os membros às

²¹⁰ Constituições da Ordem dos Frades Pregadores, Prólogo, n.3, apud, Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, pág. 96.

²¹¹ Cf. André Vauchez «S. Domingos, “o mal amado”», in Jacques Berlioz, *Monges e Religiosos na Idade Média*, págs. 263-270.

universidades, principalmente os estudantes, para abertamente aceitarem os ensinamentos de natureza científica como também vieram a instruir e dirigir em algumas destas instituições de ensino, o que veio a acumular uma certa popularidade para os dominicanos, de forma a não quebrar a figura do monástico e manter nele o caráter apostólico, ambas as figuras combinadas formaram a figura do Frade Pregador. Ou seja, os membros da Ordem dos Frades Pregadores sujeitavam-se às imposições da vida apostólica em comunidade nos conventos da ordem, orando e a realizar estudos para os preparar para a vida aventureira como pregadores que os levaria de lugar a lugar, com isto, Domingos impõe que o estudo e a vida comunitária em pobreza seriam os valores que nunca deveriam ser tocados ou alterados, mas seguidos por todos os pregadores que intendem em seguir esta forma de viver.

O apoio que a ordem recebeu foi também um dos condicionantes à prosperidade, crescimento e difusão deste grupo e das suas ideias, principalmente quando Foulques forneceu três igrejas aos Dominicanos nos seus inícios, e a partir daí, eles viriam a expandir a sua ação pela Europa, pregando, ensinando, vivendo de acordo com as virtudes da caridade e pobreza e salvação das almas perdidas.²¹²

E assim foi escolhida a regra para a Ordem dos Pregadores, seguindo o apostolado e o exemplo do monge monástico, com a Regra de Santo Agostinho adaptada a este modo de vida e inserida na iniciação e como guia ao longo do percurso da vida de um membro dentro desta ordem. Isto veio também ao proveito de adquirir a proteção da Igreja Latina após o estabelecimento da regra selecionada, protegendo-os de qualquer abuso que possa ocorrer por parte de nobres ou monárquicos, e em retorno os dominicanos viriam a subjugar-se à sua autoridade, ao mesmo tempo desfrutando de forma razoável certas imunidades e liberdades adquiridas para que a conduta da pregação ocorra sem o incitamento de quaisquer problemas.²¹³

Em relação ao nome designado a esta ordem e à fundação da Ordem, com a eleição novo Papa Honório III, que sucedeu Inocêncio III que foi um dos maiores apoiantes da ordem, Domingos, em 1216, dirigiu-se a Roma para visitar e discutir sobre a ordem e a sua fundação com o Papa Honório III, mesmo tendo conseguido

²¹² Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 93-100.

²¹³ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 93-100.

obter os termos e direitos desejados, a designação de Ordem de Santo Agostinho não agradava o Santo, a denominação que pretendia obter, Frades Pregadores, carregava em si o significado e representação do que a ordem intendia com a sua prática pregadora e como uma testificação de tal ação. Domingos sucedeu em persuadir Honório III à designação desejada para a ordem, sendo esta categorizada como uma «ordem canónica sob a regra de Santo Agostinho»²¹⁴ como também levou à finalização da fundação da Ordem dos Pregadores.²¹⁵

Ao mesmo tempo que eram reconhecidos pelas suas ações e serviços prestados ao serviço do Senhor e da Igreja, tendo obtido tudo o que intendia, Domingos desejava voltar à companhia dos seus seguidores, mas com a aproximação do tempo da quaresma, o Santo permaneceu em Roma, no palácio do Papa, onde presenciou nas discussões de fé, exaltando o seu conhecimento e fé nessas mesmas ocasiões, explicando perante os sábios os métodos e abordagens que tomou na sua ação como pregador e luta contra as suas heresias, de que forma se deveria ensinar ao povo os ensinamentos das Sagradas Escrituras de forma a melhor refletir a moral e a instrução benevolente do Senhor.

O Santo também veio a ganhar alguma notoriedade na cidade de Roma devido às pregações que realizava, ao mesmo tempo que veio a conhecer o cardeal Hugolino, frequentando a sua casa, forjando uma amizade para com este. O cardeal era um homem venerado, como também era um amigo do Poverello, S. Francisco de Assis, atraído também a Domingos pela sua prática mendicante, e ao longo dos tempos, Hugolino veio a apoiar ambos os Santos ao longo do percurso das suas vidas e das ordens que formaram, e que no final das vidas de ambos ele viria a assumir o cargo de Papa, como Gregório IX, onde ele veio a canonizar ambos Domingos e Francisco pelas suas ações devotas em vida.²¹⁶

«Há de haver dezasseis anos que eu vim a Roma passar o tempo da quaresma e o papa hoje reinante, que nesse tempo era bispo de Óstia, recebeu-me em sua casa.

²¹⁴ Actas de Bolonha, 2º depoimento, apud, Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, pág.106.

²¹⁵ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 93-100.

²¹⁶ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 101-110.

Nesse mesmo tempo Frei Domingos, fundador e primeiro superior da Ordem dos Pregadores, estava na corte romana, e vinha a miúdo visitar o bispo de Óstia. Isso deu-me ocasião de conhecê-lo: a sua conversa agradou-me, e comecei a afeiçoar-me a ele. Falávamos muitas vezes sobre cousas que diziam respeito à nossa salvação e à salvação dos outros, e parecia-me que nunca encontrara homem mais religioso, embora na minha vida tivesse já falado com muitos que o eram. Porém, nunca vira nenhum com tão grande zelo pela salvação do género humano. Fui no mesmo ano estudar teologia a Paris, porque combinara com ele que depois de estudar dois anos, e depois dele também ter terminado o estabelecimento da sua ordem, iríamos juntos trabalhar na conversão dos pagãos da Pérsia e dos países setentrionais.»²¹⁷

Ambos o Santo e o cardeal desfrutaram da troca de palavras entre si, nas suas discussões sobre a salvação das almas, sobre as virtudes e teologia, Hugolino veio a afeiçoar-se a Domingos, reconhecendo-o como um homem bastante devoto perante o Senhor e dedicação em salvar o homem da armadilha do pecado e da heresia, para evitar a queda da sua alma no purgatório, orando sempre por todos os cristãos. O cardeal não foi o único a ser conquistado pelo ânimo e devoção de Domingos, como também avassalou a juventude e os mais idosos do tempo presente, planeando também expandir os planos da sua Ordem ao ponto de levar a sua pregação para as regiões do norte e do oriente, desejando realizar a sua ação entre os que não eram crentes do cristianismo, até ao ponto de aceitar o custo da sua vida no martírio como o final da sua vocação como pregador. Mas até esse ponto teria de se ocupar com o continente europeu, Domingos volta para a companhia dos frades pregadores em Notre Dame de Prouille para se reunir com eles.²¹⁸

Difusão e organização da ordem

Como foi referido anteriormente, a Ordem cresceu no seu número de membros de diferentes nacionalidades, como espanhóis, franceses e um inglês, um começo para

²¹⁷ Actas de Bolonha, 2º depoimento, apud, Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, pág.109.

²¹⁸ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 101-110.

esta nova Ordem e o primeiro passo em frente para os Frades Pregadores. Iniciaram-se as primeiras missões, com a participação dos membros mencionados anteriormente nas escolas e universidades que viriam a ter um impacto sobre este setor a nível dos estudos e no ensino, permitindo o avanço dos conhecimentos dos membros e a possibilidade de assumir responsabilidades nos institutos no ensino, consequentemente levando a cabo o ensino e difusão da palavra do Senhor e da teologia, de uma certa forma, esta era uma outra maneira de difundir a pregação do Evangelho. Em relação a como foram distribuídas algumas das responsabilidades de administrar províncias e conventos que a Ordem ocupava, localidades que eram designadas como cabidos, elas eram entregues a membros da Ordem que demonstrassem as capacidades suficientes para guiar os membros e levar a cabo a missão dos Pregadores por cada localidade, sendo tais membros os Superiores da ordem, que asseguravam o bem-estar de cada cabido.²¹⁹

Outras missões levam para além do ensino, como a pregação dos povos na Europa que continuavam a desconhecer o cristianismo, ao mesmo tempo que esta ação ocorria, muitos que assistiram a ela também se inspiraram e mostraram o seu desejo em juntar-se a Ordem para seguir uma vida humilde ao serviço do Senhor e na salvação das almas. Como também foi levado a cabo a missão de combater as heresias ainda existentes na sua atualidade através da devoção, conhecimento e da palavra do Senhor.

Para melhor efetuar a missão da sua Ordem, Domingos reconhece três cidades principais que eram o foco de várias reuniões e atividades realizadas, sendo as cidades de Roma, Paris e Bolonha as localidades onde o Santo chegaria a enviar membros da Ordem e aí construir conventos ou mosteiros de forma a criar pontos de foco ou capitais da Ordem dos Pregadores. Isto não significa que as missões noutras regiões da Europa sejam abandonadas, mas ao tomar um lugar nestas cidades Domingos e a sua Ordem viriam a beneficiar das vantagens fornecidas por estas localidades, Roma foi obviamente selecionada por causa de ser a casa do pontífice e capital da cristandade, enquanto Bolonha e Paris possuíam as melhores universidades existentes na época

²¹⁹ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 111-118 e Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 15-31.

onde se reuniam várias gentes de diversas nações. Com a concentração das gentes nestas localidades vem-se a incrementar a eficácia da pregação e da difusão dos ideais dominicanos que estas gentes seriam expostas e conseqüentemente viriam a divulgar ao que assistiram por aí fora.²²⁰

Tal eficácia provém do desejo de Domingos para a preparação dos membros da Ordem dos Pregadores para a sua ação missionária ou pregadora através dos estudos teológicos e dos textos sagrados para que a pregação ocorresse de forma coerente e verdadeira na anunciação da palavra de Deus. Ou seja, exigia que os membros obtivessem conhecimentos e uma formação em teologia, sendo esta a razão principal que levou a que estes dirigissem às universidades para a formação desejada através de o estudo aprofundado dos textos e da disciplina como preparação à vida apostólica para que viessem a guiar os homens a nível espiritual e abençoar as suas almas. Por esta causa, os Frades Pregadores davam importância aos estudos e ao ofício intelectual, sendo este trabalho de principal prioridade na Ordem, devido à necessidade de desenvolver capacidades de argumentar de forma serena contra opositores da doutrina da Igreja Católica, como também ensinar o Evangelho a ambos fiéis e infiéis como também realizar o apostolado de forma eficaz e cumprir a função e missão pregadora da ordem de forma a saber como «Falar com Deus e de Deus.»²²¹, como também realizar as orações para tal finalidade.²²²

A teologia teve a sua importância neste estudo devido ao aprofundamento que fornece a nível do papel como pastores ou guias da humanidade como também a nível espiritual, ambos aspetos teológicos que levam ao engrandecimento da vida na Terra como também veio a exaltar a alma perante de Deus, vindo ao encontro da profunda alegria que se encontrava semeada dentro do Homem para o derradeiro absorvimento da benevolente verdade das palavras de Deus que traziam tais riquezas à alma.²²³

Ainda mais eram os planos do Santo Pregador, desejando atravessar os mares para se chegar aos infiéis e converte-los, mas para tal fim teria que se aprofundar no

²²⁰ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 111-118.

²²¹ André Vauchez «S. Domingos, “o mal amado”», in Jacques Berlioz *Monges e Religiosos na Idade Média*, pág. 267.

²²² Cf. André Vauchez «S. Domingos, “o mal amado”», in Jacques Berlioz, *Monges e Religiosos na Idade Média*, págs. 263-270.

²²³ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 15-31.

processo de organização da ordem, ou seja, cargos de administração e outras responsabilidades a serem assumidas pelos restantes membros em caso da ausência do Santo entre eles enquanto este leva a cabo os projetos de pregação para além das fronteiras da cristandade. E à medida que a Ordem crescia, também enviava mais membros para difundir a pregação e divulgar a palavra do Senhor, tudo isto correspondendo ao plano desejado e aos objetivos estabelecidos pela Ordem dos Pregadores e as suas virtudes e princípios.

E tal crescimento levou ao surgimento de membros notáveis na Ordem, alguns que resistiram às tentações e seguiram as virtudes que viriam a difundir pelo mundo fora, guiados pelo exemplo apostólico e pela vontade do Senhor como também viriam a dar continuidade ao legado e à missão pregadores ao longo dos séculos seguintes. Como eles também aprenderam tais princípios e virtudes através do fundador, Domingos de Gusmão, que conviveu e viajou com eles ao longo da sua vida, tal convivência que fomenta a ideia principal da ordem para a vida em comunidade que se intendia em refletir dentro da ordem, como também através de tais interações passou aos seus discípulos os ideais de austeridade e de ternura, juntamente como veio a declarar a Regra de Santo Agostinho e a estabelecer a veneração da figura da Virgem Maria e o seguimento do culto do Rosário. Houve casos em que alguns destes membros intendiam que a regra alterasse para integrar nela a possibilidade de posse de bens e menos exigências na dedicação à pobreza, cujas propostas foram recusadas pelo Santo, nenhuma virtude valia mais que a pobreza, a condutora do Homem para a humildade e para a luz da verdadeira fé.²²⁴

A Ordem dos Pregadores difundiu-se pela Europa com a responsabilidade de levar a cabo a missão que foi destinada aos seus membros de pregar e salvar o Homem, Domingos e os seus seguidores vieram a construir vários mosteiros e conventos à medida que o Santo continuava com o seguimento do exemplo mendicante apostólico ao viajar só com o necessário para as suas jornadas, confiando em Deus para prover de tudo que viesse a escassear, e este mesmo modo foi seguido pelos membros da Ordem nesta prática de pobreza voluntária e da caridade ao mesmo tempo divulgando a palavra do Senhor e iluminando todos os homens com a luz da

²²⁴ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 111-118.

verdade evangélica. Todos viajando sempre a pé, em alguns casos até descalçados, visitando povoamentos onde realizavam pregações, juntamente com a realização de alguns milagres e acontecimentos levados a cabo por parte do Santo com toda a sua devoção em que previa acontecimentos com as suas visões, com as suas conversões e oratórias ardentes com a sua fé perante do público maravilhado, realizando também exorcismos e com seus companheiros combateram as tentações que os confrontavam, e em alguns casos específicos em que ele entrega a redenção da alma aos pecadores para os encaminhar para a salvação e à luz do Senhor e do seu Reino.²²⁵

A expansão continua, a Ordem possuía conventos em Espanha, Itália, França, Alemanha e até na Polónia, usufruindo de todos os meios e influências ao seu dispor como condicionantes para tal fenómeno à medida que a popularidade dos Frades Pregadores crescia, eles encontravam-se por toda a Europa e Domingos era o mestre geral de uma Ordem com grande influência. De vez em quando eles reuniam-se para discutir medidas sobre a ordem, encorajar ainda mais o abandono dos bens materiais ou incitar mais a prática da pobreza, estas virtudes demoraram a serem estabelecidas, enquanto a Domingos, elas já se encontravam interiorizadas nele, desde a intervenção de D. Diogo em Montpellier onde afirmou que somente através da pobreza é que seria possível fazer frente às heresias, onde aprendeu e início a prática da vida apostólica, sendo estas condicionantes as que viriam moldar a Ordem dos Pregadores, mesmo que Domingos viesse a aceitar propriedades oferecidas a ele e à Ordem, mais tarde viria a renunciá-las.

Francisco de Assis praticou a pobreza voluntária e a mendicância, Domingos também seguiu tal abordagem à pobreza, mas não de forma tão extrema como a franciscana, Domingos não exigia tal elevado rigor perante os restantes membros da Ordem, inserindo tal mentalidade só consigo mesmo, aceitando o que lhe é oferecido para depois livrar-se do que foi doado, focando o ensino e pregação como os principais focos da Ordem.²²⁶

Mas por outro lado, Domingos via a pobreza não da mesma forma que Francisco, mesmo assim venerando-a ainda como uma virtude, a pobreza para Domingos não era

²²⁵ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 157-172.

²²⁶ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 185-198.

somente uma forma de exaltar humildade e de exemplificar a figura apostólica, mas era uma arma para ser utilizada contra a heresia. Isto veio a levar a que os dominicanos fossem mais flexíveis nos seus meios do que os franciscanos, eles vieram a obter mais propriedades e terras para levar a cabo a luta contra os hereges.²²⁷

Tinha concluído o processo de organização da sua Ordem, onde Domingos teve o auxílio e administração de alguns magistrados, denominados definidores, que tomaram conta das ações e negociações da Ordem dos Pregadores, desta forma o poder do Santo tinha os seus limites e podia focar-se na luta contra a heresia e na pregação. Onde veio a continuar as suas jornadas no cumprimento da sua missão, visitando universidades e mosteiros onde era bem-recebido e onde participava nas discussões sobre temas espirituais e assuntos da fé e da salvação, como também se dirigia às povoações ou cidades para a ação apostólica e pregadora, realizando os seus feitos à medida que os membros da Ordem seguiam o seu devoto exemplo, como também veio a restaurar a fé nos descrentes e a levar o perdão de Deus sobre os pecadores.

O Santo sempre expulsou as trevas tentadoras que se incidiam sobre a alma do Homem através da luz da verdade que provem das suas palavras. Sempre a insistir com os membros da Ordem, lembrando sobre os regulamentos estabelecidos de realizar e realçar a prática da pregação, nunca aceitando quaisquer doações ou ofertas de bens materiais, encorajando-os para somente realizarem os estudos e da pregação e nunca se aplicarem a outros ofícios disponibilizados para o benefício pessoal.²²⁸

De retorno à Ordem estabelecida como uma Ordem Terceira, esta encontrava-se constituída por religiosos de ambos os sexos dispostos a defender a Igreja e os seus ideais, utilizando o traje mencionado anteriormente que possui alguma simbologia nas suas pigmentações que refletiam o espírito que a Ordem pretendia exaltar: o branco que se relaciona com a virtude da inocência e o preto que representa a prática pregadora. Tais símbolos que se refletiam no seu dia-a-dia com o cumprimento de jejuns, orações, sermões, castidades e privação de dormir a favor das orações.

²²⁷ Cf. André Vauchez «S. Domingos, “o mal amado”», in Jacques Berlioz, *Monges e Religiosos na Idade Média*, págs. 263-270.

²²⁸ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 185-198.

Com a criação da Ordem, muitos aderiram a ela como membros, desde viúvas a homens que procuravam a sua redenção no serviço do Senhor segundo os ensinamentos do Santo, todos estes associados aos Frades Pregadores à medida que cresciam com cada ato inspirador, como também veio a originar muitos Santos que viriam a surgir nos anos que se seguiam para deixar a sua marca no mundo com o seu exemplo humano, humilde, caridoso, pregador e apostólico, levando tanto a si mesmos como aos seus seguidores ao derradeiro tesouro das virtudes, o mesmo ocorrendo com Francisco e a sua Ordem, estava concluída a missão tão desejada e ambiciosa de Domingos de Gusmão após todos estes anos.²²⁹

Últimas ações e falecimento de Domingos de Gusmão

Vários foram os anos que Domingos projetou a Ordem que desejava fundar e trabalhou para que ela se tornasse numa realidade, recheado de memórias das localidades onde veio a visitar para orar e pregar a palavra do Senhor e da verdade evangélica. As suas ações variam desde milagres com a ressuscitação dos mortos até às conquistas do coração do povo que veio a admirar e venerar a figura deste Santo, juntamente com o apoio que obteve de dois papas, Inocêncio III e Honório III, a quem ele veio a prestar serviço, como também o prestou à Igreja Latina.

A idade começou a afetar o Santo, questionando-se a si mesmo se ele alguma vez viria a encontrar-se perante Jerusalém e pregar entre os infiéis, mesmo que ele acabasse como um mártire, esse era o fim que ele mais desejava para a sua vida, no serviço de Deus. Mesmo assim, numa última visita a Roma, o Papa Honório III concedeu a Domingos diplomas que serviriam como provas inquestionáveis da devoção e serviço prestado à Igreja e à fé, juntamente com todos os feitos realizados em nome do Senhor e à Ordem que ele viria a deixar na Terra para dar continuidade à missão para muitos dos anos que viriam seguir. À medida que se despedia das gentes de Roma, Domingos encontra-se com Foulques, um velho amigo e bispo de Toulouse que ainda continuava a viver no serviço do Senhor, ambos alegres com o cumprimento

²²⁹ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 185-198.

dos objetivos de entregar a luz do Senhor a todos os homens, durante muitos dos anos eles cooperaram neste plano ambicioso de levar a cabo esta ação missionária que teve os seus frutos de sucesso, como também estavam orgulhosos por toda a servitude prestada perante a Igreja.²³⁰

As missões dos Frades Pregadores que se difundiram pela Europa tiveram os seus impactos pelos países que vieram a estabelecer-se por oito províncias:

- Espanha;
- Roma;
- França;
- Lombardia;
- Provença;
- Inglaterra;
- Alemanha;
- Hungria.

Por cada província, Domingos de Gusmão enviou membros da Ordem para levarem a cabo a ação pregadora por estas localidades, desde a Paulo da Hungria que pregou no seu país como também o fez perante os Cumanos até Gilberto de Frassinét na Inglaterra, alguns sucedendo enquanto outros enfrentaram certos obstáculos à ação apostólica, mesmo assim, grande parte do continente europeu ficou exposto à influência da doutrina dominicana, juntamente com a construção de conventos em algumas das localidades mencionadas que condicionaram o aumento da influência dos Frades Pregadores, grande foi o impacto da ordem que Domingos viria a deixar para trás no momento que viesse ao encontro do fim da sua existência na Terra e entrasse no Reino dos Ceus.

Depois da sua saída de Roma, Domingos vem ao encontro de alguns amigos com quem teve grandes amizades, como o Cardeal Hugolino com quem veio a encontrar-se em Veneza para se despedir por uma última vez, seguido pela continuidade da sua jornada até chegar ao convento de Saint Nicolas, onde o cansaço pesava sobre o seu corpo gasto pelos esforços do dia, como o tratamento dos assuntos da ordem. Durante

²³⁰ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 199-216.

a sua estadia, Domingos adoece, mesmo assim, ele tenta combater a fraqueza que lhe inflige, continuando as suas orações, mas impossibilitado de realizar as caminhadas que fazia, nunca se queixando do avanço desta enfermidade, nem pelas dores, sempre apresentando-se alegre, chamando os irmãos para a sua companhia para os animar, que se encontravam preocupados com a condição enferma da figura paterna que Domingos representa.²³¹

Dirigiu a eles a sabedoria da sua doutrina e da palavra de Deus, entres os que estavam reunidos encontravam-se os membros mais velhos e os mais incomodados, vindo a confessar alguns dos seus erros e pecados cometidos, mas com bom ânimo, o Santo dirige a sua palavra, cuja sabedoria viria a servir de guia para as gerações que os Frades Pregadores viriam passar. Entre eles, frei Ventura confessa as suas ações em vida, e o Santo responde «A misericórdia de Deus conservou-me até hoje uma carne pura e uma virgindade sem mácula; se desejais conseguir a mesma graça, evitai todas as relações suspeitas. Pela prática desta virtude é que o servo se torna agradável a Cristo, e que obtém glória e crédito perante o povo. Sede constantes em servir o Senhor com fervor de espírito; aplicai-vos a manter e espalhar esta ordem, que está apenas em começo; sede firmes na santidade, na observância regular e cresci em virtude.»²³² Só através de seguimento e prática das virtudes da castidade através do celibato é que se pode aproximar-se de Cristo, de forma a melhor seguir nos seus passos e praticar a santidade desejada, de servir o Senhor com grande devoção e difundir a derradeira fé e salvação perante todos os homens na Terra através da difusão da palavra do Senhor.²³³

O diálogo entre eles continuava, alguns falando com verdade nas suas palavras ao expor as suas dúvidas e confissões de forma cordial, Domingos responde a tal humildade e honestidade dizendo que a eles ele viria a deixar um legado composto pelas virtudes que deveriam salvaguardar as virtudes de pobreza, benevolência e da simplicidade, que estas guiassem as gerações vindouras que aderissem à Ordem dos

²³¹ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 199-216.

²³² Vida de S. Domingos, c.20, n.234, de Thierry d'Apolda, apud, Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, pág. 206.

²³³ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 199-216.

Pregadores, para que nunca caíssem na armadilha da ganância com a aquisição de bens mundanos, amaldiçoados por Deus aqueles que caíssem nela.²³⁴

Os irmãos que rodeavam o Santo estavam em concordância com as palavras, ao mesmo tempo que tentavam arranjar tratamento para Domingos e a sua condição, levando-o para Santa Maria dei Monti para o receber, mesmo assim, não se avistava cura nem melhoramentos da sua enfermidade, pelo contrário, ela agravava-se. Com a aproximação da morte, Domingos chama novamente os seus irmãos e pede-lhes que o Santo fosse sepultado debaixo dos pés dos irmãos, na sua igreja. Eles levam Domingos a Bolonha, uma das principais localidades onde se tinha estabelecido a ordem, seus membros entristecidos pela aproximação da partida do Santo para o Reino dos Ceus, ele tenta dar-lhes o conforto, mas a hora da despedida final aproximava-se, cada membro da ordem despedia-se do Santo.²³⁵

Durante uma das últimas orações com os membros da ordem, vieram a orar para que Deus recebesse Domingos no seu reino «Vinde em seu auxílio, santos de Deus; vinde ao seu encontro, anjos do Senhor, tomai a sua alma e conduzi-a à presença do Altíssimo»²³⁶, foi neste momento, 6 de agosto de 1221 que Domingos de Gusmão faleceu. O cardeal Hugolino chega tarde na sua visita ao Santo, tendo chegado momentos após os últimos suspiros, mesmo assim, para celebrar as ações que o Santo fez em vida, o seu corpo foi passado perante da multidão, uma tristeza que penetrava os corações dos seus próximos e das gentes desconhecidas.

O corpo do Santo foi colocado num caixão de madeira que viria a ser selado com pregos de ferro, tais materiais refletiam a simplicidade desejada, só as virtudes praticadas em vida, juntamente com o impacto que elas deixaram sobre os que as receberam, somente estas é que serviam para honrar Domingos e o seu sepultamento em Bolonha. Não haveria quaisquer monumentos nem escrituras na pedra, somente colocando o caixão numa cova no interior da igreja cobrindo-a com pedra com todos os cuidados e honras necessárias, tudo isto tal como o Santo tinha desejado e pedido a seus irmãos, para que tivesse sempre próximo deles debaixo dos seus pés, e em

²³⁴ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 199-216.

²³⁵ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 199-216.

²³⁶ Vida dos Frades, L. II, c. 23, de Gérard de Frachet, apud, Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, pág.209.

retorno, todos os irmãos viriam a honrar a figura que o Santo representava, um mentor, um pai, um ser humano afetuoso e corajoso ao longo da sua vida.²³⁷

Ele veio a deixar um legado, vários textos para a interpretação dos membros e outros leitores juntamente com muitas obras que eram frutos do seu trabalho árduo, cujo esforço o acompanhou até aos últimos momentos da sua vida e refletiu bem as virtudes que manifestou que deixou uma impressão sobre os homens da sua geração, tanto como tal impressão veio a refletir sobre as gentes nos tempos seguintes perante a alma gentil, sábia e compassiva de S. Domingos de Gusmão.²³⁸

Jordão da Saxónia, um dos membros notáveis dos Frades Pregadores, herdou as responsabilidades de administrar e liderar a ordem do venerado fundador, Domingos de Gusmão, após o seu falecimento, assegurando que as virtudes e doutrinas da ordem mantivessem e que fossem levadas a cabo pelos membros, esta figura representava e refletia o caráter do santo patriarca, o que veio a fomentar a preservação dos ideais da Ordem dos Pregadores. Enquanto o cardeal Hugolino assumiu o alto cargo de pontífice máximo, assumindo o nome de Gregório IX, que veio a conceder honras sobre Domingos.

Os membros da ordem ainda enfrentavam um problema, havia o receio da condição do corpo de Domingos que foi sepultado de uma forma que o põe exposto a encontrar-se deteriorado ao longo dos tempos devido às condições naturais da forma humilde que ele desejou ser sepultado. Eles desejavam abrir o túmulo, mas tal curso de ação seria indesejado por Deus por caso de ofensa ou profanar, mesmo assim, visitaram o sítio onde estava sepultado o Santo e abriram o túmulo e o caixão só para se encontrarem impressionados com o que encontraram. Um estranho aroma perfumava o ar que estes religiosos, caindo numa derradeira tempestade de alegria dentro de si, chorando e louvando a Deus quando encontram os ossos de Domingos rodeado por relíquias, os seus restos mortais difundiam tal aroma da sua santidade perante os homens para incitar tal verdadeira alegria e sentimento de veneração para a figura do Santo e suas virtudes. Após ter aberto o túmulo, voltam a fechar o caixão

²³⁷ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 199-216.

²³⁸ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 199-216.

com a decisão que o Santo fosse sepultado num monumento de mármore numa capela, ao mesmo tempo que tal estrutura mantivesse a simplicidade.²³⁹

Os religiosos vieram a partilhar o acontecimento que lhes ocorreu, o aroma e a divindade de Domingos que se manifestava, mesmo na morte. Tal acontecimento milagroso nesta ocasião chamou a atenção do papa Gregório IX para levar a cabo a canonização de S. Domingos, enviando eclesiásticos para reunir toda a informação sobre a vida do Santo para finalizar este procedimento, sendo canonizado no ano de 1234. Um homem que desde a sua juventude tinha um coração caridoso e disposto a servir Deus, ao longo da sua vida realizou milagres e fundou uma ordem dedicada à pregação, à salvação das almas com o seu grande zelo e ensinar a palavra do Senhor, vindo a ajudar a Igreja na luta contra a heresia de forma exemplar. Devolveu a voz aos mudos, como também auxiliou os cegos e os surdos, curando enfermidades, sempre a favor de preservar o corpo que o espírito ocupava. Um homem que deixou um legado e acumulou a admiração de muitos que aderiram ao culto da figura de Domingos de Gusmão que se difundiu por toda a Europa, tal como a sua família, a Ordem dos Pregadores, continuaram a sua missão até aos dias de hoje. Tal missão que foi levada a cabo com um fogo missionário ardente que surpreendeu toda a Europa, ao ensinar o homem a amar o Senhor, pois não haveria bem mais precioso do que a sua santidade, como veio também a afirmar que tal amor era o direito fundamental de qualquer ser humano para ser conhecido e praticado entre si.²⁴⁰

Domingos fundou uma ordem constituída por ambos praticantes da pregação e sábios teólogos, ambos o fundador e membros da Ordem dos Pregadores manifestaram um fogo ardente na sua alma na sua missão como pregadores ao serviço de Deus, venerando a figura da Virgem Maria, cuja adoração pelo povo era incontestável, e praticando o Santo Rosário que provia o enriquecimento da alma com os valores evangélicos. Domingos deixou a impressão do derradeiro exemplo da piedade, da pregação, da pobreza voluntária e da razão, tais heranças deixadas a seus discípulos de todos os ramos da ordem para que continuem a sua ação pregadora e

²³⁹ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 217-227.

²⁴⁰ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 217-227.

convivência com tal fervor e devoção, quer seja na oração ou a andar pelo mundo, a palavra de Deus viria a ser entregue a todos os Homens.²⁴¹

Mas nos anos que se seguiram, Domingos foi visto como o fundador do terrível organismo da Igreja, a Inquisição, não a criando intencionalmente, pois esta não existiu durante a sua vida na forma pela qual é conhecida, pelas suas práticas tenebrosas perante os hereges muitas das vezes consideradas pelos contemporâneos desumanas. A Inquisição relaciona-se à Ordem dos Frades Pregadores devida à seleção de algum dos juízes da ordem para aderirem à fundação desta organização, mas esta ligação à Inquisição a Domingos não só se deve a participação dos membros na fundação deste organismo, como também se deve a difusão desta noção por parte de outros membros do clero com uma abordagem crítica perante tais membros, que muitos anos após a morte do fundador da Ordem Dominicana, não tinham entendido a santidade de Domingos de Gusmão.

Mesmo assim, Domingos e a Ordem dos Frades Pregadores, apesar desta reputação, tiveram um impacto sobre a sociedade medieval devido à sua presença no ensino das escolas e universidades e nas suas diversas disciplinas e temas intelectuais, como guias ou pastores que guiavam o rebanho ou o povo através do exemplo Apostólico, como uma ordem de intelectuais ou doutores.²⁴²

²⁴¹ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 15-31.

²⁴² Cf. André Vauchez «S. Domingos, “o mal amado”», in Jacques Berlioz, *Monges e Religiosos na Idade Média*, págs. 263-270.

3.2 Figuras marcantes da ordem dominicana

Tomás de Aquino

A Ordem dos Pregadores veio a suscitar o surgimento de certos intelectuais e teólogos de grande notoriedades como se pode evidenciar nos seus ensinamentos e pregações que realizaram, mas entre estes, tal como a São Boaventura da Ordem Franciscana, os Dominicanos tiveram o notável São Tomás de Aquino, um grande teólogo, mentor e filósofo da Ordem, surgindo várias vezes ao longo da história da Igreja e dos seus escritos devido às suas obras sobre a realização da teologia como uma componente essencial da prática da fé cristã.²⁴³

Nos anos de 1224 ou 1225, nasceu Tomás num castelo pertencente à sua família, cujo estatuto social era de nobreza, próximo de Aquino, na localidade de Roccasecca. Com o passar dos anos, o jovem Tomás é enviado para a abadia de Montecassino que se situava perto da sua terra natal para obter a sua educação, e ainda mais anos depois ele deslocou-se para Nápoles, a capital do Reino da Sicília, onde apreendeu os conhecimentos sobre a filosofia grega, vindo ao encontro da figura de Aristóteles durante os seus estudos, e cujos princípios desta figura notável da filosofia vieram a marca o jovem. Foi em Sicília em que Tomás aderiu à Ordem dos Pregadores, atraído pelo conceito de realizar a jornada para o Oriente para o fim de pregar entre os infiéis, mas a sua família recusou tal atração à vida religiosa, sendo obrigado a abdicar da túnica dominicana e a deixar o convento.

Só quando ele se tornou num adulto é que ele pôde regressar à vocação religiosa dominicana, sendo enviado para Paris, onde os dominicanos se tinham estabelecido, encontrando-se sob a instrução de uma outra figura Santa da Ordem, Alberto Magno, ambos se tornaram amigos próximos um do outro durante o percurso dos estudos aristotélicos, filosóficos e teológicos, o seu mentor teve a intenção de que o seu estudante o seguisse para Colónia para a fundação de uma casa de estudos dedicada

²⁴³ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 73-80.

ao desenvolvimento do conhecimento teológico, como também veio a realizar leituras das sagradas escrituras.²⁴⁴

O surgimento dos estudos a nível filosófico e teológico deve-se ao retorno de diversas obras que se pensavam estarem perdidas com o passar dos anos, vindo do Oriente onde estas obras foram recuperadas quer seja através do contacto e viagens com os árabes ou as Cruzadas, obras sobre o conceito do conhecimento, de astronomia, sobre a natureza, moral, razão e outros vários temas que provém do mundo antigo, como as obras do filósofo Aristóteles. Tal recuperação de textos ou obras incitou a vários pensadores ou intelectuais ao fascínio até ao ponto de vir ao encontro de tais fontes de conhecimento que viriam a ser obtidas, preservadas e divulgadas entre várias comunidades de intelectuais, mesmo que houvesse alguma oposição por parte de certas obras que rejeitavam alguns dos conceitos da cristandade ou o receio pela origem não cristã de obras que foram escritas num tempo antecedente a Cristo.²⁴⁵

O absorvimento deste conhecimento que se tinha julgado perdido, como já se referiu anteriormente, realizou-se com um certo nível de exaltação por uns, e outros o fizeram com alguma hesitação devido à natureza pagã destas fontes de conhecimento que tratam dos conceitos em relação do Homem com a existência, o mundo e Deus.²⁴⁶

Mas voltando a Tomás de Aquino e a sua educação com Alberto Magno, ele veio a realizar trabalhos de natureza intelectual, que provém da sua examinação das obras de Aristóteles, do desenvolvimento de capacidade a nível da teologia e filosofia à medida que interpretava os textos do filósofo grego frequentemente, que referiam sobre a racionalidade radical. Tal como foi referido anteriormente, os textos levantaram dois lados opostos, duas culturas, uma que interpreta e aceita o raciocínio da forma tal como Aristóteles o expôs sobre a razão, e uma que se situa na cultura clássica cristã que se manteve com a sua perspectiva através da fé. Estes textos puseram em causa a posição da intelectualidade do homem, tal como a afirmação de

²⁴⁴ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 73-80.

²⁴⁵ Cf. Swanson, *The twelfth century renaissance*, págs. 40-65.

²⁴⁶ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 73-80.

que esta somente existia de uma só forma, uma forma de inteligência ou espírito único presente de forma igual por todos os homens.

Filosofias como estas geraram diversos argumentos e debates entre eclesiásticos e sábios, entre fé e razão, neste caso, Tomás de Aquino realiza também a sua interpretação, gerando uma que viesse a criar uma harmonia ou coexistência entre a fé e a razão, mesmo que estes tivessem as suas disparidades tanto como semelhanças, eles seriam aplicados na prática da teologia como utensílios para o seu entendimento e enriquecimento do saber teológico. Tal abordagem foi exposta nos seus escritos compostos por si mesmo, tal obra demonstrou que ambas poderiam cooperar uma com a outra sem se deixar de recorrer à fé, tal abordagem veio a influenciar as sociedades e as suas mentalidades nos séculos que se seguiam, a coexistência da teologia e da filosofia.²⁴⁷

Com tal demonstração intelectual, Tomas de Aquino é convocado de volta para Paris para assumir um novo ofício como mestre de teologia para instruir os membros da Ordem dos Pregadores. Durante o seu tempo no exercício do seu novo dever, ele veio a gerar ainda mais obras de natureza teológica que serviriam como grandes contribuições não só para os dominicanos, como também para os restantes ramos da Igreja e outros intelectuais. E continuou assim até ao fim dos seus dias, com a escrita de comentários em relação ao saber aristotélico até discursos à medida que criava novas amizades ao longo do percurso da sua carreira entre os pregadores, tal amizade que incitava proximidade para com os seus amigos de forma gentil e de irmandade.²⁴⁸

As suas contribuições para com os dominicanos permitiram uma boa coordenação dentro da Ordem com o estabelecimento de um plano de estudos que melhor divulgasse os textos religiosos e os seus ensinamentos e conhecimentos perante os membros através da escrita das suas obras, como também veio a contribuir com cânticos que se envolviam em torno da fé cristã e sobre o Senhor, em específico, no momento da sua Crucificação. Os sucessos dos ensinamentos de Tomás de Aquino refletiam-se nos seus alunos e ex-alunos, que mostravam grande felicidade quando assistiam às suas sessões.

²⁴⁷ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 73-80.

²⁴⁸ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 73-80.

Outras contribuições para a Ordem estendem-se também para a pregação, a prática principal dos dominicanos, conquistando também os corações das gentes do povo que assistiam aos sermões, como um indivíduo que realizava ambos os ofícios de pregador e teólogo em harmonia de forma a contribuir e desenvolver ambos, esta abordagem sempre se presenciou em defesa da teologia e do pensamento cristão.²⁴⁹

Ele veio a divulgar os ensinamentos e as virtudes do Evangelho, como também veio a exaltar a figura de Deus, de Cristo e da Virgem, esta última sendo uma das principais figuras de veneração na Ordem dos Pregadores como também foi venerada por Tomás de Aquino devido à forma como esta manifestava a alegria e tal graça, devotando à figura da Virgem Maria e sempre a incluindo nas suas orações devido aos atributos referidos anteriormente e à caridade e amor.²⁵⁰

Como também veio a acumular uma certa admiração e reputação de forma a prestar o seu dever de instruir papas e príncipes sobre vários temas através de uma abordagem livre na mentalidade de Tomás de Aquino que permitiu a divulgação de tais conhecimentos de forma eficiente e facilitada para a sua interpretação, o legado que Tomás de Aquino deixou com as suas palestras e obras tiveram um impacto nas áreas da teologia tanto como nas mentalidades de diversos intelectuais.²⁵¹

Muitas foram as disputas e discussões, tanto como os sermões e as aulas que São Tomás de Aquino realizou, juntamente com as suas obras que contribuíram para a abordagem teológica e filosófica para os religiosos e intelectuais, realizando o seu ofício até ao final dos seus dias com o seu falecimento em 1273, na abadia de Fossanova.²⁵²

²⁴⁹ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 73-80.

²⁵⁰ Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 89-96.

²⁵¹ Cf. Jacques Verger «Tomás de Aquino, um universitário na Idade Média», in Jacques Berlioz, *Monges e Religiosos na Idade Média*, págs. 287-302.

²⁵² Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 73-80 e Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, págs. 89-96.

3.3 Regra de S. Agostinho e estrutura da ordem

Tal como foi referido anteriormente durante a fundação da Ordem dos Pregadores, Domingos de Gusmão teve que seleccionar uma regra que servisse como base e guia perante os seus discípulos que viriam a aplicá-la, e entre as regras propostas pela Igreja, o Santo seleccionou a Regra de S. Agostinho devido aos princípios presentes nela que coincidiam com a doutrina dominicana que ele desejava instituir na sua Ordem.

Os princípios que o próprio Santo Agostinho incluiu na sua Regra eram os mesmos que Domingos intendia em incluir e regular o modo de viver do frade pregador, da vida em comunidade, do uso da palavra na defesa da fé cristã e do Senhor, e a busca e entrega à Verdade divulgada por Deus sobre o Homem, através dela é que o homem se eleva ao Reino dos Céus.²⁵³

O carácter estudioso dos dominicanos provém do incentivo da busca da Verdade, do conhecimento existente nos textos sagrados e da sua valorização, que através do aquisição de tais conhecimentos é que se atinge a Verdade, e no fim, conhece-se melhor Deus e a sua vontade, e tal conhecimento viria a ser usado ao seu serviço e na defesa da fé perante o surgimento dos descrentes que encontravam-se difundidos pela Europa, juntamente com a ação pregadora que, com a leitura e estudo de obras com conhecimentos teológicos, permitia uma melhor inserção e difusão da fé pelo povo que se tinha desviado ou desconhecia dos ensinamentos de Deus.²⁵⁴

Santo Agostinho originou o desejo em ler e conhecer os textos dos antigos teólogos, discípulos, profetas, como também da Bíblia para o enriquecimento do conhecimento da mente e do espírito, aliando ambos no progresso da existência humana na Terra à medida que progredia com a sua aproximação a Deus através da obtenção de tais conhecimentos, ambos estando sempre relacionados, a alma na procura da verdade. Tal procura foi uma das principais práticas da Ordem dos Frades Pregadores que vieram a contribuir para as instituições de ensino e intelectualidade na

²⁵³ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 93-100.

²⁵⁴ *Santo Agostinho - Confissões*, págs. 118-119.

Europa, principalmente nas universidades onde vieram a ser difundidos tais conhecimentos teológicos.²⁵⁵

Nesta procura da Verdade, não só bastava a curiosidade, inteligência ou somente o incentivo para a encontrar, mas a humildade e simplicidade, só através delas é que pode interpretar as ações do Senhor e os seus ensinamentos, para abandonar o que seria mundano ou material para entrar nas profundezas do conhecimento em torno do Divino e encontrar a derradeira felicidade em Deus, e só nele.²⁵⁶

Encontrando alegria e felicidade em Deus e na sua Verdade, Santo Agostinho afirma que só nestas é que o homem encontra felicidade na sua vida, alguns satisfazem e encontrar alguma forma de alegria nos bens materiais, mas nunca de forma permanente devido à vontade consumidora de querer possuir mais, nunca satisfeito com o que já possui, com o bocado de si perdido. Enquanto em Deus e na Verdade, tais correntes de consumismo são quebradas, na procura da verdade dos seus ensinamentos e palavras, pode-se encontrar virtudes que elevam a alma ao ponto de viver simplesmente na satisfação na posse do que somente necessitava e nada mais, de estabelecer uma relação com Deus e encontrar-se na luz do seu saber e da Sagrada Escritura de forma humilde e na difusão de tal Verdade entre os homens, amando-a incondicionalmente e aceitando-a, e não aceitando a mentira e a ostentação dos bens e outros demais prazeres.²⁵⁷

A Regra de Santo Agostinho apelava sempre a busca da Verdade de Deus, da vida comunitária e da difusão da fé através da pregação, aspetos que coincidem com o objetivo que Domingos de Gusmão tinha em mente para a sua Ordem de forma a refletir as virtudes e princípios que deveriam estar presentes por cada frade pregador no seu dia-a-dia. Desde o hábito que reveste o membro da ordem, cujas cores refletem as virtudes do pregador, como o branco que se relaciona com a virtude da inocência na túnica de lã branca, vestidura de linho e o preto que representa a prática pregadora na capa e capucho de lã preta. Tudo isto até ao apelar da vida em comunidade,

²⁵⁵ *Santo Agostinho - Confissões*, págs. 139-174.

²⁵⁶ *Santo Agostinho - Confissões*, págs. 175-210.

²⁵⁷ *Santo Agostinho - Confissões*, págs. 285-353.

incentivando parceria e familiaridade entre os irmãos quer na oração ou nos estudos teológicos.²⁵⁸

Estes princípios refletem-se na própria Regra de Santo Agostinho, em algumas das suas páginas encontra-se algumas em relação à vida em comunidade e de tal modo de viver, da pobreza ou da abstenção da posse de bens pessoais e da humildade, por exemplo:

- «2. Em primeiro lugar, já que para isto vos reunistes na comunidade, vivei unânimes na casa e tende uma só alma e um só coração dirigidos para Deus.»²⁵⁹
- «6. Não se orgulhem pelo fato de estar reunido àqueles de quem não se atreveriam aproximar-se, quando estavam fora; mas elevem o coração e não procurem as vaidades terrenas, para que os mosteiros não comecem a ser útil aos ricos e não aos pobres, se ali os ricos se humilham e os pobres se enchem de orgulho.»²⁶⁰
- «1. Dedicai-vos às orações nas horas e tempos marcados.»²⁶¹
- «2. Quando sairdes, ide juntos; quando chegardes ao destino, permanecei juntos.»²⁶²
- «2. Igualmente, ninguém trabalhe para si. Todos os trabalhos sejam feitos para a comunidade, com maior empenho e alegria do que se cada um fizesse seus próprios trabalhos. Porque a caridade da qual está escrito "que não procura o próprio" (um Cor. 13,5), também assim se entende: antepõe as coisas comuns às próprias, não as próprias às comuns. Por isso podeis deduzir que progredistes mais, quanto maior dedicação tiverdes às coisas comuns que às próprias. Para que em tudo o que se

²⁵⁸ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 65-84.

²⁵⁹ http://www.agustinosrecoletos.com/wp-content/uploads/2016/09/5270Regra_de_Santo_Agostinho.pdf, Capítulo I, 03/09/2018, 15:45.

²⁶⁰ http://www.agustinosrecoletos.com/wp-content/uploads/2016/09/5270Regra_de_Santo_Agostinho.pdf, Capítulo I, 03/09/2018, 15:50.

²⁶¹ http://www.agustinosrecoletos.com/wp-content/uploads/2016/09/5270Regra_de_Santo_Agostinho.pdf, Capítulo II, 03/09/2018, 15:54.

²⁶² http://www.agustinosrecoletos.com/wp-content/uploads/2016/09/5270Regra_de_Santo_Agostinho.pdf, Capítulo IV, 03/09/2018, 15:56.

utiliza por necessidade transitória sobressaia a caridade que permanece.»²⁶³

Como se pode ver, a Regra coincidiu e veio a refletir o percurso e desenvolvimento da Ordem que Domingos de Gusmão tinha projetado para o seguimento dos seus membros numa regra monástica que depois veio a ser combinada com o conceito apostólico para formular a doutrina dominicana com a mistura de ambas para uma vida de estudo e cultura livresca no mosteiro e de pregação pelo mundo fora da palavra de Deus. Para contribuir para a difusão da luz da Verdade de forma a lembrar os crentes e converter os infiéis com a devoção de cada frade pregador para tal finalidade e encontrar nela a verdadeira alegria, que terminasse no salvamento das almas ou no seu martírio.²⁶⁴

²⁶³ http://www.agustinosrecoletos.com/wp-content/uploads/2016/09/5270Regra_de_Santo_Agostinho.pdf, Capítulo V, 03/09/2018, 16:10.

²⁶⁴ Cf. Lacordaire, *Vida de S. Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*, págs. 93-100 e Cf. Vauchez, *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental – Séc. VIII-XIII*, págs. 141-178.

Conclusão

A Ordem dos Frades Menores e a Ordem dos Pregadores e os feitos que ambos os fundadores e os seus membros realizaram levaram a cabo a um renascimento da espiritualidade da Igreja e da sociedade medieval com as suas práticas de austeridade, pobreza e simplicidade, cujas doutrinas causaram um fenómeno de difusão tanto pela Europa da Idade Média como também veio a propagar-se para além das suas fronteiras com a sua abordagem radical à fé cristã.

Francisco de Assis e Domingos de Gusmão, juntamente com as suas ações e a dos membros das suas ordens, marcaram a Idade Média com esta renovação da fé como também a nível cultural defenderam a influência do cristianismo na Europa, mesmo que ambas as ordens possuíssem semelhanças e diferenças na sua estrutura e métodos, e delas surgiram outros diversos santos que vieram a dar continuidade à prática da doutrina mendicante com grande impacto sobre as sociedades em que se inseriam quer na prática de uma pobreza radical, quer no exercício literário, do estudo e no ensino Evangélico, ambas encontravam-se unidas na simplicidade e mendicidade na prestação do serviço à Igreja Latina e de Deus no seu Reino para a difusão da fé e dos ensinamentos do Senhor.

De forma breve, ambas as Ordens Mendicantes vieram a condicionar a situação da Europa do século XIII com o seu surgimento e difusão pelos vários reinos aí existentes, expondo as suas populações a novas doutrinas que as aproximaram à Igreja e a Deus, quebrando a distância criada entre ambas devido à circunstância da degradação da Igreja em geral e das suas ostentações. Esta mudança da imagem da Igreja deve-se à prática de ambos os Frades Menores e dos Frades Pregadores a contrariarem, através da sua ação, as crenças de que a Igreja não vivia de acordo com a fé que pregava.

Pelo contrário, as Ordens Mendicantes vieram a renovar a imagem da Igreja Latina e a contestar as heresias dos cátaros, dos albigenses e dos restantes grupos cujas influências encontraram-se em declínio devido à constante prática dos valores da

pobreza, humildade e simplicidade e da exaltação dos valores da fé cristã das Ordens Mendicantes com grande impacto, levando a um sucesso da defesa do cristianismo. Ao mesmo tempo que a Ordem Franciscana e a Ordem Dominicana realizavam ações de caridade com o auxílio prestado aos pobres e enfermos, reconquistando a confiança do povo na Igreja.

A Ordem Franciscana ou a Ordem dos Frades Menores, veio a distinguir-se pelo seu espírito e prática radical da pobreza, venerando a Senhora Pobreza e a viver na mendicidade da mesma forma que Cristo e a sua família viveram na duração das suas vidas. Que nesta forma de viver viriam a encontrar na vida a verdadeira felicidade na ausência de bens mundanos que só satisfazem as necessidades gananciosas temporariamente, e que a permanência do estado do ser humano na alegria só é atingida através do seguimento da mendicidade, não sendo rico em dinheiro ou outras tantas posses, mas no seu próprio valor, na sua devoção e na sua alma, sendo elevada de forma livre, ao apreciar tudo criado pela mão de Deus, ao imitando o exemplo de Jesus Cristo, não estando ancorado na Terra pelos bens temporários mundanos. E que no fim, viriam a encontrar o derradeiro tesouro no Reino dos Céus.

Enquanto os dominicanos, ou Ordem dos Pregadores, praticaram também a pobreza, mas não como uma forma de exaltar a virtude, mas como uma arma para fazer frente às contestações realizadas pelos grupos de não-crentes, sendo a “pregação” a palavra-chave sempre presente na doutrina dominicana, em difundir os ensinamentos da Sagrada Escritura e do Evangelho. A doutrina dominicana tinha como prioridade o ensino e o estudo dos textos teológicos e do Evangelho, para que os membros da ordem se encontrassem preparados para levar a luz da Verdade do Senhor a todos os homens na Terra, eles também praticavam a pobreza, mas não de forma radical como os franciscanos faziam. O seu foco era a entrega de tal Verdade, de se entregarem à luz de Deus e a difundir por onde caminhassem, valorizando os livros que contivessem o conhecimento de tal Verdade e fazer frente às heresias e prestar serviço à Igreja de Roma, ao mesmo tempo que também praticavam a virtude da humildade no exercício do seu dever como pregadores do Rosário, venerando a Virgem Maria, como a figura que recebeu a luz que a guiou ao nascimento de Cristo.

Ambas as ordens eram semelhantes e diferentes na forma como levavam a cabo a prática das suas doutrinas, mas ambas vieram a surpreender a sociedade medieval com estas formas de práticas devotas. Tais práticas vieram a levar com que muitos aderissem as estas mesmas ordens, contribuindo para a sua difusão pela Europa, e nos anos e séculos que se seguiram, pelo mundo fora, atingindo os dias de hoje. Mesmo para aqueles que não praticam a religião, estas doutrinas elevavam o Homem e o seu valor acima de quaisquer ostentações ou tentações, como um ser com uma certa virtude ou altruísmo que lhe era desconhecido.

O conhecimento das Ordens Mendicantes e dos impactos que tiveram marcam o cumprimento dos objetivos estabelecidos. Ambas as ordens, apesar das suas diferenças, vieram a assumir um papel de grande importância na sociedade medieval e cristã da Europa, a preservar a Igreja de Roma na Europa, contribuindo para o desenvolvimento de doutrinas e noções teológicas nas mentes de intelectuais, mas não somente destinadas aos membros do clero.

Fontes e bibliografia

Fontes Impressas

Fontes Franciscanas I – São Francisco de Assis, Braga: Editorial Franciscana, 2017.

Ordem Franciscana Secular – Textos Legislativos, Braga: Editorial Franciscana, 2008, págs. 29-48.

Santo Agostinho, *Confissões*, Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 2008.

Referências bibliográficas

Ait, Ivana. «A Burguesia (Comerciantes, Médicos, Juristas, Notários)», in *Idade Média – Catedrais, Cavaleiros e Cidades*, Volume II, coordenação de Umberto Eco, trans. Carlos Aboim de Brito e Diogo Madre Deus, 165-169. Milão: Publicações Dom Quixote, 2011.

Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*. Trans. Original da Libreria Editrice Vaticana. Braga: Editorial Franciscana, 2010.

Colli, Andrea. «Universidade e Ordem dos Estudos. O Método Escolástico», in *Idade Média – Castelos, Mercadores e Poetas*, Volume III, coordenação de Umberto Eco, trans. Carlos Aboim de Brito e Diogo Madre Deus, 319-339. Milão: Publicações Dom Quixote, 2011.

Davide, Diego. «Mercados, Feiras, Comércio e Vias de Comunicação», in *Idade Média – Catedrais, Cavaleiros e Cidades*, Volume II, coordenação de Umberto Eco, trans. Carlos Aboim de Brito e Diogo Madre Deus, 141-150. Milão: Publicações Dom Quixote, 2011.

Lacordaire, Henri Dominique. *Vida de São Domingos: Fundador da Ordem dos Pregadores*. Senhora da Hora: Praedicare, D. L. 2003.

Le Goff, Jacques, *S. Francisco de Assis*, Lisboa, Ed. Teorema, 2000.

Le Goff, Jacques. «As ordens mendicantes», in *Monges e Religiosos na Idade Média*, Jacques Berlioz, 227-242. Lisboa, Terramar, 1996.

Lopes, P. Fernando Félix. *O Poverello – S. Francisco de Assis*, Braga: Editorial Franciscana, 1996.

Mastromartino, Fabrizio. «As Ordens Religiosas», in *Idade Média – Castelos, Mercadores e Poetas*, Volume III, coordenação de Umberto Eco, trans. Carlos Aboim de Brito e Diogo Madre Deus, 254-257. Milão: Publicações Dom Quixote, 2011.

Swanson, R.N.. *The twelfth-century renaissance*. Manchester: Manchester University Press, 1999.

Vauchez, André. «IV – O Evangelho no Mundo: Cristocentrismo e busca da Santificação (Século XIII – Início do Século XIV)», in *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental – Séc. VIII-XIII*, trans. Teresa Antunes Cardoso, 141-178. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

Vauchez, André. «S. Domingos, “o mal amado”», in *Monges e Religiosos na Idade Média*, Jacques Berlioz, 263-270. Lisboa, Terramar, 1996.

Vauchez, André. «S. Francisco de Assis», in *Monges e Religiosos na Idade Média*, Jacques Berlioz, 243-262. Lisboa, Terramar, 1996.

Verger, Jacques. «Tomás de Aquino, um universitário na Idade Média», in *Monges e Religiosos na Idade Média*, Jacques Berlioz, 287-302. Lisboa, Terramar, 1996.

Vitolo, Giovanni. «O Crescimento Demográfico e a Urbanização», in *Idade Média – Catedrais, Cavaleiros e Cidades*, Volume II, coordenação de Umberto Eco, trans. Carlos Aboim de Brito e Diogo Madre Deus, 134-137. Milão: Publicações Dom Quixote, 2011.

Webgrafia

http://www.agustinosrecoletos.com/wp-content/uploads/2016/09/5270Regra_de_Santo_Agostinho.pdf - 03/09/2018, 16:10.